

ENCICLOPÉDIA DIDÁTICA BRASILEIRA: sob a direcção do

professor **José Oiticica**

SÉRIE B - n.º 1

# MANUAL DE ANALISE

(LÉXICA E SINTÁTICA)

POR

**JOSÉ OITICICA**

(Professor substituto de português do Colégio Pedro II)

2.ª edição, melhorada



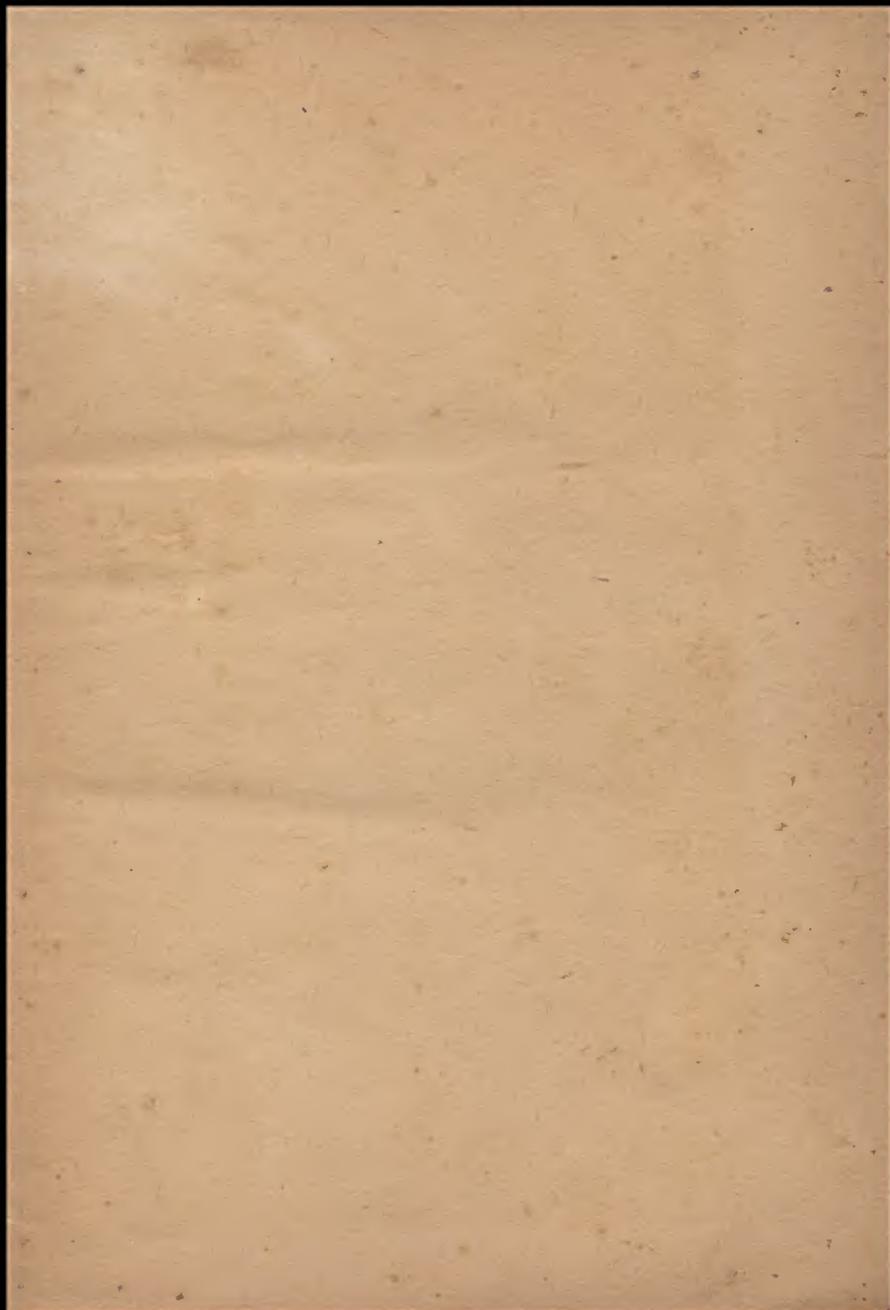
Typographia Baptista de Souza

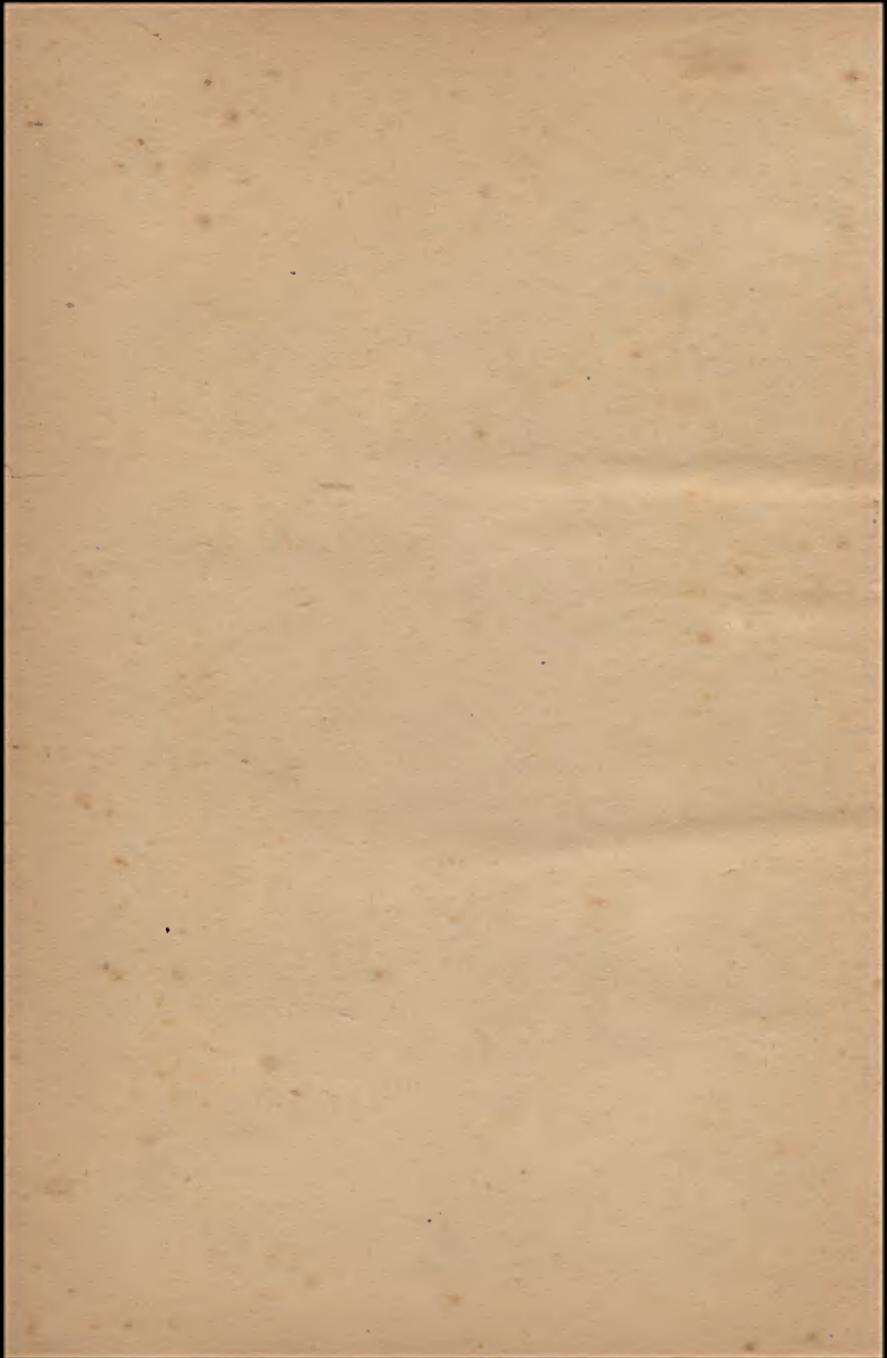
RUA MISERICORDIA, 51

Rio de Janeiro

1933



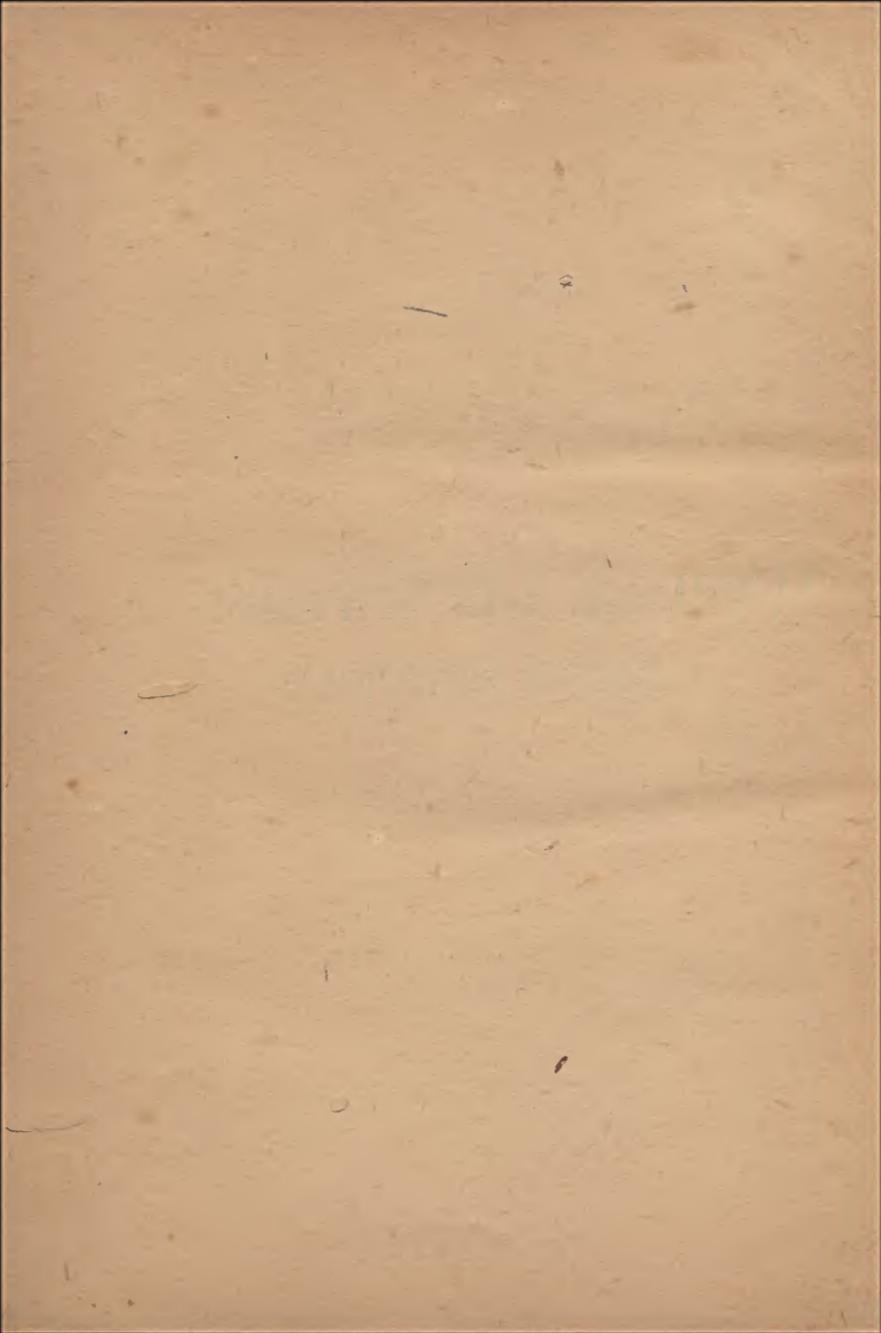




MANUAL DE ANÁLISE

(LÉXICA E SINTÁTICA)





---

ENCICLOPÉDIA DIDÁTICA BRASILEIRA: sob a direção do

professor **José Oiticica**

SÉRIE B - n.º 1

---

# MANUAL DE ANÁLISE

(LÉXICA E SINTÁTICA)

POR

**JOSÉ OITICICA**

(Professor substituto de português do Colégio Pedro II)

2ª edição, melhorada

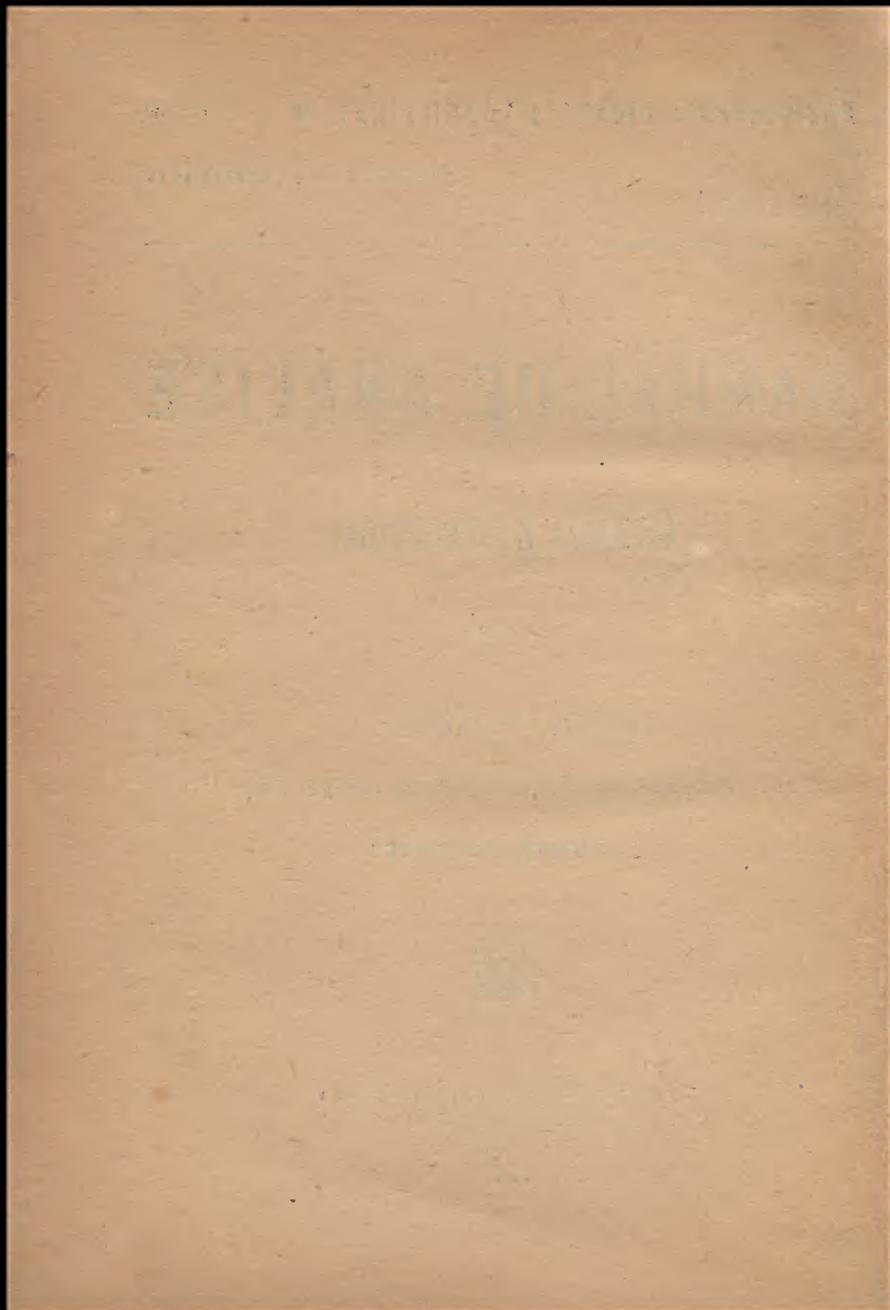


Typographia Baptista de Souza

RUA MISERICORDIA, 51

Rio de Janeiro

1933



## ADVERTÊNCIA

Os exercícios de análise portuguesa têm-se limitado à análise taxionômica e sintática, erigindo-se esta de futilidades e mesmo absurdos com desprezo de particularidades essenciais, mórmente das construções irregulares ou, melhór, ilógicas.

Muito mais importantes que a taxionomia são a fonologia e a morfologia, esta sobretudo, donde ressaí viva a língua em seus processos e tendências.

Nada se fez, até hoje, por introduzir o gôsto da morfologia nas escolas. Mantemos, além disso, na própria taxionomia, a mesma classificação velhíssima das *partes do discurso*, quadro insuficiente para a caracterização das palavras.

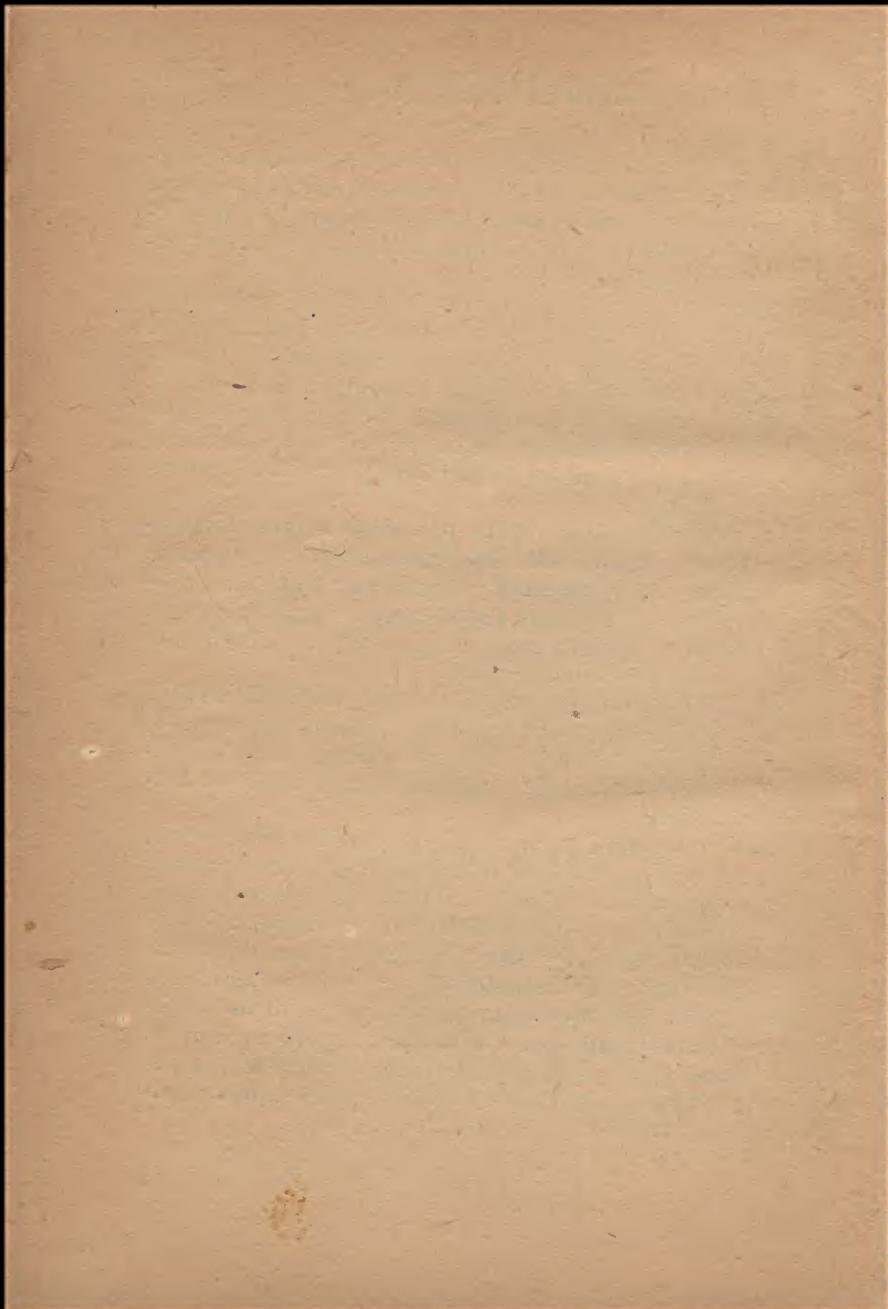
O *Manual de Análise* tenta pôr còbro a isso alargando os estudos descurados, completando a taxionomia, simplificando a nomeclatura da análise sintática, desenvolvendo, ao contrário, tudo quanto logicamente se deve desenvolver, explicando as construções irregulares tão comuns e tão embaraçantes.

Sei que êste livrinho é falho em muitos passos. Rogo aos professores o favor de me assinalarem erros, opôrem francamente suas objecções, levantarem dúvidas, fornecerem quaisquer trechos complicados ou frases indeslindáveis.

Tudo concorrerá para aperfeiçoamento dêste livro, onde agito idéas e delato vícios, certo de que o melhór livro é o que mais provoca a exame e discussão.

Cumpre declarar que muito devo à *Grammática* do Dr. Maximino Maciel. Mesmo onde mais me afasto do eminente professor do Colégio Militar pode o leitor ver de quanto me vali, aproveitando-lhe os quadros sinópticos e desenvolvendo-os. Outrossim, reitero aqui meus agradecimentos ao professor Antenor Nascentes, cate-drático de espanhol do Pedro II, cujas observações tanto concorreram para melhorar esta 2.<sup>a</sup> edição.

J. O.



### *Definições preliminares*

**I — Linguagem** é a manifestação do pensamento ou do sentimento pela fala.

**II — Frase** é a expressão oral de um pensamento ou sentimento; ex.: *Sai hontem. Dane-se!*

**III — Palavra** é a expressão oral de uma *idéa*, *emoção* ou *denotação*; ex.: *frasco, arre!, eis.*

**IV — Síllaba** é o elemento de enunciação da palavra; ex.: *can-ti-ga.*

**V — Fonema** é o elemento de enunciação da síllaba; ex.: *p-a; a-b; t-i-r.*

**VI — Morfoso** é o elemento mórfico da palavra; ex.: *de-stru-i-ç-ão, ob-rig-a-r.*

**VII—Flexões** são as modalidades desinenciais da palavra; ex.: *ama-r, ama-s, amo-u, ama-ndo; gat-o, gat-a, gato-s, gat-inho, gat-azio.*

**VIII — Raiz** é o elemento originário de palavra; ex.: *paternidade, construcção.*

**IX—Radical** é a raiz modificada; ex. *illuminar* (raiz *ruc*); *estatua* (raiz *sta*)

**X—Gramática** é a exposição dos factos da linguagem.

**XI — Gramática portuguesa** é a exposição dos factos da língua portuguesa.

---

**I — A Gramática** estuda: *a)* a palavra isoladamente; *b)* a estrutura e a interdependência das frases. Divide-se, pois, em duas partes: *Lexiologia* e *Sintaxe*.

## LEXIOLOGIA

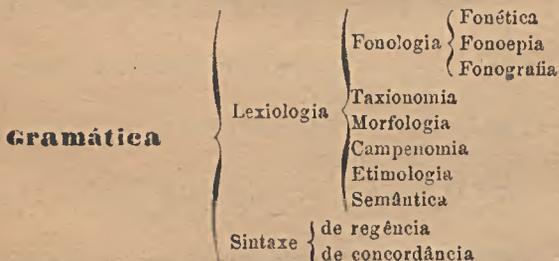
2 — No estudo da palavra podemos considerar: a) seus elementos fônicos ou *fonemas*; b) a *classe* a que pertence; c) seus elementos mórficos ou *morfoses*; d) suas *flexões*; e) sua *origem*; f) sua *significação*.

A lexiologia divide-se portanto em: *Fonologia*, *Taxionomia*, *Morfologia*, *Camponomia*, *Etimologia*, *Semântica*.

3 — Estudar a *fonologia* de uma palavra é determinar os fonemas que a compõem, sua natureza, sua acentuação, seus agrupamentos, sua representação. Esse estudo exige, entre nós, prévio conhecimento dos fonemas da língua portuguesa segundo a pronúncia normal brasileira, pois essa pronúncia difere bastante da portuguesa.

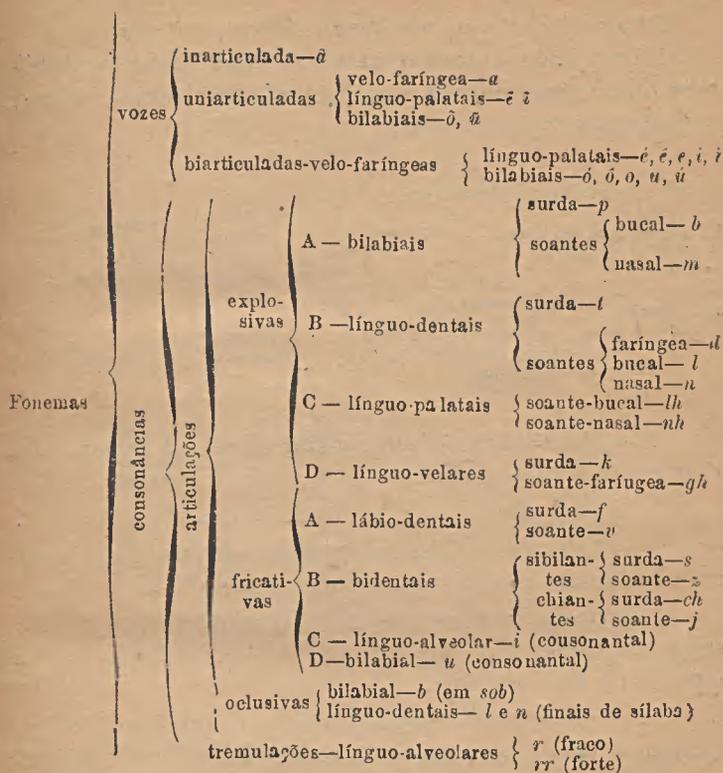
A fonologia trata: a) da classificação fisiológica dos fonemas e das leis dos seus agrupamentos; b) da acentuação das palavras; c) da representação gráfica das palavras.

Divide-se, pois, em: *Fonética*, *Fonoepia* e *Fonografia*. Eis o quadro geral da divisão da *Gramática*.



4 — Eis o quadro geral dos fonemas da língua portuguesa segundo a prosódia normal brasileira (1).

(1) Os professores encontrarão o assunto minuciosamente exposto nos meus *Estudos de fonologia* (1916).



5 — Quanto ao número de sílabas a palavra se diz : *monossílaba, dissílaba, trissílaba, etc.*

6 — Há palavras portuguesas sem acentuação ; ex. : *me, te, se, nos, vos, o, a, os, as, lhe* ; outras têm uma só acentuação ; ex. : *chá, cobre, lágrima, patativa* ; outras têm duas acentuações ; ex. : *ignorante, superioridade, subdirectôr, contra-indicação* ; outras têm três acentuações ; ex. : *misericordiosissimamente.*

São assim *dtonas*, *monótonas*, *dtonas*, *trítonas*.

Ainda pode o acento cair na *última sílaba*, na *penúltima* ou na *antepenúltima* e as palavras se dizem: *oxítonas*, *paroxítonas* e *proparoxítonas*.

Palavras quanto à acentua- ção	}	sem acentuação— <i>áttonas</i>	}	com acento pri- mário	na última sílaba { <i>oxítonas</i>
		com um acento— <i>monótonas</i> (primário)			na penúltima sílaba { <i>paroxítonas</i>
		com dois acentos— <i>dtonas</i> (primário e secundário)			na antepenúltima sílaba { <i>proparoxítonas</i>
		com três acentos— <i>trítonas</i> (primário, secundário e terciário)			

7 — As sílabas podem constar de um só fonema, de dois ou três. São assim *monofonas*, *difonas*, *trifonas*.

A divisão quanto ao número de letras não tem valor.

8 — O encontro de duas vezes na mesma sílaba chama-se *DITONGO*; o de três, *TRITONGO* (1).

A primeira voz do encontro chama-se *prepositiva*, a segunda *pospositiva*. No tritongo a voz média se chama *interpositiva* (M. Maciel).

Se a prepositiva exige abertura da boca maior que a pospositiva o encontro se chama *decrecente*; se menor, *crescente*; se a mesma, *equivalente*; ex.: *au* é decrecente; *oa* crescente; *iu*, equivalente.

O encontro de duas vezes pode dar-se dentro da palavra ou entre duas palavras, isto é, pode ser *intraverbal* ou *interverbal*; ex.: *causa*; *a onda*.

(1) A teoria completa dos encontros vocálicos acha-se nos meus *Estudos de Fonologia*. Dou aqui somente as noções gerais para os alunos de preparatórios.

As mesmas vozes podem gerar quatro encontros diferentes conforme a acentuação de cada uma. Assim, as vozes *a+u* podem produzir: *ãũ* (encontro *átono*), com ambas as vozes átonas (*pãũlada*); *ãũ* (encontro *pretônico*), com prepositiva acentuada e pospositiva átona (*pãũ*); *ãú*, (encontro *postônico*) com prepositiva átona e pospositiva acentuada (*pãú*) e *áú* (encontro *ditono*), com ambas as vozes acentuadas (*há úvas*).

Eis o quadro das vozes em ordem decrescente :

*é é ě ě ĩ ĩ* (escala palata 1)

*a*

*ó ó õ ũ ú* (escala bilabial)

Eis os ditongos mais comuns :

**Decrescentes** — *ái*, *pái*; *ãĩ*, *pãĩrar*; *áu*, *páu*;  
*ão*, *pão*; *êr*, *papéis*; *éi*, *léi*; *ěũ*, *clěũ*;  
*éu*, *léũ*; *óe*, *dóe*; *õe*, *põe*; etc.

**Crescentes** — (ditongos em poesia) (1) *ěá*, *rěál*;  
*íá*, *afiádos*; *ũá*, *quãl*; *íé*, *fiél*; *íé*,  
*Juliéta*; *ũé*, *dũélo*; *ué*, *lingũéta*, etc.

**Equivalentes** — *iu*, *dũúrno*; *iũ*, *viũ*: *úĩ*, *flúido*;  
*ũí*, *rũído*, etc.

Eis os tritongos mais comuns :

*ĩáĩ*, *igũáĩs*; *ũéĩ*, *averigũéĩ*; *ũãõ*, *sagũãõ*  
*uões*, *ságudes*.

Em poesia contam-se muitos outros tritongos, aliás correntes na conversação :

*ĩão*, *lĩão*; *ěéi*, *agoděéiro*: *íéi*, *delicéi*; etc.

☉ — O encontro de duas consonâncias na mesma sílaba chama-se *grupo articulado*.

(1) Os iniciados por *u*, se precedidos de *q*, *g*, são ditongos mesmo em prosa.

Eis alguns grupos articulados :

*bd*, lambda; *bl*, ablação; *gn*, digno; *mu*,  
mnemónico; *pl*, plebe; *pn*, pneumático;  
*ps*, lapso; *pt*, aptero; *br*, braço; *cr*, cravo;  
*dr*, droga; *fr*, fraco; *gr*, grade; *pr*, praga;  
*tr*, travo.

**10** — Em palavras diferentes pôde ocorrer disposição idêntica dos fonemas e assim as palavras se pronunciam e escrevem do mesmo modo, distinguindo-se apenas pelo sentido. Chama-se tal fenómeno *homonímia*.

Quando há identidade na pronúncia e na escrita diz-se a homonímia: *perfeita*; quando apenas numa ou noutra: *imperfeita*. Se a identidade é de pronúncia, há *homofonia* e as palavras se dizem *homófonas* (1); se é na escrita, há *homografia* e as palavras se dizem *homógrafas*. A mera semelhança, como entre *revela* e *releva*, se diz *paronímia*.

**11** — Os foremas são representados gráficamente por letras, *maiúsculas* ou *minúsculas*, e por grupos de uma letra e um sinal, chamados *digramas*.

As letras não correspondem sempre a um determinado fonema podendo uma letra representar fonemas diferentes.

Igualmente, um fonema pode ser representado por letras diferentes. Para distinguir os valores representados pela mesma letra usam-se *sinais* chamados *diacríticos* ou *notações léxicas*.

São os seguintes :

(1) A prosódia *homófonos*, muito usada, é errônea. O sufixo *fono* vem de  $\varphi\omega\upsilon\eta$  com ómega, sendo, por isso, longo, como em latim *antiphōna*. Ninguém diz em português *áfeno*. *Telefone*, como querem a'guns, seria assassinio a distância ( $\varphi\omega\upsilon\eta$  assassinio).

### Sinais diacríticos

de acentuação	{ acento agudo — <i>pa</i> acento circunflexo — <i>vê</i>
de nasalização	{ til — <i>lã</i> m — <i>campo</i> n — <i>canto</i>
de sibilização	cedilha — <i>raça</i>
de chiamento	h (em <i>ch</i> ) — <i>cacho</i>
de guturalização	{ h (em <i>ch</i> ) — <i>máquina</i> u (em <i>gu</i> ) — <i>guerra</i>
de palatalização	{ h (em <i>lh</i> ) — <i>malha</i> h (em <i>nh</i> ) — <i>manha</i>
de dentalização	h (em <i>ph</i> ) — <i>phosphoro</i>
de supressão	{ ponto abreviativo — V. Ex. apóstrofo — <i>d'uma</i>
de união	traço de união ou <i>hifen</i> — <i>dar-te-ei</i>

**12** — Relembradas essas noções vejamos alguns modelos de análise fonológica :

**Canto** — palavra dissílaba — 1.<sup>a</sup> sílaba, *can*, difóna : *c*, consonância articulada, línguo-velar surda ; *an*, voz inarticulada, nasal — 2.<sup>a</sup> sílaba, *to*, difóna : *t*, articulação explosiva, línguo-dental, surda : *o*, voz biarticulada, bilabial, átona. Palavra monótona, paroxítonea ; representada por 4 letras, a primeira maiúscula e as demais minúsculas ; a segunda alterada pelo sinal de nasalização *n*.

**paguel** — Palavra dissílaba — 1.<sup>a</sup> sílaba, *pa*, difóna : *p*, consonância articulada, bilabial, surda ; *a*, voz articulada, velo-faríngea, átona ; 2.<sup>a</sup> sílaba, *guel*, trifóna : *gu*, consonância articulada, línguo-velar, soante, faríngea ; *ei*, ditongo decrescente, com prepositiva acentuada e formado de vozes biarticuladas, línguo-palatais. Palavra monótona, oxí-

tona. Palavra representada por cinco letras todas minúsculas; a terceira vem alterada pelo sinal de guturalização *u*.

**prompto** — Palavra dissílaba — 1.<sup>a</sup> sílaba, *prom*, trifóna: *pr*, grupo consonantal, formado da explosiva bilabial surda e da tremulante fraca; *om*, voz uniarticulada, bilabial, nasal—2.<sup>a</sup> sílaba, *pto*, difóna; *pt*, articulação, explosiva, línguo-dental, surda; *o* voz biarticulada, bilabial, átona. Palavra monótona, paroxítona. Palavra representada por cinco letras e dois sinais: *m* de nasalização e *p* mero vestígio etimológico.

## II

**Taxionomia**

**13** — **Nome** é a palavra que resume os caracteres essenciais ou diferenciais de uma entidade, fenómeno ou acção. (1)

**Modificativo** é a palavra que indica um dos *modos* pelos quais consideramos um *nome*.

**Conectivo** é a palavra que indica a interdependência de dois nomes ou duas frases.

**Pronome** é a palavra que evita um nome.

Entre as nominativas se acham os *substantivos* e os *verbos*; entre as modificativas os *adjectivos* e os *advérbios*; entre as conectivas a *preposição* e a *conjunção*; entre as

(1) A palavra *cadeira*, por exemplo, resume três caracteres essenciais (sem um dos quais deixa de ser *cadeira*): *encôsto*, *assento*, *pés*, e um característico diferencial; *com um lugar* (com dois logares já seria *sofá*).

pronominais os *pronomes*, os *verbos vicários* (1) e os *advérbios-pronomes* (2).

**14 — Substantivo** é o nome flexionado em género e número.

Os substantivos podem ser de *extensão* diferente, ora designando uma *espécie* (de seres, coisas etc.), ora designando os *indivíduos* da espécie.

Quando designa a *espécie* o nome se diz *comum* aos indivíduos; ex.: *homem* (comum a Paulo, a João, a Pedro).

Quando designa um indivíduo da espécie, o nome se diz *próprio* ao indivíduo; ex.: Paulo, João, Pedro.

Quando vários indivíduos têm iguais *nomes próprios* é preciso acrescentar a êsses nomes *cognomes* diferenciadores, geralmente nome distintivo da família do indivíduo; ex.: Paulo *Silva*, João *Gomes*, Pedro *Duarte*. A essa junção de vários nomes chamamos *expressão substantiva própria*.

Às vezes não há na língua nome especial para certos objectos e somos obrigados a juntar várias palavras para designá-los; ex.: *ferro de engomar*, *ferro de abrir latas*, *pão de ló*. Chamam-se *expressões substantivas comuns*.

**15 —** Os substantivos próprios podem designar: *pessoas*, *logares*, *seres fictícios*, *títulos comerciais* ou mesmo *objectos individualizados*. Dividem-se pois em: *personativos*, *locativos*, *abstractivos*, *intitulativos* (3). Entre os locativos incluem-se os nomes de astros: Terra, Lua, Urano, etc.

(1) Chamam-se verbos *vicários* ou *supletórios* os que substituem outros, evitando-lhes a repetição. Nesse caso não exprimem nada, apenas suprem ou lembram: são verdadeiros pronomes; ex.: Ele foi comprar a casa, mas não o fez.

(2) São: *cá*, *lá*, *aquí*, *ai*, *acolá*, *ali* = neste lugar, etc.

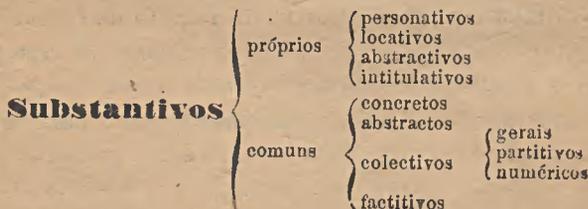
(3) Por falta de melhor adopto essa designação para todos os substantivos próprios que denotam casas comerciais, instituições, jornais, livros etc.; ex.: o *Louvre*, o *Municipal* (teatro), o *Tempo* (jornal) a *Bíblia*, o *Corão*, etc.

Os substantivos comuns são *concretos* ou *abstractos* conforme designam entidades de existência material ou imaterial, incluindo-se, entre os últimos, os *fenómenos* de qualquer natureza.

Os substantivos que designam *colecção* chamam-se *colectivos* e são *gerais*, *partitivos* ou *numéricos*, conforme designam um todo descontínuo, parte dêle, ou um número determinado de indivíduos; ex.: *exército*, *batalhão*, *grosa*.

Os substantivos que denotam a *profissão* ou *posição social* do indivíduo são nomes abstractos aplicados a entidades concretas: chamam-se *factitivos* (M. Maciel).

Eis o quadro dos substantivos:



**16 — Verbo** é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa. (1)

Os verbos podem indicar: *existência*: ser, viver, existir; *acção*: quebrar; *estado*: estar, continuar (seguido de adjectivo); *mudança de estado*: ficar, cair, tornar-se (seguido de adjectivo); *fenómenos naturais*: chover, respirar;

(1) O *verbo*, como veremos, é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa. É essa realmente a única diferença entre os dois nomes: substantivo e verbo. Basta comparar: *digestão* e *digerir*, *corrida* e *correr*, *visão* e *ver*, *despedaçar* e *despedaçamento*. Quer os substantivos, quer os verbos resumem os caracteres dos mesmos fenómenos. Eis porque se diz, aliás com pouca exactidão, ser o infinitivo a forma substantival do verbo. Deve-se ter sempre clara esta noção muito esquecida, de que a distinção entre substantivo e verbo assenta unicamente nas *flexões*.

*fenômenos volitivos*: querer, supôr; *passividade*: sofrer, suportar; *dúvida*: parecer; *semelhança*: parecer, assemelhar-se; *ocorrência*: ocorrer, suceder, sobrevir, acontecer.

O conhecimento preciso da natureza dêesses verbos é de muita importância na análise lógica.

**17** — Alguns verbos sofrem alteração no radical ou nas flexões. Chamam-se *irregulares*.

Há dois verbos que resultam da fusão de três outros: *ser* e *ir*. *Ser* tem as raízes *es*, *fu* e *sed* (de *sedere*, sentar-se). *Ir* tem os radicais *i*, *va* e *fu*; provém de *ire*, *vādere* e *fūgere*. Êsses dois verbos chamam-se *anômalos*.

Os irregulares são *fortes* quando o radical se altera no pretérito perfeito; ex.: *fiz*, *disse*, *pude*. Se o tema não se altera, dizem-se *fracos*: *perdi*, *medi*.

**18** — Os verbos exprimem, por si sós, uma idéa clara: *vejo*, *caminho*. Porém, certas modalidades do pensamento não podem ser expressas por uma forma verbal simples; é necessário adicionar a um verbo *principal*, que fica invariável, outro, chamado *auxiliar*, que toma as flexões: *estou andando* (forma *progressiva*), *tenho pensado* (pretérito continuado), *hei de chegar* (futuro absoluto composto) etc.

**19** — Alguns verbos carecem de certas formas; ex.: *rehaber*, que só se conjuga nas formas em que aparece o *v*. Tais verbos dizem-se *defectivos*. Os outros são *indefectivos*. Ao contrário, muitos verbos possuem duas ou mais formas equivalentes; ex.: *construo*, *constrúes* ou *constróes*, *construe* ou *constróe*; *vamos* ou *imos*; *nascido*, *nato*, *nado*.

Chamam-se *abundantes*. (1)

**20** — Eis o quadro geral dos verbos:

(1) Ver nas gramáticas a lista dos verbos irregulares, defectivos, abundantes e auxiliares.



<b>Verbos</b> { quanto à	}	significação	de existência
			de acção (activos)
			de estado
			de mudança de estado
			de fenómenos naturais
			de fenómenos mentais (volitivos)
			de passividade (passivos)
			de dúvida
			de semelhança
			de ocorrência
conjugação	}	regulares	
		irregulares { fortes	
		{ fracos	
integridade	}	auómalos	
		defectivo	
		indefectivo	
modalidade	}	abuudantes	
		principal	
		auxiliar	

**21 — Adjectivo** (1) é a palavra modificativa do substantivo.

O vocábulo *modificativa*, repetimos, quer dizer: que indica um dos *modos* pelos quais consideramos o substantivo. Podemos considerá-lo de quatro modos gerais: *atribuindo-lhe* um característico essencial ou accidental (2); *designando-o* para distingui-lo entre muitos; *mencionando-o* sem distingui-lo; *identificando-o* com outro.

Temos assim os adjectivos: *descriptivos* (branco, forte); *designativos* (meu, aquele); *indefinitos* (um, qualquer); *assimilativos* (igual, semelhante, idêntico).

(1) E' absolutamente necessário tratar do adjectivo antes do pronome por ser a subdivisão d'êste dependente da daquele.

(2) E' *essencial* quando designa um característico inerente à natureza do nome; ex: gêlo *frio*, fogo *quente*. E' *accidental* quando designa um característico accessório, não inerente; ex.: mesa *branca*, papel *pardo*.

Eis o quadro:



Os adjectivos *articulares* são: *o, a, os, as*; mas, nem sempre funcionam como articulares. São, verdadeiramente, adjectivos articulares quando se referem a entidades de que tratamos; ex.: ponha *o* livro na mesa e *a* caixa na gaveta. Pode funcionar como indefinito quando se prende a um substantivo geral; ex.: *o* leão é carnívoro, isto é, *todo* leão. (1) Pode ainda ser mero *refôrço*, quando junto aos possessivos; ex.: *o* meu livro é branco. Neste caso pode suprimir-se.

Os adjectivos *relativos* mostram a relação entre dois substantivos; um dos substantivos se chama *antecedente* e o outro *consequente*.

---

(1) A função primitiva é demonstrativa: *aquele* animal chamado leão. Outros exemplos: *a* batalha de Maratona — *aquela* batalha ferida em Maratona; *o* célebre orador Cícero — *aquele* célebre orador Cícero (*ille clarissimus orator*). Em *o* leão predomina a idéa de espécie; em *todo* leão a idéa de indivíduo. O professor deve exercitar os alunos em distinguir essas várias funções de *o, a*, que podem ainda ser pronomes.

O adjectivo relativo mais característico é *cujo*; ex.: O homem *cujo* filho morreu. *Cujo* mostra a relação de dependência, tendo assim algo de preposição. *Que* e *qual* também funcionam como adjectivos relativos, embora essa função não apareça claramente; ex.: não sei *que* homem é. Essa frase equivale a: não sei dentre os homens *que* (qual) homem é este. O *que* (*qual*) prende o *indivíduo à espécie*, uma *parte ao todo*, indicando a selecção, a particularização feita.

Entre os *demonstrativos* está o adjectivo *tal* em expressões como: encontrei realmente *tais* cartas—*essas* cartas (de *que* V. fala). Ainda na frase: *tal* é a condição humana, isto é, *essa*, igual à *que* descrevi. O mesmo se dá com o adjectivo *semelhante* (1).

E' de importância não confundir *numerais* com *ordinais*, como têm feito todos os gramáticos. O *número* é categoria diferente da *ordem*. Aquele se refere à *quantidade* dos nomes, este à *posição*. Em verdade, aos *numerais* correspondem *ordinais*, porque é sempre possível distribuir as entidades em determinada ordem; mas, há *ordinais*

(1) Na frase:—*este* livro é *verde*—designo a posição de livro mais próximo da minha pessoa; mas, na frase: —*desses* livros não vejo há muito —o adjectivo *esses* não designa posição, *alude* apenas a livros de *que* se fala; assim também:—não vi *semelhante* gente—*essa* gente, *tal* gente. Devemos, por isso, separar as duas classes, sem o que não poderemos classificar *tal* e *semelhante* nesse sentido. Nas frases: era o *mesmo* homem, era o *próprio* amigo—*mesmo* e *próprio* são *demonstrativos* que firmam a *identidade* da pessoa. E' uma função especialíssima de importância. Eis porque proponho a seguinte subdivisão dos *demonstrativos*;

Demonstrativos	{	de posição: <i>este, esse, aquele, estoutro.</i>
		de identidade: <i>mesmo, próprio</i>
		alusivos: <i>deste, desse, daquele, tal, semelhante</i>
		indefinito: <i>tal</i> (ver pag. 22)

que não correspondem a numerais, resultando disso a impossibilidade de classificar tais adjectivos, como o confessam alguns gramáticos. Realmente, não são numerais e sim meramente ordinais os seguintes adjectivos: *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *exterior*, *precedente*, *conseqüente*, *seguinte*, *médio*, *extremo*, etc.

Só há um adjectivo dual: *ambos*, que pode ser reforçado em *ambos os dois*, *ambos de dois*, *a dois ambos*.

Os *multiplicativos* são: *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, etc. como: elevei o número à *quádrupla* potência; empreguei o *duplo* metro, etc. Em geral, êsses multiplicativos se usam como substantivos.

Os adjectivos universais exprimem a totalidade do nome e podem fazê-lo *positiva* ou *negativamente*; ex.: *todo*, *nenhum*. *Algum*, posposto ao nome, tem fôrça negativa: *homem algum = nenhum*.

Entre os *quantitativos* temos de incluir: *que* e *quanto*, em frases como: *que horas são?* não sei *que* cadeiras tenho (quantas); preciso ver com *que* votos conto (quantos).

*Tal* funciona como indefinito distributivo reforçando *um* e equivalente a *certo*, em frases como: conheci um *tal* João.

Corresponde ainda a *tão grande*, não em sentido comparativo, em frases como: o susto foi *tal*, que êle morreu. Nesse caso é verdadeiro adjectivo descritivo, reforçado pelo advérbio de intensidade *tanto* em correlação com *que* da frase seguinte. (1)

Em correlação com *qual*, *tal* exerce uma função muito importante na linguagem, a função de *similitude*, inteiramente descurada pelos gramáticos. Todas as frases ex-

(1) Equivale a *tão ruim* em frases como: está em estado *tal... que...* (em *tão ruim* estado *que...*)



pressivas de uma semelhança entre nomes são inanalísáveis pelos sistemas usuais.

Em lógica, a relação de similitude tem capital importância e foge aos processos do silogismo, não comportando mesmo a determinação dos termos lógicos.

Assim, na frase: *A casa é tal, qual V.* m'a descreveu poderemos chamar a *tal* e a *qual* pronomes correlativos, mas isso não indica o característico essencial a ambas, que é a *similitude*. (1)

Além disso, *tal*, *aí*, é verdadeiramente adjectivo, correspondente a *perfeitamente igual*. Ora, a palavra *igual* como *semelhante*, *parecido*, *idêntico*, *análogo*, *mesmo*, etc., logicamente não são *descrivivos*, indicam somente a *cossemelhança*, a *parecença*, a coexistência dos mesmos característicos em nomes diferentes. Em rigor, como se faz em lógica, deveríamos constituir uma classe à parte a que poderíamos chamar *assimilativos*.

Muitas vezes a correlação pode vir oculta; ex.: bem sei que *tal* é o homem (qual V. me descreveu). (2)

*Tal* e *qual* figuram ainda em expressões quasi inanalísáveis, onde é difícil perceber sua verdadeira significação, como: que *tal* está o arroz? ; etc. e *tal*; *qual* nada! *qual* o que! ou sómente como interjeição: *qual!*

*Tal* concorre ainda para uma expressão curiosíssima, a de *demonstrativo indefinito*, quando queremos indicar um dia, um lugar, uma circunstância reais, determinados, mas que não podemos precisar ou não queremos men-

(1) Sirvo-me do termo adoptado por Stuart Mill.

(2) Note que essa mesma frase pode ter sentido diverso em que *tal* figure como relativo indicando a selecção, equivalente assim a: bem sei da *qual* espécie é o homem; como também na frase: que *tal* é o homem?

cionar: ex.: Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios.

Entre os possessivos incluí-se *próprio*, a: moro em casa *própria* = minha.

*Mesmo* em frases como: vê a *mesma* senhora, vimos o *mesmo* livro, é um *demonstrativo* de identidade.

**22—Pronome** é a palavra que evita o nome.

Evita-o de dois modos: *substituindo* ou *dispensando*: ex.: êle mandou-*me* um livro = êle mandou um livro a *minha* pessoa; meu livro é *este* = meu livro é *êste* livro. No primeiro exemplo há substituição, no segundo dispensa de repetição do substantivo.

Alguns gramáticos não admitem que *este*, *meu*, *algum*, *quatro*, por exemplo, isto é, os adjectivos determinativos e indefinitos sejam considerados pronomes quando desacompanhados do substantivo e dizem que permanecem *adjectivos*. Não têm razão. Provém o engano de desconhecem a função supressiva do pronome. Também quando suprimimos o substantivo regido do artigo, o adjectivo descritivo passa a substantivo; ex.: Os homens *justos* (adj.) são estimados — Os *justos* (subst.) são estimados. E' um fenómeno de transmissão de sentido. Suprimido o substantivo, a idéa por êle expressa se transfere naturalmente ao adjectivo, como a expressa pelo adjectivo, suprimido êste, se transfere ao pronome (1).

**23—**Os pronomes substantivos representam ou as pessoas gramaticais ou entidades indefinidas. São assim pronomes *pessoais* e *indefinitos*.

E' de importância, para a análise, conhecer a seguinte equivalência de alguns pronomes indefinitos, que divi-

(1) Maximino Maciel me parece o único autor que viu bem esse facto.

diremos em três grupos: o das *peçoas*, o das *cousas* e o dos *logares*.

**1.º Grupo** { *quem*—*que* pessoa, a pessoa que  
*alguém*—alguma pessoa  
*ninguém*—nenhuma pessoa  
*outrem*—outra pessoa  
*quemquer*—qualquer pessoa  
 (qualquer)

**2.º Grupo** { *que*—*que* coisa, *qual* coisa  
*algo*—alguma coisa  
*nada*—nenhuma coisa  
*al* (arcaico) — *outra* coisa  
*tudo*—todas as cousas

**3.º Grupo** { *onde*—*em que* logar  
*algures*—*em algum* logar  
*nenhures*—*em nenhum* logar  
*alhures*—*em outro* logar

Este último grupo participa dos chamados *pronomes adverbiais*.

Note que os pronomes *qual* e *quem*, mórmente nos clássicos, funcionam como distributivos; ex: *qual* corre, *qual* tomba, *qual* se ajoelha (isto é *uns* correm, *outros* tom-bem, *outros* se ajoelham). Ver nos *Lusiadas* II, 92-IV, 5-90 e 91-VI, 64-VII, 35.

❶ — Eis o quadro geral dos pronomes:

**Pronomes** { supletivos { pessoais  
 { indefinitos  
 { supressivos { relativos  
 { demonstrativos  
 { possessivos  
 { numerais  
 { ordinais

25—Eis o quadro dos pronomes pessoais:

<b>Pronomes pessoais</b>	} subjectivos	{	1 <sup>a</sup> pessoa— <i>eu, nós</i>
			2 <sup>a</sup> pessoa— <i>tu, vos</i>
		{	3 <sup>a</sup> pessoa { com quem se fala— <i>você, V. Ex., o senhor, etc.</i>
			{ de quem se fala— <i>êle, ela, êles, elas</i>
	} objectivos	{	1 <sup>o</sup> pessoa— <i>me, nos</i>
			2 <sup>a</sup> pessoa— <i>te, vos</i>
		{	3 <sup>o</sup> pessoa { com quem se fala— <i>você, V. Ex., o senhor</i>
			{ de quem se fala— <i>se, o, a, os, as</i>
			indirectos— <i>me, mim, te, ti, se, si, lhe, lhes, a êle, a ella, a êles, a ellas, a você, etc.</i>
			adverbiais— <i>comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.</i>

A maior parte desses pronomes podem ser reforçados. O reforço se faz geralmente com os adjectivos *mesmo*, *próprio* e *outro*, pospostos; ex.: eu *mesmo*, eu *próprio*, êle *mesmo*, nós *outros*. *Conosco* e *convosco* não admitem o reforço; para tal é preciso usarem-se as formas: *com nós*, *com vós*; ex.:

Nenhum signal aqui da India achamos  
 Nô povo *com nós outros* quasi mudo.

(*Lus. V*, 69)

Há pronomes *pessoais indefinitos*, que mencionam terceiras pessoas desconhecidas ou indeterminadas: *beltrano*, *fulano*, *sicrano*. Usam-se também os nomes próprios *Sancho* e *Marrinho* como indefinitos distributivos.

**26**— Entre os pronomes demonstrativos devemos incluir, como nos adjectivos: *tal*, em frases como: eu não disse *tal*=isso (tal cousa).

*O, a, os, as* também funcionam como demonstrativos; ex.: *o* que eu disse=*aquilo* que eu disse; *a* que morreu ontem=*aquela* que morreu ontem.

Há certas expressões pronominais que se usam nos tratamentos, algumas exclusivamente familiares; ex.: *o degas*=eu, *o chard*, *o compadre*, *o amigo*, *o doutor*, *o filho de meu pai*, etc.

**27**— **Advérbio** é a palavra modificadora do verbo, do adjectivo ou de outro advérbio.

O advérbio modifica o verbo exprimindo as *circunstâncias* que cercam ou precisam uma acção; modifica o adjectivo ou o advérbio exprimindo o *grau de intensidade* do *característico* ou da *circunstância*. Assim, só modificam adjectivo ou advérbio os advérbios de *intensidade*: *mais, menos, tão, muito, pouco, quasi, nada*.

Não posso considerar *advérbios* as palavras e as partículas de afirmação ou negação: *sim, não, exactamente, certo, certamente, nem* as expressões dessa natureza: *qual nada, nada disso, por força, com certeza*. Todas essas pertencem à numerosíssima classe das *partículas*, muito descuradas dos gramáticos e de suma importância, como: *pois sim, não vê, podera, já se vê, que esperança, nunca*, etc., e que não são *interjeições*.

**28**— Eis a lista geral dos advérbios:

- 1º. de DÚVIDA: *talvez, quiçá, acaso, por ventura*;  
exs.: virá *talvez* amanhã; viveremos sossegados,

quicã felizes; encontrá-lo hei *acaso* um dia; encontrá-lo hemos *por ventura* em casa (1).

- 2º. de **FREQÜÊNCIA** : *diariamente, quotidianamente, semanalmente, mensalmente, etc.*; *nunca, jamais, sempre, às vezes, raramente* (2), *uma vez, etc.*, *sucessivamente, constantemente, etc.*;  
 exs. : estudo *diariamente*; *nunca* o vi; vejo-o *sempre*; encontro-o *às vezes*; *viaja constantemente*; *jamais* soube disso.
- 3º. de **INTENÇÃO**: *acinte, acintemente, adrede, intencionalmente, propositadamente* (3), *premeditadamente, (de intuito, de plano, etc.) acaso, casualmente* ;  
 exs: *caminhou acinte* para prendê-lo; *ia adrede* para matá-lo; *fez isso intencionalmente*; *saíu propositadamente*; *cometeu o crime premeditadamente*; *feriu casualmente* (ausência de intenção). (4)
- 4º. de **INTENSIDADE** (5) : *muito, assaz, bastante, excessivamente, demais, demasiadamente, pouco, mais, menos, tão, tanto, quão, quanto, quasi, meio, depressa, devagar, demoradamente, etc.*;

(1) *Por ventura* é, na significação originária, designativo de causa: *por determinação da ventura, da sorte, da fortuna. A accepção de dúvida, aparece tão somente com verbos no futuro. Compare-se : por ventura encontrei Paulo no jardim=por acaso.*

(2) *Nunca* exprime a negação da freqüência e sempre a freqüência *ininterrupta*, como *eternamente* exprime a duração absoluta.

(3) O prof. Said Ali impugna o uso dêsse advérbio *jamais* usado pelos clássicos; estes só conheceram de *propósito*. *Propositadamente* é formação de Ruy Barbosa, aconselhada para impedir o *propositadamente*, *erróneo*.

(4) Na expressão: *caiu casualmente*, o advérbio exprime a ausência de *causa certa*.

(5) Os gramáticos chamam a êsses advérbios: de *quantidade*. Esta expressão não convém de modo algum, pois não indicam o *quanto*, mas somente a *intensidade* da acção, como: *êle desceu muito* (excesso, além do que devia, o quanto devia e mais ainda).

exs: corre *muito*; creio que somos *assaz* ricos; êle é *bastante* pobre; a vida estava *excessivamente* cara; isso é abusar *dema'is*; escrevemos *pouco*; quero *mais*; viverei *menos* (1); nunca vi scena *tão* horrível; corri *tanto*, que perdi o fôlego; não sabia *quão* longe era a praça; *quási* morri de susto; cheguei *quási* à ponte; êle é *meio* tolo; vai *depressa...*

- 5°. de LOGAR: *abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures, alhores, nenhures, diante, detrás, dentro, fóra, longe, perto, onde;*

exs: anda *abaixo* e *acima*; não podia ir *costa arriba*; nós ficamos *aquém*, êles foram *mais além*; chegue *aqui*; passe para *ali*; fique *aí*; *cá* estamos; ficaram *lá*; vi-o *acolá*; passemos *avante*; não fique *atrás*; vi-o *algures*; andou *alhores*, não sei por *onde*; não o encontraram *nenhures*; seguiam todos juntos, os homens *diante*, as mulheres *detrás*; encontramos a choça, *dentro* havia um velho e *fora* um cão; o navio passou *longe*; o carro não estava *perto*; *onde* estou?

- 6°. de MODO: *atoa, bem, certo, mal, errado, tristemente* (e muitos adjectivos adverbializados com o sufixo *mente* ou sem êle);

exs.: o barco ia *atoa*; cantou *bem*; lia *mal*; anda *certo*; escrevia *errado*, etc.

- 7°. de ORDEM: que pode ser no *tempo* ou no *espaço*: *primeiramente, anteriormente, depois, posteriormente, antes* (na frente), *atrás, adiante;*

exs.: combinamos ir *primeiramente* ao museu, *de-*

(1) *Menos* pode ser adjectivo. Ver Othelo Reis, *Guia para algumas dif. da analyse lexica.*

pois, à bibliotheca; só aconteceu isso muito *posteriormente*; o bispo veio *adiante*, depois vieram os padres e os sacristães *atrás*.

- 8º. de TEMPO: *ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, então, hoje, ontem, já, logo, tarde, outrora, imediatamente*, etc.;

exs: tenho *ainda* o livro (indica apenas a *continuação* da posse); cheguei *agora*; irei *amanhã*; *dantes* éramos todos fortes; venha *cedo*; tinham *então* (nesse tempo) quatro filhos; chegarei *hoje*; parti *ontem*; saia *já*; saí *logo*; não vim *tarde*; *outrora* fomos felizes.

29—Notas—As palavras: *apenas, sequer, senão, só, somente, exclusivamente, unicamente, menos, afora* etc., em frases como: *apenas* eu fiquei na rua; não vi um soldado *sequer*; *só* a moça não chorava; todos, *senão* meu pai, atravessaram o rio; *unicamente* nós comparecemos à festa; todos, *menos* meu irmão, sabíamos disso; etc., são classificadas, umas como *advérbios de exclusão*, outras como *palavras prepositivas*.

Não é possível aceitar semelhante classificação e a prova está na discordância e confusão dos autores que distribuem os mesmos advérbios a esmo, uns sob uma rubrica, outros sob outra.

Essas palavras indicam *exclusão* e a exclusão, como a inclusão (todos partiram, *inclusive* eu, *até* eu...), *não se refere ao verbo, refere-se ao substantivo*; logo, *não é circunstância*. Portanto, as palavras de exclusão não podem ser consideradas advérbios.

Dessa incompreensão do facto linguístico resultou ensinar o sr. Alfredo Gomes poder o advérbio *reger o substantivo* excepcionalmente, citando para exemplo a fra-



so de Latino Coelho: «*Só* a palavra... fala...; *só* ela... esculpe estátuas...»

Também os gramáticos classificam entre advérbios palavras como *sim*, *certamente*, *não*, *nada*, *nunca* e outras que exprimem afirmação ou negação. Não logro perceber onde haja *circunstância*, onde haja modificação do verbo, na afirmação ou negação. Na frase: «Você vai ao mercado? — Vou, *sim*.», não vejo, na palavra *sim*, a mínima circunstância; e, se respondo *não*, muito menos.

Como então classificar tais palavras? Essas palavras são inclassificáveis no quadro tradicional. Dessa impossibilidade de classificação, dessa insuficiência da taxionomia fixada pelos gramáticos antigos, são testemunhas todos os professores que se vêm atordoados, muitas vezes, com as classificações em aula, e os próprios gramáticos, nas suas estranhas divergências.

Alguns chegam a classificar *não* e *sim* como *advérbios de modo* (Epiphânio Dias, Porto Carreiro). Quasi todos silenciam sobre muitos advérbios, com grave prejuízo dos estudantes; exs: *aliás* (o snr. Porto Carreiro o incluiu entre os de *modo*!), *debalde*, *adrede*, *acinte*, *intencionalmente*, *acaso*, etc.; e alguns omitem classes inteiras.

E' indispensável, pois, e urgente, completar o quadro da taxionomia, criando outras categorias gramaticais.

Com efeito, até hoje os gramáticos se tem preocupado exclusivamente com as palavras que exprimem *idéas*, ou palavras ideativas, pouco atendendo à numerosa classe das palavras que exprimem *emoção* ou palavras *emotivas* e, ainda menos, às palavras que exprimem meros *acidentes* do discurso, como as interrogações, afirmações, confirmações, realces, correcções, resalvas, exclusões,



designações, etc. Tais palavras não exprimem nenhuma idéa propriamente, mas indicam certos movimentos ou operações subjectivas indispensáveis à compreensão do pensamento ou às suas cambiantes.

Na impossibilidade de reconhecerem *idéa* nas interjeições, suprimiram-nas da taxionomia, considerando-as simples gritos da alma, sem reflectirem que há *expressões* interjectivas e *frases* interjectivas com pensamento analisável, como: *raios te pariam!*

Logo, para procedermos scientificamente, de acôrdo com os factos reais da linguagem, devemos distinguir três *classes* de palavras: *ideativas*, *emotivas* e *denotativas*.

As *ideativas* compreendem as *nominativas*, *pronomina-tivas*, *modificativas* e *conectivas*, conforme vimos. As *emotivas* dividiremos em *interjectivas* e *intensivas* segundo revelam a emoção pura, ou apenas um pouco de emoção *em refôrço* a uma idéa, a *ênfase*, numa palavra. As *denotativas* subdividiremos em: *aditivas*, *afirmativas*, *concessivas*, *correctivas*, *designativas*, *exclusivas*, *expletivas*, *explicativas*, *inclusivas*, *sintéticas*.

Eis um quadro provisório dessa classificação :



<b>Palavras</b>	ideativas	nominativas	{ substantivo verbo
		pronominaivas—pronomes	
		modificativas	{ adjectivo advérbio
		conectivas	{ preposição conjunção
	emotivas	interjectivas	
		intensivas	
	denotativas	aditivas	
		afirmativas	{ positivas negativas
		concessivas	
correctivas			
designativas			
exclusivas			
expletivas			
explicativas			
inclusivas			
sintéticas			

À classe das interjectivas prendem-se as *interjeições*. Eis alguns exemplos de palavras intensivas ou de ênfase :

Eles *lá* se avenham ; não sei *não* ; não encontrei *nem* um ; êle chegou *ainda* agora, agora *mesmo* ; eram *precisamente* quatro ; é *exactamente* isso ; eu *mesmo* não sei ; foi êle *próprio* que me disse.

Eis agora exemplos de cada uma das denotativas :

1º ADITIVAS: *com, e, mais, outrossim, demais, etc.*, em frases como : duro *com* duro não faz bom muro ; es-



capamos eu e Sérgio; João *mais* Pedro foram à festa; *outrossim*, peça-lhe que me mande o livro; *demais*, nada lhe devo.

2º AFIRMATIVAS POSITIVAS: *sim, certo, certamente, naturalmente, etc.*, e expressões como: *sem dúvida, de certo, por força, com efeito, etc.*

3º AFIRMATIVAS NEGATIVAS: *não, nada, nem, nunca, etc.*, e expressões como: *qual nada, não vê, pois sim! que esperança!*

4º CONCESSIVAS: *ainda, mesmo, quando muito, sequer, etc.*: *não é bom, nem mesmo (ainda, sequer) sofreu*; *dou, quando muito (no máximo) dois dias.*

5º CORRECTIVAS: *aliás, digo, minto, não, melhór, isto é, ou antes*, em frases como: *eram quatro, aliás cinco*; *vinham quatro carros, digo, carroças*; *foi na quinta-feira, minto, no sábado passado*; *foram setenta tiros, não, setenta e dois*; *passe a farinha na peneira, melhór, num pano fino*; *passamos, isto é, pulamos uma vala; raspe, ou antes, lixe a táboa (1).*

6º DESIGNATIVA: *eis* (com suas modalidades: *eis aqui, eis aí, eis ali*).

7º EXCLUSIVAS: *só, somente, apenas, unicamente, exclusivamente, exclusive*, em frases como: *só meu pai me entende*; *somente João teve coragem*; *apenas eu pude passar*; *unicamente êle pôde entrar*; *a lição vai até a página cinco, exclusive.*

8º EXPLETIVAS: *também, ora, lá, se, ainda; só, etc.*, em frases como: *também Você, que homem ruim!*; *ora vamos lá, conta isso*; *ora lá, para que isso!*; *foram-se embora cedo; ainda se fosse eu, vá lá;*

(1) A correção se faz às vezes repetindo a palavra com tom diferente; ex.: *vi a caixa... caixa! um caixão.*

veja só que tolo! Nessas expressões tais palavras perderam o sentido próprio que deveriam possuir originariamente. São seres outrora vivos que se fossilizaram no discurso usual, constituindo as chamadas frases ou expressões *feitas, estereotipadas*.

- 9º **EXPLICATIVAS**: *como, a saber, por exemplo*, em frases como: eram cinco, *a saber*: Pedro, Paulo...; são palavras simples, *como*: pé, mão, etc.; os coleópteros, *por exemplo*, tem metamorfoses completas; *exemplo*; *verbi gratia* (1).
- 10º **INCLUSIVAS**: *também, até mesmo, inclusive*, em frases como: *também* (2) eu irei; *até* Maria dançou; todos ficaram, *mesmo* Jorge; *até* a quarta estância *inclusive*.
- 11º **SINTÉTICAS**: *como, quando, onde, porque, quem, quanto*, em frases como: não sei *como* saí (*o modo pelo qual, de que modo*); vi-o *onde* se achava (*no lugar em que*); falei-lhe *quando* saía (*no momento em que saía*); não sabe *porque* chora (*a razão pela qual chora*).

**30** — Alguns advérbios se referem às pessoas gramaticais :

(1) Essas expressões são dadas pelos gramáticos como *conjunções explicativas*, sem que seja possível descobrir nelas carácter de conectivo oracional ou mesmo interverbal; introduzem apenas uma enumeração, como os dois pontos.

(2) Os gramáticos classificam *também* ora como *conjunção*, ora como *advérbio de modo*. Em verdade, essa palavra perdeu completamente a aceção de *modo*. Quando digo: eu *também* vou, não indico o *modo* pelo qual vou, incluí-me, apenas, entre os que vão. Nem sei como se pode ver nisso advérbio; é uma palavra com carácter meramente aditivo.

*aqui, cá* = neste lugar  
*aí, lá* = nesse lugar  
*ali, acolá* = naquele lugar.

e outros como *algures, alhures, nenhures, onde*, encerram uma expressão correspondente a adjetivos indefinitos.

Chamam-se êsses advérbios *pronominais*.

**31** — Eis o quadro geral dos advérbios :

<b>Advérbios</b> de	}	dúvida
		freqüência
		intenção
		intensidade
		logar
		modo
		tempo

**32** — **Preposição** é a palavra que indica *relação* entre duas idéas.

E' muito importante, para a análise lógica, estudar a fundo essas relações.

São as seguintes:

*adição* — *além de* queda, coice; *sobre* ser fraco, é imprudente; *a mais de* talentoso, é aplicado.

*aproximação* — *êle se achava cerca de* oito metros mais longe; *havia perto de* dois anos; *eram quasi* oito horas.

*assunto* — *falou sobre* religião; *conversou a respeito de* modas.

*causa* — *morreu de* fome; *chorou com a* morte do filho; *fez isso por* despeito; (locuções: *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de, etc*).

- companhia* — saiu *com* o irmão; partiu *mais* o filho; (locuções: *em companhia de*, etc).
- concessão* — sairei *apesar de* toda a chuva; iremos *malgrado* (malgrado) o tempo.
- conformidade* — fez *conforme* a receita; escreveu *segundo* o original; (locuções: *de conformidade com*, *de acôrdo com*, *de mãos dadas com*, *de combinação com*); penso *com* Platão que...; *por mim*, pode ir (*quanto a*, *em quanto a*).
- distância* — está *a* quatro metros; estava *longe de* casa; *ca-minhava junto a* mim; estamos *perto de* ti.
- distribuição* — repartiu o dinheiro *com* todos (*por todos*, *entre todos*).
- efeito* — fez isso *em* pura perda (*em vão*), realizou o negó-cio *com* vantagem.
- estado* — partiu *com* esperanças (esperançado); vivia *sem* recursos; estava *com* fome.
- estimativa* — eu o tinha *por* sábio; êle me tinha *na conta de* tolo.
- exclusão* — não passa *sem* o irmão; todos tremeram *excepto* eu; foram muitos, *menos* João (*salvo*, *tirante*, *com excepção de*, etc.)
- excesso* — compraram *mais de* vinte; eram *acima de* quarenta; trouxe *além do* que pedi.
- falta* — tiraram *menos de* uma dúzia; ficaram *abaixo de* dez.
- favor* — morre *por* mim; fez isso *para* meu bem (locuções: *em prol de*, *em favor de*, *em atenção a*, *em benefício de*, *para com*).
- instrumento* — escreve *com* pena de pato, expulsaram-no *a* pau; andou *de* trem.
- intensidade* — bateu *com* fôrça; a água saía *sem* violência.

lugar {
   
*onde* — estou em casa
   
*donde* — vim de Mendes
   
*aonde* — vou a Minas
   
*para onde* — vou para a Europa
   
*por onde* — foi por outro caminho

*matéria* — copo de vidro; parede pintada a óleo; preso com cola.

*medida* — vendeu a braças; contou por grosas.

*meio* — passamos com licença; vivia de esmolas; seguira mediante um passaporte; (locuções: *por meio de*, etc.)

*modo* — olhar de esguelha; pisar em falso.

*oposição* — combater com o inimigo; lutamos contra as ondas; (locuções: *de encontro a*, etc.)

*posição* — está entre a cruz e a caldeirinha; estava acima da mesa; ficava ao lado de meu tio; etc.

*prazo* — fez a travessia em quatro horas; chorou durante toda a cerimônia.

*preço* — ficaram a mil reis; vendi por dois contos.

*proporção* — dois está para seis, assim como três para nove.

*proveniência* — Júpiter descendia de Saturno; há bens que vem de males; óleo de rícino.

*qualidade* — é um coração de ouro.

*quantidade* — exército de um milhão de homens; casa com trinta quartos.

*reciprocidade* — discutiram entre si; combinaram um com o outro.

*substituição* — falou por mim (em vez de).

*troca* — deu ouro por papel (em troco de).

**33** — Como vemos, as preposições essenciais não são bastantes para exprimir todas as relações, nem cada

relação tem, para expressá-la, uma preposição especial. Daí o servir a mesma preposição a várias relações e o recorrermos constantemente a *palavras prepositivas* ou a *expressões prepositivas*.

**31—Conjunção** é a palavra que indica a relação entre dois pensamentos. (1) Essa união se pode fazer por *coordenação*, *subordinação* ou *correlação*.

É de importância saber distinguir bem esses processos de ligação.

Na *coordenação* os sentidos das frases são por si mesmos completos e independentes; ex.: *as cigarras chiam e os gaturamos cantam*.

Na *subordinação* uma ou mais frases completam o sentido de uma frase principal ou de outra já de si completa do sentido de uma principal; exs.: *as cigarras cantam, porque chegou o verão*; *gosto de ouvir cantarem as cigarras, quando o verão chega*. Nesses exemplos a frase: *porque chegou o verão* completa o sentido da primeira frase; a frase *cantarem as cigarras*, no segundo exemplo, completa o sentido da primeira e a frase *quando o verão chega* completa o sentido da segunda já subordinada à primeira.

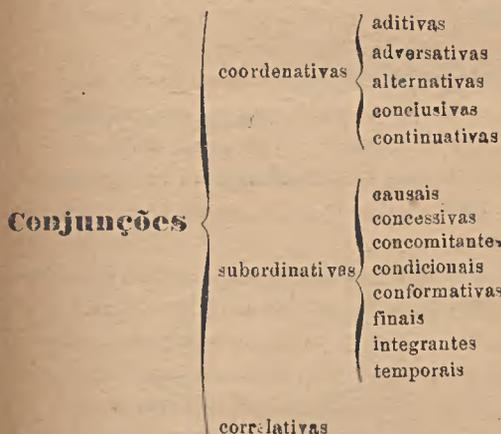
Na *correlação*, até agora confundida, sem motivo, com a subordinação, há *paralelismo* nos sentidos, dependendo um do outro, sem haver entretanto frase principal; ex: *tanto é ruim o pai, quanto é bom o filho*.

---

(1) Em frases como: João e Pedro foram passear; dois e dois são quatro, etc., não há conjunção. A palavra *e* nesses casos é simples *partícula aditiva* como *também* *mais* e *com*. A diferença essencial entre *preposição* e *conjunção* é que a primeira mostra *relação entre idéas* e a segunda mostra *relação entre pensamentos*.

A correlação, em geral, não se faz com a conjunção, existindo apenas uma conjunção correlativa: *que*. Note que as comparações, pois há nelas paralelismo de sentido, são verdadeiras correlações. Nas correlações há sempre dois *termos paralelos*, podendo vir um deles oculto. No exemplo dado esses termos são: *tanto* e *quanto*.

**31** — Eis o quadro geral das conjunções:



Eis a lista das conjunções essenciais e das expressões conjuntivas:

*Aditivas*—juxtapõem idéas similares. Só há propriamente duas conjunções dessa natureza; são: *e* e *nem*. Uma é aditiva afirmativa, outra, negativa, correspondente a *e não*: não vou lá, *nem* (e não) fico aqui.

*Adversativas*—juxtapõem idéas que se contrariam. O tipo de tais conjunções é *mas*. Têm força adversativa as palavras: *porém*, *contudo*,  *todavia*, *entretanto*, *não obstante*, etc., que perderam sua força adverbial. O pró-

prio *mas*, derivado de *magis*, é o mesmo advérbio *mais*.

*Alternativas*—juxtapõem idéas que se excluem. O tipo de tais conjunções é *ou*, repetido ou não. Há, porém, várias palavras conjuntivas de alternância: *ora... ora, quér... quér, seja... seja*, etc.

*Conclusivas*—juxtapõem idéas que se completam. São: *pois* (pospositivo), *logo, portanto, por conseguinte*; ex.: *êle te protege, sê-lhe grato, pois; penso, logo existo; etc.*

*Continuativas*—juxtapõem idéas ou pensamentos em seqüência. São: *ora, pois, que, porque*, em comêço de período; ex.: *ora, aconteceu que o príncipe não foi lá; pois o rei não quis o tal diamante; conte-me isso, que eu o escutarei com atenção; não se assuste, porque já não irei.*

*Causais*—subordinam pensamentos em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser do pensamento principal. São: *que, porque, porquanto, como, se* e expressões como: *já que, desde que, pois que, visto que, visto como*, etc.; exs.: *o cavaleiro não se deteve, que lhe pareceu haver gente emboscada; o homem fugiu, porque o queriam matar (1); não ficaremos, porquanto*

(1) O professor Saïd Alli insiste, com razão, em seu livro *Difficultades da lingua portuguesa*, no valor, *ora* coordenativo, *ora* subordinativo, de *porque*, correspondente, no primeiro caso, a *car, for* e *denn* e no segundo a *parce que, because, weil*. Eis um exemplo tirado dos *Diálogos* de Heitor Pinto e em que os dois *porquês* aparecem claramente: «E' verdade, disse o teólogo, mas deviam-se queixar de si, quando se disso quizessem queixar; *porque* eu vejo-os chorar *porque* perdem o tempo e calar a culpa *porque* o perdem». A primeira oração de *porque* é coordenada e a segunda subordinada. O terceiro *porque* é o relativo e equivale a *por que, isto é, pela qual*. Nas orações de *porque* coordeuativo o prouome objecto, como no exemplo supra, pode ser enclítico.

nos pretendem roubar; *desde que* assim procederam, vão sofrer as conseqüências; *já que* assim o quis, mandei-o embora; *pois que* tudo já soubemos, deixemo-lo partir; *como* tenho de ir amauhá, entrego-lhe a oficina; *se* assim m'ó ordenam, fá-lo hei.

*Concessivas*—subordinam frases em que se pressupõe um acontecimento contrário à acção principal, mas incapaz de impedi-la. São: *embora, conquanto, ainda que, posto que, se bem que*; exs.: *embora* não me creias, dirte hei tudo; *conquanto* estivessem fatigadíssimos, os soldados avançavam; *ainda que* fôssemos depressa, não o alcançaríamos; *posto que* a ilha estivesse deserta, a princesa quis desembarcar; *se bem que* o admirasse, não o aplaudiu.

*Concomitantes*—subordinam frases em que se menciona uma acção realizada ou a realizar-se ao mesmo tempo que a principal. São: *emquanto, ao passo que, à proporção que*, etc.; exs.: *emquanto* remávamos, víamos crescer a tempestade; *ao passo que* o exército avançava, mais intenso era o troar da artilheria; o vento ia se-ienando *à proporção que* a lua ia subindo.

*Condicionais*—subordinam frases em que se exprime condição necessária à realização ou não realização da acção principal. São: *se, contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, logo que*; exs.: *se* a chuva abraundar, ainda irei hoje; garanto o êxito, *contanto que* me ajudem sériamente; *sem que* a lua saia, não partiremos (condição negativa); *uma vez que* cheguem os reforços (se chegarem) atacaremos a praça; *dado que* a polícia venha a tempo, prenderemos o assassino; *desde que* tudo corra bem, ganharemos a questão; *logo que* proceda dignamente nesse cargo, pode-



remos nomeá-lo. Na expressão *salvo se* a condição se exprime unicamente por *se*; *salvo* é mera *palavra exclusiva* ou *partícula exceptiva* como lhe chama Epiphânio Dias. Há dificuldade, muitas vezes, em distinguir a *causal* da *condicional*, porquanto a causa é, na realidade, uma *condição determinante*. Devemos verificar, pois, se a condição expressa na subordinada *determina* a acção principal ou se apenas anuncia a dependência em que se acha a acção principal da realização dessa condição; exs.: *desde que* saiu sem licença despedi-lo hei (despedi-lo hei *porque* saiu sem licença, isto é, realizou a condição determinante da demissão); *desde que* saia sem licença, despedi-lo hei (despedi-lo hei *se* sair sem licença, isto é, se realizar a condição, se tornar essa condição determinante).

*Conformativas*—denomino assim as que subordinam frases em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da frase principal. São: *como, conforme, segundo*; exs.: vou, *como* disse antes, referir o caso; tudo se realizou, *conforme* anunciara o astrólogo; pro-cederam *segundo* ordenava a lei.

*Finais*—subordinam frases em que se incluí a indicação da tendência, da finalidade da acção principal. São: *para que, afim de que, porque, que*; exs.: enganou-os *para que* o não enganassem; contou essa história *afim de que* lhe dessem o que pedia; instou *porque* lhe trouxessem o candieiro; insistiu *que* lhe mandassem o menino.

*Integrantes*—subordinam frases que completam o sentido da frase principal, servindo-lhe de objecto directo. Só há duas: *que* e *se*, a primeira para a afirmação certa, a segunda para a incerta; ex.: não pude ver *que*

êle descia (descia certamente, mas não pude ver); não pude ver *se* êle descia (não tenho certeza disso). Com os verbos que de si mesmos já denotam dúvida usa-se *que*: duvido *que* venha; mas creio *que* chegue hoje; suponho *que* me encontrará. Nesses casos a incerteza está na principal, mas na subordinada há certeza: duvido que passe (mas pode passar); mas: estou em dúvida *se* passe, (ou *se* não passe; incerteza no acto de passar). Muitos gramáticos incluem entre as integrantes as palavras *como*, *porque*, *quando* e alguns *onde*, em frases como: não sei *quando* chegaste; ignoro *porque* saiste; não via *onde* estava; não vi *como* saltaste, supondo tais subordinações objectivas. Veremos na syntaxe o êrro de tal suposição.

*Temporais* — subordinam frases onde se incluí uma idéa de tempo, freqüência ou prazo em *quê* se realiza a acção principal. São: *apenas*, *mal*, *quando*, *até que*, *assim que*, *antes que*, *depois que*, *logo que*, *sempre que*, *todas as vezes que*, etc.; exs.: *apenas* me viu, correu para mim; *mal* desembarcava, era roubado; *quando* chegou, todos se tinham ido; ficaram na estação, *até que* o trem chegasse; *assim que* o trem chegou, vieram para casa; *antes que* o prendessem, fugiu; *depois que* o conheceram, deixaram-no andar na rua; *logo que* trouxerem as frutas, ponham a mesa; *sempre que* o vejo, irrito-me; *todas as vezes que* o encontro, ameaço-o.

*Correlativas* — introduzem uma frase em que se exprime um pensamento preso, não à acção principal com que apenas se coordena, mas a um termo *intensivo*, claro ou oculto. São: *que* e *como*; exs.: subi *tanto*, *que* perdi o fôlego; esforçou-se de maneira *tal*, *que* adoeceu; chegamos de *tal* modo *que* todos se compadeciam de

nós; fizemos *mais que* vocês todos; corri *como* qualquer outro (*tanto* como qualquer outro; quando *tanto* vem claro usa-se *mais quanto* no segundo membro da correlação); procedo do *mesmo* modo *que* êle (correlação de identidade)

*Nota* — Alguns gramáticos admitem conjunções *modais* e incluem nessa classe: *como, do mesmo modo que, de modo que, de sorte que, de geito que, etc.* Exame detido me fez rejeitar semelhante classe.

Na frase: *corro do mesmo modo que você*, não posso ver expressão conjuntiva em *do mesmo modo que*. Isso nos levaria a considerar expressões conjuntivas todas as fórmulas de comparação em que entrasse o adjectivo assimilativo *mesmo*: *ando do mesmo geito que* êle; *salto com a mesma facilidade que* êle, *durmo da mesma maneira que* êle, *desço do mesmo lado que* êle, etc. Vê-se, bem claro, que há nisso verdadeira *correlação de identidade* em que o primeiro termo correlativo é *mesmo*, com o paralelismo característico (*salto com facilidade, êle também salta com facilidade, essa facilidade é a mesma; pulo de um modo, êle pula também de um modo, e êsse modo é o mesmo*). É tão exacto, que temos, ao contrário disso, a *correlação da dissimelhança*, com *outro* no primeiro membro; *pulo de outro modo que* êle; *penso de outra forma que* êle; *êle é de outro calibre que* João.

Ora, muitas vezes, essa correlação vem expressa pela palavra de síntese *como*, sem que se altere em nada o sentido; *trabalho como um mouro (do mesmo*



modo *que* um mouro ); não posso gritar *como* Você (do mesmo modo *pele qual* Você grita). (1)

**35 — Interjeição** é a palavra que exprime *emoção* independente de algum pensamento.

Essa independência distingue a interjeição da *ênfase*, em que há uma emoção apenas reforçando o pensamento.

Se a expressão de um pensamento é uma frase, podemos também dizer que é frase a expressão de uma emoção. Isso é tão verdade, que essa emoção pode ser expressa por uma verdadeira oração analisável, como: *raios te partam, vá para o inferno*; etc.

Do mesmo modo que a *frase-pensamento* pode reduzir-se a uma só palavra, como: *chove*, também a uma só palavra pode reduzir-se a *frase-emoção*, como: *safal dane-se!* etc. e temos a *interjeição*.

Muitos gramáticos, desconhecendo a *frase-emoção*, definindo *palavra* a representação exclusiva da *idéa*, não sabendo que fazer da interjeição, consideraram-na mero grito inarticulado, sem se lembrarem de que uma seqüência inteira de palavras, perfeitamente e logicamente elaborada, pode ter o valor de uma interjeição e constituir realmente a frase interjectiva.

**35** --- Há interjeições essenciais, palavras interjectivas, expressões interjectivas e frases interjectivas; exs.: *ai! oh! hein? safal livral bravissimo! toca! com os diabos! ora bolas! boa tarde! vá saindo! valha-me Deus! diabos o levem!*

A mesma interjeição ou palavra interjectiva pode revelar emoções diversas, conforme a inflexão da voz.

(1) E' lícito perguntar se o *que* nessas correlações é conjunção ou verdadeiro pronome: trabalho do mesmo modo *que* um mouro, isto é, do mesmo modo *pele qual* trabalha um mouro. Essa equivalência se torna de rigor no último exemplo citado no texto.



Eis porque é quási impossível classifi-cá-las, sôbre ser absolutamente inútil. Por exemplo: *arre!* pode exprimir dôr física, impaciência, causaço, repulsa, etc.

**37**—Modêlo de análise taxionômica:

Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro

E' melhor de decer que de subir

(*Lus.* V, 35)

<b>Olá</b>	Palavra emotiva, interjeição de apêlo.
<b>Velloso</b>	Palavra denotativa, substantivo próprio personativo, cognome.
<b>amigo</b>	Palavra ideativa, modificativa, adjectivo descriptivo, accidental, referente ao substantivo <i>Velloso</i> .
<b>aquelle</b>	Palavra ideativa, modificativa, adjectivo designativo.
<b>outeiro</b>	Palavra ideativa, substantivo comum, concreto.
<b>é</b>	Palavra formal afirmativa, verbo de ligação, prende o comparativo <i>melhór</i> a <i>outeiro</i> .
<b>melhor</b>	Palavra ideativa, adjectivo descriptivo, sintético, encerra em si o intensivo <i>mais</i> (mais bom).
<b>de</b>	Palavra ideativa, preposição simples, exprime a relação de fim.
<b>decer</b>	Palavra ideativa, verbo de acção, da segunda conjugação, irregular fraco, indefectivo.
<b>que</b>	Palavra ideativa, conjunção correlativa, de comparação.
<b>de</b>	(Já analisado)
<b>subir</b>	Palavra ideativa, verbo de acção, da terceira conjugação, irregular, fraco, indefectivo.

## Morfologia

**38** — *Morfologia* é o estudo da estrutura da palavra. Estudar a estrutura da palavra é decompô-la em seus *elementos mórficos* ou *morfôses*. (1)

Por exemplo: na palavra *desconjuntado* a idéa fundamental de *ligar* é dada pelo grupo mórfico *junt* (que, por sua vez, é composto da raiz *ju*, de *t* designativo de participio passado, *junctum*, e da nasalização *n*); a idéa de reunião é dada pela morfose *con*; a idéa de contrariedade, acção oposta, é dada pelo primeiro elemento *des*; enfim, a idéa de acto realizado se exprime pelo grupo *do*, preso ao elemento fundamental pela vogal *a*, característica da primeira conjugação.

O elemento *junt* chama-se *radical*; *con* e *des* são prefixos; *a* é *vogal de ligação* e *do* é *desinência de participio passado*.

**39** — Eis o quadro geral das *morfôses*:



(1) Proponho êsse termo que julgo necessário: é o grego *μορφώσις*, formação.

*Raiz* é o elemento significativo originário da palavra.

Ex: nas palavras *lux, lua, luminoso, lícido, lunar, lustre*, as morfoses *luc* e *lu* representam a raiz *ruk*, sânscrita, que exprime a idéa de brilho. Essa raiz, nas línguas do grupo indo-europeu, alterou-se, ou ampliou-se com a junção de morfemas, e assim deu *luc, leuk, lu, lug, luy, lun, licht, light*, etc.

Essas raízes *modificadas* chamam-se *radicais*.

Ao radical *luc*, em português, podem juntar-se outros morfemas, palavras prefixos e palavras sufixos, como em *elucidar, elucidação*. No verbo *elucidar* há uma parte que se não altera ou se não dispensa na conjugação; é *elucid*, onde vemos o radical *luc*, o prefixo *e* e o morfema pospositivo *d* formador de adjetivos, ligado a *luc* pela vogal *i*. Essa morfose composta *elucid* chama-se *tema verbal*. Esse mesmo tema pode formar substantivos ou adjetivos, ou ampliar-se para formar novo tema. O tema se altera nos verbos irregulares e até nos substantivos: *fúnil, funi-s; perdiz, perdig-ão*. A morfose que se segue imediatamente ao tema chama-se *terminação*. Em *elucidar* a terminação é *ar*; em *elucidação* é *ação*; em *lucidez* é *ez*; em *lícido, luzerna, lua*, não há terminação, porque as vogais finais são meras desinências.

*Afixos* são as morfoses que se prendem à raiz.

*Palavras prefixos* são palavras antepostas, mais ou menos inalteradamente, aos radicais; ex.: *BENEFÍCIO, ENTRETER, CONTRAPÔR*. (1)

---

(1) Cada palavra-prefixo, como aliás todo prefixo ou sufixo, tem sua raiz. *Bene*, por exemplo, só funciona em português como palavra-prefixo, mas tem a mesma raiz que *bom*.



*Palavras sufixos* são palavras pospostas, mais ou menos inalteradamente, aos radicais; ex.: *suavemente*, *sacrifício*, *lanífero*.

Pode haver palavra composta exclusivamente de uma palavra prefixo e outra sufixo; ex.: *benefício*, *maléfico*.

Pode haver, ao contrário do que se ensina geralmente, palavra sem raiz; ex.: como de *cômedo*, cuja raiz *dê* desapareceu, de modo que a idéa de *comer* passou à preposição *com*, prefixo. Outro exemplo é *reciproco*, com dois prefixos e dois morfemas (*re-c-i-pro-c-o*).

Pode haver ainda palavra com mais de um radical; ex.: *madresilva*, *papavento*, *sacrilégio* e todas as compostas por juxtaposição de nomes.

*Vogal prostética* é o morfema insignificativo preposto às palavras iniciadas por certos grupos consonantais. Em português há duas vogais prostéticas *a* e *e*; ex.: *Atambores*, *Esplendor*.

*Vogal eufônica* ou *epentética* é a intercalada no radical ou entre um radical e um afixo para facilitar a pronúncia; ex.: *garupa* (de *kruppa*), *fulô* por *flor*.

*Consoantes eufônicas* são as intercaladas nos radicais para facilitar ou embelezar a pronúncia: *registro*, *cafeteira*, *chadeira*. Em *amorzinho* (1), por exemplo, o *z* não é talvez consoante eufônica, pois o sufixo é *zinho*, como em *amorzito* é *zito*.

*Vogal de ligação* é a que prende duas morfoses ou dois radicais. São as seguintes:

- a* — característica da primeira conjugação — *am-a-r*
- e* — característica da segunda conjugação — *perd-e-r*
- i* — característica da terceira conjugação — *part-i-r*
- i* — liga dois radicais latinos — *alvinegro*
- o* — liga dois radicais gregos *morfologia*
- u* — vogal de ligação do antigo participio passado e persistente em *leudo*, *manteúdo*, *conteúdo* e *Temúdo* (nome próprio: *temido*).

(1) Supõe Gonçalves Viana que o sufixo é *zinho* análogo ao espanhol *cico*. Opõe-se-lhe Othoniel Motta (*O meu idioma*), que sustenta ser tal a mera consoante eufônica.



*Desinência* é a morfose indicativa das flexões: *hora-s*, *ten-s*, *ia-MOS*.

*Morfema* é um fonema de origem desconhecida formador de nomes ou modificativos; ex.: *divi-N-o* *lúci-D-o*.

*Vogais epíteticas* são as que se acrescentam a palavras estrangeiras terminadas em consoantes não finais em português; ex.: *bond-E* *club-E-s*. Em português só existe *e*.

*Consoantes epíteticas* são as que se acrescentam a certos radicais terminados em vogal. Isso se faz, em geral, por analogia com outras palavras. A consoante epítetica em português é *s*; ex.: *ante-s* < ante; *Marica-s*; um *fole-s*, etc.

40 — É importante conhecer todas as desinências portuguesas; eis o quadro geral:

<b>Desinências</b>	nominais	género	{ masculino—o
			{ feminino—a
		número	{ plural—s
	grau		{ comparativo— <i>or</i> (1)
		verbais	temporais
	{ presente do infinito— <i>r</i>		
	{ gerúndio— <i>ndo</i>		
	{ participio presente— <i>nte</i>		
	{ participio passado— <i>do, to, so</i>		
	{ imperfeito do indicativo— <i>r</i>		
{ mais que perfeito— <i>ra</i>			
pessoais	condicional— <i>ia</i>	{ imperfeito do subjuntivo— <i>ss</i>	
		{ futuro do subjuntivo— <i>r</i>	
		{ do pres. do ind.— <i>o, s, mos, is e des, u</i>	
		{ do pret. perfeito— <i>i, ste, u, mos, stes, ram</i>	

(1) Essa desinência *or* permanece nos seguintes grupos: maior e menor; melhor e peor; superior e inferior; exterior e interior; anterior e posterior; ulterior e ceterior; sénior e júnior; no subst. prior e no verbo deteriorar.

*Exemplos*—Lôbo, lôba, lôbos, inferior, summo, facilimo, paupérrimo, altíssimo, íntimo, póstumo, amar, amando, amante, amado, posto, confesso, amava, amara, amaria, amasse, quisér, amo, amas, amamos, amais, lêdes, amam, amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.

41—E' vantajoso conhecer o modo de formação dos tempos derivados.

Há três tempos primitivos: *infinitivo impessoal*, *presente do indicativo* e *pretérito perfeito*. Os demais tempos *simples* se derivam dêsses.

Do *infinitivo impessoal* formam-se sejs tempos (1): o *infinitivo pessoal*, o *gerúndio*, o *participio presente*, o *participio passado*, o *futuro do indicativo* e o *condicional*.

O *infinitivo pessoal* forma-se acrescentando-se ao *infinitivo impessoal* as desinências pessoais do presente do indicativo, menos na 1.<sup>a</sup> pess. s.:

amar, amar-e-s, amar, amar-mos, amar-des, amar-e-m

O *gerúndio* forma-se substituindo-se a desinência *r* do *infinitivo* pela desinência *ndo*:

ama-r—ama-ndo

O *participio presente* forma-se substituindo-se a desinência *r* do *infinitivo* pela desinência *nte*:

temer-r—teme-nte

O *participio passado* forma-se substituindo-se a desinência *r* do *infinitivo* pela desinência *do*:

ama-r—ama-do.

(1) Observa-se que, em alguns casos, essa subordinação é meramente didática. O presente do subjuntivo, por exemplo, tem, etimologicamente, formação especial. Mas, ainda assim, a influência do pres. do ind. sobre o do subj. é real; ex.: *peço, peça; trago, traga*.

Note-se que na 2ª conjugação a vogal de ligação *e* se muda em *i*: perder—perd-*i*-do.

Note-se ainda que os particípios irregulares se formam com as desinências *to* ou *so*, além de alterações do radical: fei-*to*, confes-*so*.

O futuro do indicativo forma-se acrescentando-se ao infinitivo impessoal as formas contractas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei, has, ha, hemos, heis, hão*, cortando o *h*:

amar-*ei, amar-ás, amar-á, amar-emos, amar-eis, amar-ão*.

O condicional forma-se acrescentando-se ao infinitivo impessoal as formas contractas do imperfeito do indicativo do verbo *haver*: *hia, hias, hia, hiamos, hieis, hiam*, cortando o *h*:

amar-*ia, amar-ias, amar-ia, amar-íamos, amar-ieis, amar-iam*.

Do presente do indicativo formam-se três tempos: o imperfeito do indicativo, o presente do subjuntivo, o imperativo.

O imperfeito do indicativo forma-se pondo-se, entre o tema do presente e as desinências pessoais, a desinência *v*: ama-*s—ama-v-a-s*.

Note-se: *a*) que a desinência da primeira pessoa desaparece: eu ama-*v-a*; *b*) que nas 2ª e 3ª conjugações caiu o *v*: part-*i-a*, por part-*i-v-a* (1); *c*) que na 2ª conjugação a primeira vogal de ligação em vez de *e* é *i*: perd-*i-a* por perd-*e-a*.

O presente do subjuntivo (dos verbos regulares) forma-se mudando-se a vogal de ligação *a* em *e*, e a vogal de ligação *e* ou *i* em *a*:

(1) No italiano ainda se diz *scriveva, partiva*.

am-a-mos—am-e-mos  
 escrev-e-mos—escrev-a-mos  
 part-i-mos—part-a-mos

O imperativo se forma, nas duas 2<sup>as</sup> pessoas, directamente das duas 2<sup>as</sup> pessoas do indicativo cortando-se o *s* final; nas demais pessôas, indirectamente, através do subjuntivo. Eis todo o imperativo de um verbo irregular, onde melhór se verá o processo:

*perca* eu, *perde* tu, *perca* você, *percamos* nós, *perdei* vós, *percam* vocês (1).

Note-se: a) que na forma negativa as segundas pessoas se formam também do subjuntivo: não *percas* tu, não *percais* vós; b) que há um verbo cujo imperativo não segue, aparentemente, êsse processo; é o verbo *ser*. No indicativo faz: *és, sois* e no imperativo: *sé, séde*. E' que as formas *sé, séde* provém de um antigo presente do verbo *seer* derivado de *sedere* (sentar-se) e cujas 2<sup>as</sup> pessoas eram: *sés, sédes*.

Do pretérito perfeito formam-se três tempos: o *mais que perfeito do indicativo*, o *imperfeito do subjuntivo* e o *futuro do subjuntivo*.

O *mais que perfeito do indicativo* forma-se acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do imperfeito do indicativo do verbo *ser*:

de-ra, de-ras, de-ra, dé-ramos, dé-reis, de-ram  
 quis-e-ra, quis-e-ras, quis-e-ra, etc.

(1) Tem-se estranhado haver eu incluído *primeira* pessoa no imperativo. Basta citar um exemplo de Camões com a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas contrapostas:

*Repousa lá no ceu eternamente*  
*E viva eu cá na terra sempre triste.*

fô-ra, fô-ras, fô-ra (radical *fo*, contração de *fui*)  
vest-i-ra, vest-i-ras, vest-i-ra, etc.

Note-se que se mantêm as vogais de ligação: am-a-ra, diss-e-ra, fug-i-ra. Todavia, quando o tema da terceira termina em *i*, não há vogal de ligação; *rir* faz *ri-ra*. *Vir* toma a vogal *e* (*vi-e-ra*) para não se confundir com *vira*, de *ver*.

O *imperfecto do subjuntivo* forma-se acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do imperfecto do subjuntivo do verbo *ser* (fô-sse); ex.:

fiz-e-sse, fiz-e-sSES, fiz-e-sse, fiz-e-ssemos, fiz-e-sseis,  
fiz-e-ssem.

O *futuro do subjuntivo* forma-se também acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do futuro do subjuntivo do verbo *ser* (fô-r); ex.:

fiz-e-r, fiz-e-res, fiz-e-r, fiz-e-rmos, fiz-e-rdes, fiz-e-rem.

42—Eis a lista completa dos prefixos da língua portuguesa:

#### a) Prefixos latinos: (1)

AB—sentido fundamental: *movimento DE* (*from* em inglês); exs.: *aberrar*, ab+errar, caminhar afastando-se de um centro; *abjecto*, ab+jecto (de *jactum*, atirado), atirado por alguém de junto de si. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de afastamento moral, privação, ausência, repugnância, aversão, como em: *abjurar*, *abdicação*, *abominar*, *abusar*.

Êsse prefixo aparece ainda com as seguintes formas:

---

(1) Ao professor incumbe explicar os radicais conforme o adiantamento dos alunos. O ensino sistemático dos radicais latinos é indispensável num curso regular de português.

- a* — amovível, que pode ser movido de um lugar para outro; *amente*, que está fora da sua mente, do seu juízo, louco.
- abs* — antes de *c* ou *t*; exs.: — *abscesso*, que se afasta, se torna saliente; *abscisão*, acto de separar cortando; *abster*, possuir, mas não usar; afastar-se alguém de alguma coisa que possui ou pode alcançar; *abstrair*, puxar separando.
- ar* — por assimilação do *b* em *r* — *arrancar* (*ab-radicare*) tirar as raízes da terra, desprender pela raiz.
- au* — antes de *f* — *aufferir*, levar de, tirar proveito de (*ab + fero*); *ausência* (de *absens, tis*), afastamento.
- es* — esconder de *abs + condere*, (sent. fund. de *colocar* com outros, fundar) colocar alguma coisa fora das vistas de alguém.
- av* — em *avante* = *ab + ante*; por *degeneração* do *b* em *v*; *avental* (de *ab-ante*), que se põe diante (antigo *avantal*). Nas palavras *vante*, *vantagem* e derivados o *v* representa o prefixo *ab*. O mesmo em *vanguarda*.
- AD** — sentido fundamental: *movimento PARA*; ex.: *aducção*, movimento do braço ou da perna para junto do eixo de simetria; *adventicio*, aquele que *veio* a algum lugar. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de aproximação, direcção, tendência no espaço e no tempo, vizinhança, apêgo, afeição, favor, como em: *advogado*, que é chamado para si, em seu socorro; *adaptar*, prender exactamente a alguma coisa; *adjacente*, que jaz perto; *admirar*, olhar de perto, com interesse, com entusiasmo; *adoptar*, escolher para si; *adorar*, pedir com instância dirigindo-se a alguém. Esse prefixo assume ainda as seguintes formas que a grafia comum conserva tomadas ao latim.

- ac* — antes de radical iniciado por *c* ou *q*: *acclamar*, clamar, gritar em favor de alguém; *accumular*, reunir em montão; *accorrer*, correr para; *acquiescer*, ficar quieto, não se opôr mais, ceder a alguém.
- af* — antes de radical iniciado por *f*: *affável*, capaz de falar com alguém, de receber com urbanidade; *affluente*, que flúi para.
- ag* — antes de radical iniciado por *g*: *agglomerar*, reunir em grumos, amontoar; *agregar*, reunir em rebanho, em grei.
- al* — antes de radical iniciado por *l*: *allegar*, mandar uma defesa em favor de alguém, citar razões e argumentação; *allocução*, fala dirigida a alguém, discurso.
- an* — antes de radical iniciado por *n*: *annexar*, prender a alguma cousa; *annunciar*, dar notícia a alguém.
- ap* — antes de radical iniciado por *p*: *applaudir*, bater palmas a favor de alguém; *apposto*, colocado junto.
- ar* — antes de radical iniciado por *r*: *arrostar*, voltar o rosto para alguém, desafiá-lo; *arribar*, chegar à riba, à margem, à costa; *arraigar* (*ad+radicare*), prender, fixar as raízes.
- as* — antes de radical iniciado por *s*: *assimilar*, tornar semelhante a; *associar*, reunir sócios, companheiros.
- at* — antes de radical iniciado por *t*: *atrahir*, puxar para si; *atribuir*, dar, tributar a alguém.
- ar* — em *árbitro* e seus cognatos, *ar+bitro* (de *betere* ou *bitere*, ir), aquele a quem vamos pedir alguma decisão.
- a* — com essa forma tornou-se prefixo vernáculo e mesmo simples vogal prostética em numerosas palavras:

abordar, apurar, aquestrar, adoçar, aplanar, amanhã, após, ahi, etc.

**ALÉM** — prefixo vernáculo — sentido de posição ulterior, ao de lá de certo limite; corresponde exactamente a *ultra*; ex.: *além-mar*, que está situado para lá do mar; *Alentejo*, terras para lá do Tejo; *além-túmulo*, que se acha depois do túmulo, da morte.

**AMBI** — sentido de *duplicidade*: *ambidextro*, destro de ambas as mãos. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de direcção múltipla, *dubiedade*: *ambiente*, que vai (de *ire*, *iens*) para todos os lados, *circunjacente*; *ambição*, acção de ir (também de *ire*) para muitos lados, de procurar por toda a parte; *ambiguo*, (amb+ago, faço) que actua para um e outro lado. Reduz-se a *am* em *amplo*, *amplexo* (dobrado em volta), *amputar*; a *an* em *anfractuoso* cheio de fragas e *andar* (de *ambitare*). É radical em *ambulante*, *perambular* e cognatos.

**ANTE** — sentido de anterioridade, procedência, no espaço e no tempo; *antepôr*, colocar antes; *anteceder*, caminhar antes de outrem, vir antes. (1)

Êsse prefixo tem as seguintes formas: *ant* em *antolhos*, aparelho oposto aos olhos dos animais de tiro; *ent* em *enteado* (antigo *anteado*), de *antenatum*, nascido de casamento anterior.

**AQUÉM** — palavra prefixo vernáculo — sentido de posição ceterior, ao de cá de certo limite; corresponde a *cis*: exs.: *aquém-mar*, situado para cá do mar; *aquém-túmulo*, que se dá antes do túmulo, da morte.

**BENE** — *bem*, palavra-prefixo latina: *beneficio*, acção de fa-

(1) Não confundir com o prefixo grego *anti* que indica opposição.

zer bem; *bemdizer*, dizer bem. Aparece com a forma vernácula *ben* em: *bento*, contracção de *benedicto*; *bênção*, por *benção* (de *benedictionem*), acto de abençoar, desejar bem, boa sorte.

**BIS** — duas vezes, idéa de repetição; ex.: *biscoito*, cozido duas vezes; *bisneto*, duas vezes neto. Aparece com a forma asigmática *bi*: *biforme*, de duas fórmulas; *biennio*, espaço de dois anos. Aproxima-se dessa forma o prefixo *bin*, de *bini*, de dois em dois que aparece em *binóculo*, e como radical em *binario*, *combinar*, etc.

**CENTUM** — palavra-prefixo latina, *cem*; exs.: *centumviros*, assembléa de *cem* homens na antiga Roma; *centumvirato*, dignidade do *centumviro*. Êsse prefixo toma as seguintes formas:

*centu* — *centuplicar*, tornar cem vezes maiór; *centuplo*, cem vezes mais.

*centi* — *centímetro*, centésima parte do metro; *centípede*, que tem cem pés; *centígrado*, dividido em cem graus (termómetro); *centímano*, de cem mãos.

*cento* — em *centopêa*, que tem cem pés.

*centa* — em *centafolho*, por *centifolho*, foliculos do estômago bovino e, figuradamente, entranhas, recônditos.

**CIRCUM** — sentido fundamental de movimento *em tórno*; exs.: *circumferência*, movimento em tórno de um centro; *circumlóquio*, fala em tórno, frase longa dita em vez do termo próprio, para evitá-lo ou por ignorá-lo. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de posição em redór, vizlhança: *circunjacente*, que jaz em tórno, que está perto; *circumvagar*, andar por perto. Êsse prefixo aparece com a forma *circu* na palavra

*circuito* (*circu+ito*, de *itum*, supino de *ire*), que vai em tórno.

**cis**—posição para aquém; exs.: *cisplatino*, que está aquém do Rio da Prata; *cismontano*, que está aquém do monte, das montanhas.

**com**—(da preposição latina *cum*) sentido fundamental de concomitância, acção que se realiza ao mesmo tempo que outra; exs.: *competir*, procurar alguma coisa ao mesmo tempo que outrem; *companheiro* (*cum+panis*), que come o pão com outro, comensal. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de companhia, reunião, associação, acção conjunta, intensidade, opposição: *combater*, pelejar com outros; *comicio* (*cum+ire*), acção de ir com outros tratar de algum negócio em praça pública; *commensal*, que se reúne à mesma mesa que outro; *commum*, que paga o mesmo tributo (*munus*), que é igual para todos; *comprimir*, apertar com intensidade. ?

Esse prefixo toma as seguintes formas:

**con**—antes de radicais iniciados por *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *q*, *s*, *t*:  
*concorrer*, correr com outros, em opposição a outros;  
*condensar*, reunir em massa densa; *confundir*, fundir juntamente, misturar; *congregar*, reunir na mesma grei, no mesmo rebanho; *conjuguar*, reduzir ao mesmo jugo, submeter às mesmas flexões verbais, etc.

**col**—antes de radicais iniciados por *l* (assimilação): *collaborar*, trabalhar com outro; *collidir*, bater contra outro (*laedere*), chocar-se com outro.

**cor**—antes de radicais iniciados por *r*: *corroborar* (de *robur*, fôrça), juntar suas fôrças às de outrem, auxiliar; *corrosivo* (de *rodere*, roer), que rói muito, intensamente.

*co*—antes de radicais iniciados por vozes, *h*, ou outros novamente formados: *cooperar*, fazer um trabalho com alguém, auxiliar; *coherente*, que está preso a alguma cousa, cujas partes se unem, cujas acções demonstram unidade de princípio; *co-proprietário*, que é proprietário juntamente com outro. Reduz-se a *cu* em *cunhado* (de *co*+*gnatum*).

A forma latina *cum* permanece em portuguez nas palavras: *cumprir* (de *cumplere*, encher bem), antigamente *comprir*; *cumplice*, o que está onvolto com outro nas dobras de um processo.

**CONTRA**—idéa de opposição; *exs.*: *contradizer*, dizer o contrário de alguém; *contraveneno*, remédio dado para anular a acção de um veneno. Dêsse sentido fundamental decorre a idéa de acção conjunta, semelhante, simétrica; *contraregra*, pessoa encarregada de dirigir uma representação teatral; *contraforte*, costura ou muralha que reforça outra; *contrapêso*, pêso adicionado para restabelecer o equilíbrio.

Em *contradança* (do inglês *country dance*, dança da roça) não há prefixo *contra*, embora *country* venha de *contrata*, região fronteira, e esta se forme de *contra*.

Êsse prefixo tem a forma *contro* nas palavras *controverter*, *controversia*; esta forma é latina (cf. *intra* e *intro*).

**DE**—sentido fundamental de movimento de cima para baixo; *exs.*: *declive*, que está inclinado de cima para baixo; *decrecer*, movimento contrário ao de crescer, vir de cima para baixo, em altura; *débil*, que perdeu a habilidade, que decaiu em fôrças. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de colocar, estabelecer, subordinar, suprimir, e as de pressão, intensidade, esfôrço, particularização: *depôr*, arre-

messar de cima abaixo; declarar o seu testemunho, deixar cair, largar alguma cousa sôbre outra; *definir*, firmar, estabelecer os limites; *depend*, estar pendurado, preso por baixo de alguma cousa, preso a alguêm, subordinado; *decapitar*, fazer cair uma cabeça, separá-la do corpo; *deliberar*, fazer inclinar a balança (*libra*), seguir a determinação de maior pêso; *decalcar*, calcar forte, seguir a trilha calcando; *descrever*, escrever insistindo nas particularidades. Esse prefixo tem às vezes a forma *di*: *dimensão*, resultado da medição, combinação das medidas; *diminuir*, abater no tamanho, tornar menor.

**DECEM** — palavra-prefixo latina, *dez*; *exs.*: *decémviros*, membros de uma assembléa de dez homens (magistrados romanos); *decemvirato*, dignidade do decémviro. Reduz-se a *dezem* em *dezembro*, onde é radical. Esse prefixo toma as formas:

*deci* — *decímetro*, décima parte do metro; *decigrama*, décima parte do grama; *decimilésimo*, décima parte do milésimo.

*decu* — *decuplicar*, dobrar dez vezes, e cognatos; *decumáno*, que está ou chega em décimo lugar (onda *decumána*, ovo *decumano*, soldado *decumano*, de 10<sup>a</sup>. legião romana).

*dec* — *decennio* (*decem*+*annum*), espaço de dez anos; *decúria* (de *decem*+*vir*), corpo de dez homens, de onde *decurião*.

**DES** — sentido fundamental de separação (de+*ex*); *desvestir*, tirar os vestidos; *destravar*, tirar as traves; *desviar*, tirar do caminho. Dêsse sentido decorrem as idéas de afastamento, privação, acção contrária, negação: *descommunal*, que se afasta do comuni; *des-*

protegido, que está privado de protecção; *desfazer*, fazer o contrário; *deshonesto*, que se afasta do honesto, que não é honesto; *desleal*, não leal.

**DIS** — sentido fundamental de dualidade, de divisão em duas partes; ex.: *disjuntir*, separar duas cousas juntas. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de separação em geral, movimento em muitos sentidos, afastamento, cessação, negação, falta, intensidade: *dissentir*, separar-se do sentimento, do modo de sentir de outrem; *disseminar*, semear para diferentes lados, atirar sementes em tôrno; *discutir*, sacolejar para separar as partes, para examinar; *dissidente*, aquele que se assenta na mesma assembléa, mas diverge das opiniões da maioria; *discontínuo*, cuja continuidade cessa, que se acha separado, por intervalo, de outra substância; *disforme*, que se afasta de qualquér forma e, assim, não tem forma; *disproporção*, desvio de proporção, falta de proporção; *distender*, estirar em todos os sentidos, esticar muito.

Esse prefixo pode ter as seguintes formas:

*dif* — por assimilação, antes de radicais iniciados por *f*: *diffundir*, fundir, espalhar para diversas partes; *difícil*=não fácil.

*dir* — antes de radicais iniciados por vogal: *dirimir* (*dis+emo*) separar, perturbar, desfazer. É' o único exemplo em português.

*di* — *digerir*, levar para várias partes, desassimilar as substâncias nutritivas para espalhá-las no organismo; *dilacerar*, rasgar em todos os sentidos; *divagar*, vagar, errar em vários rumos; *distillar*, separar gota a gota (*stilla*).

*des* — em várias palavras houve mudança do *i* em *e*, talvez por confusão com *des*: *desgraça*, afastamento, privação da graça divina ou real; *desculpar*, afastar de alguém a culpa; *deslocar*, afastar do lugar (1).

*EX*—sentido fundamental de movimento para fora; *exs.*: *expatriar*, pôr fora da pátria; *expulsar*, impelir para fora; *extrair*, puxar para fora. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de afastamento, separação, privação, estado anterior, excesso: *excêntrico*, que se afasta do centro; *expectorar*, tirar do peito, escarrar; *expropriar*, tirar a propriedade a alguém; *exdirector*, que já foi director; *exceder*, ir além do que deve; *excluir*, fechar, deixando alguém ou alguma coisa fora.

Êsse prefixo toma as seguintes formas:

*ef*—antes de radicais iniciados por *f*: *effusão*, acção de fundir derramando, transbordando; *effervescência*, fervor da água com transbordamento ou produção de bôlhas.

*e*—*emigrar*, sair de um país para outro; *emanar*, sair a água de uma rocha, correr de.

*es*—*escorrer*, correr de alguma parte; *esbagoar*, tirar os bagos.

*enx*—*enxaguar* (*ex+quare*), passar a última água; *enxuto* (*ex+suctum*), que secou; *enxame* (*ex+agmen*). Note-se que noutras palavras o *x* pertence ao radical (*enxabido*, *enxergão*, *enxaqueca*, *enxoval*, etc.)

(1) Seria difícil assentar, em muitos casos, qual dos dois prefixos figura na palavra. Houve tendência, no português, para a adopção geral de *des*, como no antigo *despor*—*dispôr*. O italiano não tem prefixo *des* que se confunde sempre com *dis* e o espanhol varia como o português. Penso que o guia mais seguro é o francês onde os prefixos se mantiveram discriminados (*disgrace*, *disculper*)

EXTRA — é forma comparativa de *ex*; sentido fundamental de posição exterior; *exs.*: *extramuros*, que está ou se passa fora das muralhas, das paredes, da casa; *extravagante*, aquele que vaga, anda fora, por fora, que sai dos limites usuais, que aberra dos costumes aceitos. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de movimento para fóra, excesso, superioridade; *ex.*: *extraordinário*, que está fora do comum, admirável; *extrafino*, finíssimo, de ótima qualidade; *extravasar*, vasar para fóra, transbordar.

IN — sentido fundamental de movimento para dentro; *influir*, correr, escorrer para dentro; *incrustar*, meter numa crosta; *ingerir*, levar para dentro. Dessa idéa fundamental decorrem as accepções de movimento para algum lugar, tendência, mudança de estado: *inclin*ar, pender para alguma cousa; *investigar*, procurar os vestígios com um fim determinado; *incinerar*, transformar em cinza.

Êsse prefixo toma as seguintes formas:

*il* — antes de radicais iniciados por *l*: *illaquear*, pôr no laço, na armadilha; *illação*, acto de levar, de concluir um raciocínio.

*im* — antes de radicais iniciados por *b*, *p* e *m*: *imbibição*, fazer entrar a água bem no interior dos tecidos; *impressão*, fazer pressão sôbre, para dentro da substância ou do espírito; *immigrar*, ir para dentro de um país.

*in* — antes de radicais iniciados por *r*: *irromper*, romper, precipitar-se para.

*em* e *en* — formas vernáculas de *in*, com idéa de superposição, além das outras mencionadas: *enterrar*, pôr den-



tro da terra; *empilhar*, superpôr em pilhas; *enfôrmar* meter na fôrma.

*n* — em *namorar*, por *ennamorar* (radical *amôr*) e derivados.

*IN* — prefixo *negativo*, de origem e significação inteiramente diferentes das do anterior. Sentido exclusivamente negativo: *indecente*, que não é conveniente; *indemne*, que não sofreu dano; *inerte* (*in*+*arte*), que não tem actividade.

Ësse prefixo toma as seguintes formas:

*il, im, ir*, como o antecedente: *illicito*, que não convém, que não é permitido; *immutável*, que não muda; *irregular*, que não tem regularidade.

*i* — *ignóbil*, que não é nobre (*gnóbile*); *ignaro* (de *gnaru*, que sabe, de onde *ignorar*, não saber); *ignavo*, preguiçoso (de *gnavu*, activo); *ignomiãia* (*guomen*, nome), infâmia; *ignoto*, não conhecido (*gnotus*).

*INFRA* — abaixo — palavra-prefixo; indica posição abaixo: *infrascripto*, que está escrito abaixo da página; *infracitado*, *inframencionado*, etc.

*INTER* — preposição latina; sentido fundamental de posição intermédia: *intervalo*, fôssio entre duas estacadas; *interstício*, espaço existente (*stare*) entre duas cousas ou partes do mesmo objecto. Dêsse sentido fundamental derivam as accepções de prazo, movimento mútuo: *interregno*, espaço de tempo entre dois reinados; *internacional*, que se opera entre duas ou mais nações.

Ësse prefixo tem a seguinte fôrma.

*entre* — vernácula, com o mesmo sentido da anterior: *entremeio*, renda que se põe entre o pano e a *ponta* ou *bico*; *entrelinha*, espaço que se abre entre uma li-



nha e outra numa página impressa; *entreacto*, tempo que medeia entre um acto e outro de uma representação dramática.

**INTRA** — posição dentro de alguma cousa: *intraverbal*, que se acha dentro da palavra; *intrapulmonar*, que se passa dentro dos pulmões; *intrafólio*, que se acha dentro das folhas.

**INTRO** — movimento para dentro: *introduzir*, levar para dentro; *introverter*, virar para dentro; *introspectivo*, que olha para dentro.

**INTU** — do latim *intus*, dentro de: *intususcepção* (de *suscipere*, receber), absorção de líquidos nutritivos por plantas e animais (único exemplo). Em *intuitivo*, *intuição*, o radical é *tu* (de *tueor*).

**JUXTA** — posição ao lado, perto de: *juxtapôr*, colocar junto; *juxtalinear*, que se faz junto de cada linha; *juxtafluvial* que fica perto, à margem de um rio.

**MALE** — sentido oposto a *bene-mal*; ex.: *malévolo* que quer mal; *maléfico*, que faz mal.

Esse prefixo tem a seguinte forma vernácula:

*mal* — *malgrado*, de má vontade, com pesar; *malgastar*, gastar mal, atoa, desperdiçar; *malgalante*, que não tem galanteria; *maldar*, pensar mal de alguém. Em *malcriação* o *mal* é o antigo adjectivo *mala*, *má* (1).

Esse prefixo assume a idéa intensitiva, com a acceção de graves consequências: *malferido*, ferido gravemente; *malfadado*, cujo destino é mau.

**MENOS** — palavra-prefixo vernácula, derivada do latim *minus*; idéa fundamental de diminuição, depreciação; ex.: *menosprezar*, prezar menos, fazer pouco caso de

(1) Ver João Ribeiro, *Selecta classica*, p.



alguém; *menoscabar*, tirar ou negar o que há perfeito em alguma cousa, difamar.

Êsse prefixo se contrai em *mas* na palavra *mascavar* corruptela de *menoscabar* < *menos acabar* (assucar *mascavado*, *mascavo*, *mascavinbo*, apenas meio refinado).

Em *minúscula*, *minuete*, *minuto*, *minúcia*, etc., não há nenhum prefixo; *minu* é aí verdadeiro radical como em *diminuir*.

**MILI** (*milli*) — palavra-prefixo latina = *mil* ex.: *milímetro*, milésima parte do metro; *milígrama*, milésima parte do grama; *milípedes*, que tem mil pés. Êsse prefixo tem a forma *mile* em *milefólia* (planta de folhas muito subdivididas).

**MULTI** — palavra-prefixo latina = *multo*; exs.: *multiforme*, que tem muitas formas; *multiplicar*, dobrar muitas vezes; *multímodo*, que se apresenta de vários modos, variável.

**OB** — sentido fundamental de posição em frente, diante de; exs.: *objecto* (de *jácere*), aquilo que se põe diante, que foi atirado diante; *obstáculo* (de *stare*), aquilo que está diante; *obstruir*, construir, elevar alguma cousa diante de outra. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de opposição, empecilho, movimento contra, resistência, intensidade; *obstar*, estar em frente para impedir o passo; *obviar*, ir ao encontro no caminho; *obstinar*, manter-se firme num lugar, numa idéa; *obsecar*, pedir com insistência; *obter*, segurar com fôrça; *obrigar* (*ligare*), atar com fôrça.

Êsse prefixo tem as seguintes formas.

**oc** — antes de radicais iniciados por *c*: *ocorrer*, *correr*



- ao encontro : *occupar* (de *capĕre*), apanhar o que está diante ; *occaso*, queda do sol.
- of* — antes de radicais iniciados por *f* : *offuscar*, escurecer, colocando alguma cousa diante ; *offender*, bater de encontro ; *offerecer*, levar a.
- op* — antes de radicais iniciados por *p* : *oppôr*, pôr em frente, contra ; *opprimir*, fazer pressão contra ; *oportuno*, que conduz ao porto, favorável (aplicado primitivamente aos ventos).
- os* — na palavra *ostentar* e derivados, formada de *obs* (reduzido a *os*) e *tentare* (de *tentum*, *tendĕre*), estender, dosdobrar diante de alguém, mostrar.
- o* — antes de certos radicais : *omittir*, pôr de parte como contrário ao fim desejado ; *opérculo*, que se coloca diante, que esconde, que fecha.
- e* — em *escuro* e derivados (de *obscurum*).
- OMNI — palavra-prefixo latina = *tudo*: *exs.*: *omnipotente*, que pode tudo; *omnipresente*, que está em toda parte; *omnívoro*, que come toda sorte de alimentos.
- PENE — *quási*; *exs.*: *península*, *quási ilha*; *penumbra*, *quási sombra*; *penúltimo*, *quási último*.
- PER (1º) — sentido fundamental de movimento através; *exs.*: *percorrer*, *correr através*; *perpassar*, *passar através*; *permeável*, *através do qual se pode passar*. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de duração, continuação de um movimento até o fim; mas a idéa de intensidade, superlatividade parece originar-se de outro prefixo que se identificou a êste; *pernoitar*, *passar toda a noite*; *perdurar*, *que dura por muito tempo*; *peregrinar*, *ir de campo em campo* (*ager*); *perplexo*, *completamente preso e enleado*.

Êsse prefixo têm a forma *pel* na palavra *pellúcido*, através do qual passa a luz, transparente.

PER (2<sup>o</sup>) — sentido pejorativo: *perder* (de *dare*, dar); *perverter*, virar para o mal; *perjuro*, que jurou em falso; *perecer* (de *ire*, ir; *perire*), ir para o mal, para a morte; entra ainda como radical em *peór*, *pessimo*, *depravar*, etc.

PLURI — palavra-prefixo latina = muitos, vários: *pluri-lobulado*, dividido em muitos lóbulos; *pluriforme*, de muitas formas; *pluriseriado*, formado de várias séries.

POST — acção posterior; exs.: *post-datar*, datar depois de passado o dia, ou emendar a data. Êsse prefixo aglutina-se, com a forma *pos*: *pospôr*, pôr depois; *pos-pasto*, depois da refeição, sobremêsa; *postergar*, pôr para trás das costas (*tergum*), deixar.

PRE — sentido fundamental de anterioridade no espaço e no tempo; exs.: *prepôr*, pôr antes ou diante; *pre-fixo*, que está preso antes ou diante de; *preliminar*, que está diante do limiar, da soleira; *precipitar* (de *caput*), ir, cair com a cabeça para a frente. Dêsse sentido decorrem as idéas de excelência, superioridade, intensidade: *preceder*, ir na frente, ser superior; *preciso* (de *caedere*, *caesum*), cortado nas extremidades, ecurtado; *preclaro*, muito luminoso, notável; *prefulgente*, que fulge muito. Houve certa confusão com o prefixo *per*. Assim, ocorre também, mesmo em latim, raramente, *perfulgens* e em português *perfulgente*.

PRETER — é um comparativo do anterior e quer dizer: mais para a frente, além: *preterir*, ir além, passar sem demorar-se, levar vantagem; *pretermissão*, acção

de passar além, omitir; *pretérito*, o que passou além, o que se foi.

PRIMI — palavra-prefixo latina = *primeiro*: exs.: *primigênio*, nascido antes dos outros, antigo; *primipara*, que deu à luz pela primeira vez. Com a forma *prim* em *primevo*, da primeira idade; com a forma *primo*, em *primogênito*, o primeiro gerado, o mais velhos dos filhos.

PRO — sentido fundamental de *movimento para a frente*: *proseguir*, seguir para a frente; *progredir*, caminhar para a frente; *propagar*, fixar-se adiante. Dêsse sentido fundamental derivam as idéas de exterioridade, evidência, intensidade, publicidade, movimento a favor, substituição: *profano*, que fica diante, do lado de fora do templo; *proeminente*, que está mais alto que todos; *profundo*, que foi derramado em abundância, que enche muito, que tem muito fundo; *proclamar*, clamar diante de todos, públicamente; *protestar*, dar seu testemunho perante todos; *procurador*, aquele que cuida dos negócios de outrem; *pronome*, palavra que substituí o nome.

QUADRI — palavra-prefixo vernácula = *quatro*: *quadrilátero*, de quatro lados; *quadrívio*, encruzilhada de quatro caminhos ou vias; *quadrigêmeos*, tubérculos do cérebro (quatro unidos dois a dois). Esse prefixo tem a forma *quadru* em *quadrúmano*, de quatro mãos; *quadrúpede*, de quatro pés e *quadruplicar*. Toma a forma latina *quatr* em *quatralvo*, cavalo cujos quatro pés são calçados de branco e *quatríduo*, espaço de quatro dias.

QUINQUE — palavra-prefixo latina = cinco exs.: *quincéfólio*, que tem cinco folhas; *quinqüelobado*, que tem cin-



co lobos. Toma a forma *quinqüi* em *quinqüidio*, espaço de cinco dias. Prende-se a êsse o prefixo *quintu* em *quintuplicar*, ou *quint* em *quintanista*, *quintessencia*.

RE — sentido fundamental de *movimento para trás*; exs.: *regredir*, caminhar para trás; *recíproco* (de *recus*, para trás + *procus*, para a frente), que vai para trás e para a frente, alternado, mútuo; *refrear*, puxar o freio, resvalar, resguardar para trás. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de movimento em direcção contrária, repetição do movimento, repetição da acção, acção inversa, intensidade; *reagir*, agir em direcção oposta; *refluir*, escorrer em direcção contrária; *refazer*, tornar a fazer; *recensear*, tornar a fazer o censo, a estatística; *reiterar* (de *iterum*, de novo; *iterare*, tornar a fazer), insistir, fazer segunda vez com mais energia. Castilho usava muito dêsse prefixo como intensivo: perdido e *reperdido*, nenhum e *renenhum*. Êsse prefixo conserva-se ainda em palavras herdadas do latim, com a sua forma primitiva *red*: *redargüir* (*red* + *argüir*), rebater uma argüição, uma acusação, responder contestando; *redimir* (de *red* + *emere*, comprar), tornar a comprar o que foi vendido, resgatar, salvar de uma condenação; *rédito* (de *red* + *itum* do verbo *ire*, ir), aquilo que volta como fruto do capital empregado, rendimento; *redundar* (de *red* + *unda*, onda, inundação), inundar transbordando, transbordar, ser copioso nas palavras; *redolente*, que cheira muito.

RETRO — composto de *re* + *tro* (desinência de comparativo) — significa, dessa arte, movimento *mais para trás*; exs.: *retroceder* (de *cedere*, caminhar), caminhar mais para trás, voltar; *retrogradar*, andar para trás;

*retroagir*, agir fazendo recuar, atuar contra ; *retrospectivo*, que olha para trás, que examina ou relembra o passado, ou o exposto. Tem a forma *reta* em *retaguarda*, palavra de origem italiana.

**SATIS** — bastante : *satisfazer*, fazer o bastante, o necessário, o exigido ; *satisdar*, dar a garantia suficiente num contracto .

**SEM** — preposição vernácula já usada como prefixo em certas palavras, equivalente ao prefixo negativo *in* e preposta a substantivos ; exs. : *sem*sabor, que não tem sabor, dissaborido ; *sem*razão, falta de razão, dispartate ; *sem*fins, espaço longínquo, ilimitado.

**SE** — sentido fundamental de separação : *segregar* (*grex*, *gregis*, rebanho), tirar do rebanho, escolher ; *seduzir*, conduzir para fora, fazer desviar do caminho certo ; *separar* (de *par*, *paris*, o par, o casal), afastar os dois indivíduos de um par. A forma primiva dêsse prefixo é *sed* que se mantém na palavra *sedição* (de *seditionem* < *sed* + *ire*, acção de *ir* para fora, afastamento, scisão, revolta).

**SEMI** — metade ; exs : *semicircumferência*, meia circunferência ; *semimorto*, meio morto, moribundo ; *semiturvo*, meio turvo. Êste prefixo contrai-se em *se* na palavra *semínima*, metade da *mínima*.

**SESQUI**—um e meio, *sesquipedal*, que mede um pé e meio, enorme ; *sesquiáltera*, que contém outro tanto e mais meio (termo de música: notas a mais num compasso).

**SUB**—sentido fundamental de *movimento de baixo para cima*; *subir*, ir para cima; *sublevar*, levantar, fazer ir para cima; *sablime*, por *sublimine*, que foi suspenso no limiar, (de *limen*, *ínis*, limiar; dizia-se do escravo que era suspenso ao limiar superior, à padieira da porta

para ser agoitado). Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de posição ou estado inferior, inferioridade moral ou social, movimento por baixo, redução na quantidade ou no número: *substância* (de *stare*, estar), aquilo que está sob as aparências, parte essencial de um ser; *subalterno*, que se acha sob as ordens de outrem; *subjugar*, pôr sob o jugo, sob a canga; *subserviente*, que serve com humildade, sem altivez; *suburbano*, que vive nos arredores da cidade (quási sempre as cidades primitivas eram construídas numa colina, a acrópole ou cidade alta); *subreptício* (de *repĕre*, *reptum*, andar de rōjo, reptar), que rojou por baixo, furtado às escondidas; *subdividir*, dividir partes já divididas.

Êsse prefixo toma as seguintes formas:

- suc* — assimilação do *b* em *c*—*succeder*, vir de baixo, tomarem os filhos e netos o lugar dos pais e avós, ou o inferior o do superior; *succumbir*, ficar deitado sob, morto; *succinto*, sungado e apertado por um cinto, conciso, abreviado.
- suf* — antes de radical iniciado por *f*: *suffixo*, fixo, preso, pregado, pendurado por baixo, apenso; *suffocar* (*sub+faux*, garganta), agarrar por baixo da garganta, estrangular, tirar o fôlego; *suficiente* (de *sub+facere*, cujo sentido primitivo é *colocar*), que se coloca debaixo, que serve de base, que é indispensável, bastante.
- sug* — antes de radical iniciado por *g*—*suggerir* (*sub+gerĕre*, levar), levar ou pôr debaixo, dar a entender sob aparências ou veladamente, insinuar; mesmo sentido em *suggestionar* e derivados.

*sum* — na palavra *summo* e seus derivados. *Summo* deriva de *summu* (*m*) superlativo de *sub* e significa o mais alto, o ponto último de um movimento de baixo para cima. Eis alguns derivados: *somma*, *summidade*, *sumário*, *consummar*. Não confundir com os derivados de *sumo* (*sum*+*emere*, comprar, sentido primitivo tomar) que deu *consumir*, *resumir*, *assumir*, etc.

*sup* — antes de radical iniciado por *p* — *supplício* (de *sub*+*placere*, agradar, em composição *placere* ou *plicare*), satisfação aos deuses, habitantes do alto (o prefixo *sub* marca a direção para cima), prece, sacrifício de uma vítima após a prece, sacrifício em geral; *supplantar*, colocar sob as plantas dos pés, derribar, tornar-se superior; *supprimir*, fazer pressão para baixo, eliminar por pressão, barrar. Existe sem assimilação em *supino*, voltado para cima.

*sur* — antes de radical iniciado por *r* + *surr*ripiar (*sub*+*rapere*, roubar), furtar, tirar às escondidas, por baixo; *resurreição* (formado de *resurrectionem*, derivado de *resurrectum*, que se prende ao verbo *surgere*, contracção de *subrigere*), conduzir de baixo para cima, levantar; resuscitar.

*sus* — esta forma está por *subs* e corresponde a *sub*, como *abs* e *ab*: *suster* (de *sustinere* < *subs*+*tenere*, suportar, resistir de baixo para cima; *suscitar* (*subs*+*citare* mover), mover de baixo para cima, levantar; *suspender* (de *subs*+*pendere*), pendurar, sustentar ficando o objecto voltado para baixo.

*su* — por queda do *b* antes do grupo *sp*: *suspirar* (*sub*+*spirare*, soprar), respirar profundamente, penetrando o ar até o baixo pulmão; *suspeitar* (de *sub*+*specere*, ver, olhar; em composição: *spicere*, *supino*: *suspectum*)

olhar para cima ou também para baixo, olhar procurando ver a verdade sob as aparências.

*sob* — é a forma vernácula do prefixo *sub*: *sobpôr*, pôr debaixo; *sobestar*, estar debaixo.

Esta última forma varia em:

*sor* — assimilação do *b* em *r*: *sorrir* por *sobrir*, rir disfarçadamente, rir apenas.

*so* — queda do *b* final: *sopé*, sob o pé, à raiz do monte; *soerguer*, erguer muito acima ou de muito baixo e, portanto, erguer com esforço; *sonegar*, negar com evasivas, subtrair negando ter o que se pede; a *socapa*, sob a capa, escondidamente; *soluçar* (*subglutiare*, de *glutus*, garganta). De *sub* formaram-se em latim *subter* e *subtus* que permaneceram em português, o primeiro com a forma vernácula.

*subter* — *subterfúgio*, fuga por baixo, às escondidas, evasiva (apenas com sentido moral); *subtercutâneo*, que fica ou se alastra por baixo da pele; *subterfluente*, que corre por baixo.

*soto* — derivado de *subtus*: *sotopôr*, pôr debaixo; *sotoalmirante*, substituto do almirante, seu imediato inferior. Êste prefixo toma ainda a forma *sota*: *sotavento*, borda de navio que se abaixa com o vento contrário; *sotapiloto*, o substituto do piloto.

**SUPER** — é, na realidade, derivado de *sub*, mas formou, desde o antigo latim, um prefixo especial, significativo de posição superior: *superpôr*, colocar em cima; *supercílio*, que fica por cima dos cílios; *superfície*, face que fica sobre as outras; depois, por extensão, face exterior e finalmente qualquer face. Dêsse sentido fundamental provém as idéas de excesso, intensidade: *superfluo*, que escorre por cima, que transborda,

que sobra; *supernatural*, que está além, fóra da natureza; *supersensível*, que é muito sensível; *superfino*, que é muito fino, excelente. Torna-se, assim, verdadeira *partícula intensitiva*. Êsse prefixo deu directamente vários derivados: *súpero*, *superar*, *superno*, *superior*, *supremo* e com a forma *sober* entra em palavras como *soberbo*, *soberano*, etc.

**SUPRA** — outro derivado de *sub* que também significa *posição superior*; *supra*-mencionado, que foi mencionado acima; *suprarenal*, que fica acima dos rins; *supraaxilar*, que está acima da axila de uma folha. Dêsse sentido fundamental deriva o de excesso: *supra*-numeração, que está além do número marcado; *suprasumo*, que está acima do mais alto, demasiado. Feito radical aparece com a forma *sopra* na palavra *soprano*, a voz mais alta, derivada do italiano onde *supra* latino deu *sopra*.

**SOBRE** — forma vernácula de *super* e com os mesmos sentidos; exs.: *sobrenadar*, nadar à tona, à flor; *sobrepôr*, colocar acima de; *sobretudo*, que se veste por cima das demais roupas; *sobreviver*, ir além da vida; *sobreexce-lente* = muito excelente.

**TRANS** — idéa fundamental de posterioridade, posição excedente a certo limite; ex.: *transmontano*, que está além dos montes; *transalpino*, que demora além dos Alpes; *translunar*, que se acha além da lua. Dêsse sentido fundamental decorrem os de movimento para além, percurso, excesso: *transpôr*, pôr além, passar; *transbordar*, passar além do bordo, derramar; *transitar* (de *ire*, *itum*), caminhar, percorrer; *transluzir*, luzir por entre, através de.

Êsse prefixo toma ainda as seguintes formas:

*tras*—*traspasar*, passar além, através, perecer; *trasladar*, levar além, levar a outra margem, a outro papel, copiar, traduzir; *trasfolear*, copiar um desenho através de uma folha de papel transparente.

*tra*—*tradição* (*tra+dare*, dar), acto de entregar, passar além, adiante, de geração em geração; *traduzir*, passar além de um povo, verter de uma língua para outra; *trama* (de *trans* e *mus*, como *summûs* de *sub* e *mus*), linha que passa de um lado a outro para formar o tecido; *trámite* (derivado de *trames*, *itis*, cognato de *trama*), passagem de um lugar para outro, meios de ir além, de passar.

*tres*—*tresmalhar*, ir além da malha, sair fora do rumo; *tresnoitado*, que atravessou a noite em claro (1); *traspasse*, acto de passar além, ultrapassar a vida, morte. Êsse prefixo aparece com a forma *tran* em *tranquilo* (*trans+liquidus*), transparente, quieto, com referência à água); com a forma *tre* em *trecho*, *tedor*, de *traditorem*.

**TRAS**—prefixo vernáculo que significa *movimento para trás*, derivado, segundo a opinião corrente, do anterior (*atrás=ad+trans*) embora o sentido seja exactamente o oposto (2); exs.: *traspôr*, pôr para trás, deixar atrás; *trasantar* (ou *tresandar*), andar para trás, fazer alguém

(1) Talvez êsse *tres* por *tras*, pertença ao prefixo seguinte: perder a noite anterior.

(2) A inversão de sentido pode explicar-se atendendo à expressão comum: *puxa atrás*, em que o movimento é para a frente, para além quanto à pessoa que fala e retrógrado quanto à pessoa a quem se fala. O mesmo para *de trás*.

voltar, ir para trás (1); *trasanteontem*, o dia atrás do de ontem, anterior à véspera.

**TRI**—prefixo latino que significa *três* ou três vezes:

*triplicar*, dobrar três vezes; *tridente*, que tem três dentes; *trivial*, que se encontra entre o povo, na praça pública (*trivium*, encruzilhada, praça, de *tri*+*via*, caminho), muito comum, vulgar. Esse prefixo entra em *trinta* (*triginta*) e cognatos.

Toma as seguintes formas:

*tres*—do nominativo latino *tres*, formado do radical *tri*: *tresler* (ler, reler, tresler), ler três vezes, ler demais, ler tanto que baralha tudo; *tresdobro*, três vezes mais (como *seisdôbro*, seis vezes mais, nas *Ordenações*), dobrado três vezes. Dêsse sentido fundamental decorre o de *intensidade*: *tresjurar*, jurar muitas vezes; *tresloucado*, muito, completamente louco; *tressuar*, suar demais.

*tris*—deflexão do *e* de *tres* por analogia com *bis*: *trisavô*, três vezes avô, avô do avô; *trisneto*, neto do neto; *trisanual*, que dura três anos.

*tre*—por apócope do *s* de *tres*: *tremês*, que produz em três meses (trigo tremês); *trezentos*, três centos; *treplicar*, responder à réplica, à contestação do adversário. Esse prefixo aparece nasalizado em *trempe*, suporte de três pés.

**UN**—de *unu*, um, idéa de unidade, união, reunião, acôrdo, exs.: *unânime*, com uma só alma, um só pensamento, concorde; *undécimo*, um mais décimo, décimo primeiro.

(1) O sentido de *exalar mau cheiro* provém da frase *fede que tresanda*, isto é, fede tanto que faz a qualquér reeuar, tornar caminho.

*uni*—em que o *i* final é vogal de ligação: *un/sono*, que tem o mesmo som que outra voz ou instrumento; *unificar* (de *ficare* por *facere*, fazer), fazer, tornar um, reduzir cousas dispersas a um todo.

ULTRA—sentido fundamental de 'posição além de certo limite; exs.: *ultramontano*, que está além dos montes, que pertence ao partido ou à igreja de além dos montes Alpes, na Itália, de Roma; *ultrazodiacal*, que está além da zona do zodíaco; *ultramar*, que demora além do mar, terra cujo alcance demanda a travessia do mar. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéas de movimento para além ou para fora, excesso, intensidade: *ultrapassar*, passar além do limite; *ultra-realista*, que exige, em defesa do rei, mais daquilo que o rei deseja; *ultracômico*, excessivamente, intensamente cômico.

VICE—ablativo de *vix* (desusado) *vicis*, vez—sentido de substituição; exs.: *vice-cônsul*, que substituí o cônsul; *vice-rei*, que faz o papel de rei.

Êsse prefixo tem as formas:

*viso*—no português antigo: *visorei* (ou melhor: *vizorei*).

*vis*—em *visconde* por *viceconde* (ou melhor: *vizconde*).

## b) Prefixos gregos

*av, an*—corresponde à negativa latina *in*: *anarchia* (*ἀρχή, arkhé*, comando, autoridade), não autoridade, não opressão, regimen social onde seja impossível a opressão dos capitalistas sôbre os trabalhadores; *anômalo* (*ἰσμελός, homalós*, uniforme, regular), que não tem regularidade, fora do normal; *anônimo* (*ἄνώνυμος anónymos* de *αν+ώνυμα*, nome), sem nome, cujo nome se oculta, cujo autor não se conhece.

Antes de consoante cai o *n* dêsse prefixo que se simplifica em *a* : *acephalo* (κεφαλή *kephalé*, cabeça), sem chefe, sem director ; *amethysta* (ἀμειθυστος, *améthystos*, que não embriaga, de μέθυ, *methu*, bebida embriagante), que não embriaga, que preserva da embriaguez (propriedade atribuída pelos antigos a certa planta e a uma pedra preciosa) ; *aphonia* (φωνή, *phoné*, voz), falta de voz, perda da voz.

ἀμφί — *amphi* — corresponde a *ambo* latino e significa propriamente : de um e outro lado, em tórno ; *amphitheatro*, teatro com galerias em toda a volta da scena ; *amphibio* (βίος, *bíos*, vida), que vive de um e de outro modo, tanto em água como no ar ; *amphibologia* (βόλος, *bólos*, jacto, acto de atirar + λόγος, *lógos*, discurso), frase de sentido equívoco, duplo, ambíguo, que póde ser interpretado de um ou de outro modo.

Êsse prefixo aparece com a forma *am* em *amphora* (ἀμφί + φορός *phorós*, que leva), que se leva segurando de um e de outro lado, por duas asas ; em *ambula* (de *ampulla*, diminutivo de *amphora*) ; com a forma *em* em *empôla* de *ampulla*) e *empolar*.

- ἀνά, *aná* — sentido fundamental de acção ou movimento contrário : *anástrophe* (ἀνά + στροφή, *strophé*, movimento de volta do côro grego em tórno do altar, estrofe cantada durante essa volta, inversão dos termos da oração ; *anagramma* (ἀνάγραμμα, *anágramma*, de γράμμα, *gramma*, cousa escrita, letra), colocação invertida das letras de um nome formando outro nome. Dêsse sentido fundamental decorrem os de : recomêço, reduplicação, intensidade, intercomunicação, dispersão ; ex. : *anabaptista* (do verbo βαπτίζω,

*baptizo*, batizo), que torna a batizar, que faz segundo baptismo; *aneurisma* (εὔρυς, *eurys*, largo), acção de alargar, dilatação crescente de uma artéria; *anastomose* (de στόμα, *stoma*, boca), intercomunicação das veias e artérias boca com boca; *analogia* (λόγος, *logos*, discurso), semelhanças entre dois factos, interfluência de palavras entre si; *analyse* (λύω, *lyo*, desligo), acto de separar as partes de um todo, discriminação de elementos.

ἀντί — *anti*, contra, em troca de — idéa de opposição: *antagonista* (ἀγωνία, *agonia*, combate), aquele que combate contra outro, adversário, rival; *antipathia* (πάθος, *páthos*, modo de sentir, afecção), sentimento contrário, de aversão, de repugnância; *antípodas* (ποῦς, *podós*, *pous*, *podós*, pé), que tem os pés voltados contra outros, habitantes de regiões dimetralmente opostas. Êsse prefixo perdeu o valor de prefixo grego e assumiu valor vernáculo, combinando-se com qualquér palavra não grega: *antipapa*, *antifebril*, *antise-mita*, *antidclerical*, etc.

ἀπό — *apó*, fora de, longe de — idéa de afastamento, separação, movimento ou acção contrária à indicada pelo radical: *apóstolo* (στέλλω, *envío*), aquele que é enviado, expedicionário, missionário; *apócrifho* (ἀπόκρυφος, *escondido*, de κρύπτω, *escondo*), que está escondido longe, muito afastado, occulto, misterioso, suspeito, não verdadeiro; *apóstata* (ἀπό + στατός, *que está em pé, que se mantém*), que se mantém fora, afastado, que renegou de uma religião e adoptou outra. Êsse prefixo aparece reduzido a *ap* antes de radicais começados por *h*, como *aphélio* (ἥλιος, *hélios*, sol), que está afastado do sol; tem ainda a forma *bo* em



*botica e bodega*, ambas derivadas de *apotheca* (θήκη, *thêke*, cofre, armário), lugar onde se guardam, já separadas, as drogas medicamentosas; reduz-se a *a* em *adega* (por *abdega*), também de *apotheca*.

ἄρχι, *árkhi* — termo de composição grego, derivado do verbo ἄρχω, *árkho*, sou superior, mais alto, comando, estou à frente, começo. Indica precedência, sobreexcelência, superioridade: *archipélago* (πέλαγος, *pélagos*, mar), mar principal (nome dado ao mar Egeu pelos gregos e aplicado depois às ilhas do mesmo e em fim generalizado a qualquér grupo de ilhas); *architecto* (ἀρχιτέκτων, *arkhitécton*, de τέκτων, *técton*, operário construtor), aquele que superintende ou planeja uma construção. Esse prefixo toma as seguintes formas:

*arche* — em *archétypo* (ἀρχέτυπος, *arkhétypos* de τύπος, *typos*, modelo), modelo principal, primitivo, aquilo que serve de modelo; *archegónio* (ἀρχέγονος, *arkhégonos*, primordial), elemento masculino das plantas criptógamas, gametos machos, células primordiais da geração vegetal.

*arch* — *archanjo* (*arch* + *anjo*, palavra vernácula derivada do latim *angelus* < ἄγγελος, mensageiro), anjo superior, chefe de anjos.

*arce* — *arcebispo*, que está acima dos bispos e os vigia; *arcediogo*, diácono principal, dignitário superior aos diáconos.

*arci* — *arcipreste* (*prestre*, presbítero, no francez antigo), padre encarregado dos demais padres.

Esse prefixo usa-se comumente como elemento aumentativo ou superlativo preposto a qualquér adje-

tivo ou substantivo : *architolo*, *archiparvo*, *architrave*, etc.

*κατά*, *katá* — preposição grega ; em composição significa movimento de cima para baixo, posição superior ; exs. : *catástrophe* (*στροφή*, *strophé*, movimento), volta para baixo, reviravolta, derrocada ; *catadupa* (*δουπῶ*, *douphō*, caio, caio com barulho), queda com estrondo, cachoeira ; *catarrho* (*κατάρροος*, *katárrhos*, de *κατά* + *ῥέω*, *rhéō*, corro), fluxo inflamatória da mucosa. Dêsse sentido fundamental derivam os de: posição sôbre, adaptação, oposição, conformidade, refôrço ; ex. : *cataplasma* (*πλάσμα*, *plasma*, modelo, de *πλάσσω*, *plássō*, modelo, aplico), aplicação de tópicos sôbre uma parte doente ; *catapulta*, (do latim *catapultula* derivado de *καταπέτης*, do verbo *πέλλω*, atiro), máquina antiga de guerra com que se atiravam pedras e dardos contra muralhas ; *catálogo* (*λόγος*, *lógos*, razão, ordem), de conformidade com uma disposição racional, segundo um plano bem ordenado, enumeração de livros, objectos, plantas, etc., consoante um sistema prediposto.

Êsse prefixo toma as formas :

*cate* e *cat* — *catechése* (*κατά* + *ἡγή*, ruído, palavra), ensino por processo de perguntas e respostas, de palavras opostas a palavras ; *catheto* (por *cáreto*, *κάθετος*, *káthetos*, abaixado), linha abaixada, perpendicular sôbre outra ; *cathólico* (*καθολικός* *katholikós*, geral, universal, de *ἅλος*, inteiro, completo), que abrange tudo, todos os homens, todas as cousas, (remédios *católicos*, para todas as doenças).

*διά*, *diá* — movimento através, passagem : *diagonal* (de *γωνία*, ângulo), que atravessa o polígono indo de um

ângulo a outro; *diámetro* (de μέτρον, *métron*, medida), medida através de um círculo, linha que une dois pontos da circunferência passando pelo centro; *diagnóstico* (de γνωστικός, *gnostikós*, que conhece), exame *diagnóstico*, pelo qual o médico reconhece uma doença através dos sintomas observados. Dêsse sentido fundamental derivam os de: meio, afastamento, intensidade; *diagramma* (διάγραμμα, *diagramma*, de γράμμα, escrito), coisa escrita ou traçada, registro por meio do qual se chega a uma demonstração, ou se evidencia qualquer facto; *diaphragma* (φράγμα, fechamento, acção de fechar), músculo ou membrana transversal que separa o coração e os pulmões das demais víceras. Esse prefixo se reduz a :

*di* — *diocese* (de οἰκῆσις, *oíkēsis*, habitação), habitação à parte, região a cargo de um bispo; *diurético* (de οὔρον, *óuron*, urina), remédio que aumenta, intensifica a secreção urinária.

*dís, dys* — sentido fundamental de dificuldade: *dyspnéa* (de πνέω *pnéō*, sópro, respiro), dificuldade de respirar; *dyspepsia* (de πέψις, *pépsis*, cozimento, digestão), dificuldade de digerir. Dêsse sentido fundamental decorrem os de falta, privação, mau estado; *dysenteria* (de έντερον, *énteron*, intestino), mau estado dos intestinos; *dyssymetria* (συμμετρία, *symmetría*, acção de medir igualmente, proporção), falta de simetria.

*ék, êx, ek* *ex*, correspondente ao latim *ex* — sentido fundamental de movimento para fora: *éxodo* (ἄδος, *hódos*, caminho), marcha para fora, saída, emigração; *exorcismo* (de ὀρκίζω, *orkízo*, juro, conjuro), acto de expelir o demónio do corpo de alguém por meio de

conjurações, de palavras sacramentais; *exegese* (de ἐξάγω, *exágo*, levo para fora, conduzo), acção de guiar na interpretação dos textos difíceis. Dêsse sentido fundamental derivam os de proveniência, separação: *eclético* (de λέγω, *escolho*), que escolhe de várias partes, que accita os ensinamentos de várias escolas ou doutrinas procurando harmonizá-las; *ecclipse* (ἐκλειψις, *ekleipsis*, de λείπω, *leípo*, deixo), acção de deixar fora, falta, ausência, não aparecimento, desaparecimento.

Êsse prefixo tem a forma *eg* em *égloga* (também se diz *écloga*, de λέγω, *escolho*), poesia escolhida; significa hoje *poesia pastoral* por causa das *églogas* de Vergílio, onde as personagens são pastores.

ἐν, *en* — posição interna, posição sôbre: *encéphalo* (κεφαλή, *kephalé*, cabeça), aquilo que está dentro da cabeça, da crâniao: cérebro, cerebello e bulbo; *energia* (ἐργον, *érgon*, acção, obra), acção interna, fôrça inerte; *entusiasmo* (ἐνθουσιασμός, *enthouiasmós*, de ἐν + θεός, *theós*, deus), estado de quem possui um deus em si, de quem é inspirado por um deus, exaltação de espírito.

Esse prefixo tem ainda as seguintes formas:

*em* — por assimilação imperfeita antes de *b* e *q*: *em*-plastro (de ἐμπλαστρον, *émplastron*, formado de πλάσσω, *plássso*, formo, coloco, aplico), que se aplica sôbre uma parte doente; *êmphase* (ἐμφασις, *émphasis*, de φάσις, *phásis*, aparição), demonstração, reforçamento da expressão para tornar mais visível a emoção ou o pensamento; *empyreó* (πῦρ, *pyr*, fogo), região em que se acham os fogos celestes, os astros, firmamento.

*el* — assimilação de *n* em *l*, antes de radical iniciado por *l* — *ellipse* (de *λείπω*, *leipo*, deixo, falto), falta, omissão, abandono em algum lugar.

*ἔνδο*, *endo*, de *ἔνδον*, *éndon*, dentro: *endocarpo* (*καρπός*, *carpós*, fruto), parte mais interna do fruto, caroço em geral; *endocárdio* (*καρδία*, *cardia*, coração), membrana interna do coração; *endothérmico* (*θερμός*, *thermós*, quente), que tem calor dentro de si, corpo cuja decomposição se faz com desprendimento de calor.

Êsse prefixo toma a forma *end* antes de radicais iniciados por vogal: *endosmose* (*ὄσμος*, *osmós*, impulsão), impulsão para dentro, pressão e transfusão de um líquido através de uma membrana.

*ἔντο*, *ento*, de *ἐντός*, *entós*, dentro: *entozoário* (de *ζῷον*, *zôon*, animal), animal que vive dentro de outro, parasita.

Êsse prefixo entra em *enterite* (de *ἔντερον*, *enteron*, intestino, derivado de *εντός*) inflamação do intestino.

*ἐπί*, *epí* (corresponde ao latim *ob*) — preposição grega com dois sentidos fundamentais, conforme se constrói em caso que indica repouso ou em caso de movimento; no primeiro, significa posição superior, em cima, sôbre; no segundo, significa movimento para, em direcção a, tendência: *epiderma* (*δέρμα*, *derma*, pele), membrana externa das plantas ou dos animais; *epítápio* (*τάφος*, *táphos*, túmulo), que está em cima do túmulo, que se escreve na lousa sepulcral; *epistola* (de *πέλλω*, *stéllo*, envio), que se envia a alguém, carta, missiva. Dêsses sentidos fundamentais decorrem os de posterioridade, excesso: *epílogo* (*λόγος*, *lógos*), discurso final de uma tragédia, de um romance; *epítheto* (*θετός*, *thetós*, posto, colocado), palavra adicio-

nada, colocada depois de um nome para indicar um característico especial.

Êsse prefixo toma a forma *ep*, antes de radicais iniciados por *h*: *ephémero* (ἡμέρα, *heméra*, dia), que dura apenas um dia, passageiro; *ephelides* (ἥλιος, *hélios*, sol), manchinhas da pele produzidas por suposta acção do sol, sardas.

*eu*, *eu* — bem, felizmente: *eucharistia* (χάρις, *kharis*, graça), sacramento da Igreja romana em que está presente a graça de Cristo; *euphonia* (φωνή, *phoné*, voz), composição de sons, harmonia sonora; *euphemismo* (de φήμι, *phémi*, digo), dizer bem, palavras de bom augúrio, que não ofendem, palavra que substituí outra palavra ofensiva.

Êsse prefixo toma a forma *eu* em *evangelho* (εὐαγγέλιον, *euanglion*, boa nova, de ἀγγέλλω, *angéllō*, annuncio), a boa nova, a boa doutrina, a doutrina salvadora.

Êsse prefixo entra em grande número de nomes próprios como: *Eugénia* (bem nascida), *Eulália* (que fala bem), *Eudócia* (bem afamada), *Eusébio* (que venera bem, piedoso), etc.

*hemi*, *hemi*, de ἡμιος, *hémisys*, metade), meio (corresponde ao latim *semi*): *hemicyclo* (ἡμικύκλιον, de κύκλος, *kyklos*, círculo), meio círculo, meio anfiteatro em um sala; *hemisphérico* (σφαῖρα, *spháira*, esfera), metade de uma esfera; *hemistíchio* (στίχος, *stikhos*, verso), metade de um verso.

*hypér*, *hypér* (correspondente ao latim *súper*), sôbre, além de; sentido fundamental de posição superior ou além. Em composição indica súperabundância, excesso: *hypérbole* (ὑπερβολή, *hyperbolé*, acção de passar por cima, superioridade, de βάλλω, atiro, lanço), ter-

mo de retórica : exagêro de comparação, imagem excessiva ; termo de geometria : curva cujos ramos não se encontram, vão sempre além ; *hypertrophia* (de τροφή, *trophé*, alimentação), excesso de nutrição, desenvolvimento excessivo de um órgão ; *hyperbóreos* (de Βορέας, *Boréas*, divindade representativa do vento norte), terras e povos situados além, para lá, onde demora o vento norte.

Êsse prefixo emprega-se em química para designar a maior oxigenação de um ácido : *hyperchlórico*.

*ὑπό*, *hypó* — sob (correspondente ao latim *sub*), significa posição inferior : *hypotenusa* (de ἔτινω, *téino*, estico, estendo), linha que subtende um arco de 90 graus, linha oposta ao ângulo recto no triângulo rectângulo ; *hypoglôssa* (de γλῶσσα, *glôssa*, língua), que está debaixo da língua ; diz-se do nervo que inerva a região inferior da língua. Dêsse sentido fundamental decorre o de dependência, subordinação : *hypóthese* (θέσις, *thésis*, disposição), *sup*-posição, proposição cuja veracidade depende da verificação de certas condições ou de uma demonstração ; *hypocrisia* (κρίσις, *krísis*, julgamento, emissão de um juízo, de κρίνω, *kríno*, julgo, penso, dou opinião), emissão de um juízo, encobrendo-se a verdadeira opinião própria, aparentar alguém virtudes que não possui. Êsse prefixo serve, em química, para designar um composto menos oxigenado ; ex. : ácido *hypo-azótico*, que tem menos oxigênio que o *azótico*.

*μετά*, *metá* — com, depois, atrás de. O sentido fundamental dessa preposição é o de movimento de um lugar para outro, passagem de um estado a outro ; daí as idéas de mudança, sucessividade, tendência ; *metacar-*



po (*καρπός, karpós*, punho), que se segue ou succede ao carpo, ao punho; *metamorphose* (*μορφή, morphé*, forma), passagem de uma forma a outra, mudança de forma; *metáphora* (*φορά, phorá*, acção de levar, transporte), operação do espírito que consiste em transportar, atribuir a entidades abstractas caracteres pertencentes a entidades reais; ex.: as *flores* da retórica, o *manto* da noite, etc.

Êsse prefixo toma a forma *met* antes de radical iniciado por vogal ou *h*; ex.: *meleoro* (*αιερώ, aioró*, elevo no ar), fenómeno que se passa na atmosfera, quér aquoso, quér ígneo, quér puramente aéreo; *metonymia* (*μετωνυμία, metonymia*, de *ὄνομα, ónoma*, nome), mudança ou transposição de nome, operação de espírito pela qual se emprega o nome de uma parte pelo do todo, do conteúdo pelo continente, etc.; ex.: bebeu uma *garrafa* de vinho.

*παρά, pará* — perto de — o sentido fundamental é o de *proximidade*; dêsse sentido decorrem os de *continuidade*, *comparação*, *intensidade*: *paradigma* (*δείγμα, deigma*, exemplo), exemplo ou modêlo que se põe ao lado para declinar um nome ou conjugar um verbo; *paradoxo* (*δόξα, dóxa*, opinião), opinião que alguém sustenta ao lado, ao encontro da opinião geral; *parasita* (*παράσιτος, parásitos*, alimentado à custa do governo, de *σιτος, sitos*, trigo, alimento), aquele que come ao lado, à mesa dos outros, comensal, explorador.

Êsse prefixo toma a formar *par* antes de nome iniciado por vogal ou *h*: *paralelo* (de *ἀλλήλων, allélou*, um e outro), que está ao lado e sempre à mesma distância de outro; *paródia* (*ψῆν, odé*, canto), poesia que se escreve ao lado de outra aproveitando-se as

palavras e o sentido, mas geralmente em tom sarcástico ou depreciativo, imitação; *paronymo* (ὄνομα, *ónyma*, nome), nome que se aproxima de outro na forma, ex.: *relewa* e *revela*.

*περί*, *perí*, em tórno — posição ou movimento em redór; *periantho* (ἄνθος, *ánthos*, flór), que está em redór da flór: envolúcro floral, principalmente cálice e corola; *perímetro* (μέτρον, *métron*, medida) medida em tórno, soma dos lados de um polígono; *peripécia* (περιπέτεια, *peripéteia*, acontecimento imprevisto, de *πιπτω*, caio) aquilo que cai em tórno, facto que sobrevém, circunstância inesperada e complicadora.

*πρό*, *pró* — sentido fundamental de posição em frente e movimento para a frente: *propyleu* (πύλη, *pyle*, porta), que se acha diante da porta, vestibulo do templo, colunas dianteiras de um templo grego; *problema* (πρόβλημα, *próblema*, arma defensiva, de βάλω, *bállo*, eu atiro), que se atira, põe em frente, *propõe* para resolver ou explicar. Dêsse sentido fundamental provém o de antecedência: *prólogo* (λόγος, *lógos*, discurso), discurso que precede um drama e no qual um actor expõe e explica a acção ao público.

*σύν*, *syn*, = *cum* — idéa de simultaneidade, reunião: *synchrónico* (χρόνος, *khrónos*, tempo), que se faz ao mesmo tempo; ex.: movimentos sincrónicos; *syncope* (κοπή, *kopé*, pancada, golpe, corte), golpe dado numa palavra, corte de um fonema no meio da palavra, supressão geral dos sentidos por uma parada súbita do coração; *synónimo* (ὄνομα, *ónyma*, nome), palavra que significa a mesma cousa que outra, ex.: *onda* e *vaga*.

Êsse prefixo toma as seguintes formas:

*sym* — antes de radical iniciado por *b* ou *p*; *symbolo* (*βῆλος*, *bólos*, acção de ativar), aquilo que se atira juntamente, que se encontra no mesino ponto, imagem objectiva de uma idéa; ex.: o verde é o *symbolo* da esperança; *symphonia* (*φωνή*, *phoné*, voz), conjunto de vozes e sons harmónicos, composição musical de muitos instrumentos ou de um só com muitas variedades de ritmo; *sympathia* (*πάθος*, *páthos*, modo de sentir, doença), modo de sentir idêntico ao de outrem, conformidade de sentimentos que levam à amizade.

*syll* — antes de radical iniciado por *l*: *syllaba* (*λάβή*, *labé*, acção de apanhar, tomar), aquilo que se reúne, fonemas emitidos juntamente; *syllipse* (*λήψις*, *lépsis*, acto de agarrar), operação mental que consiste em considerar o conjunto de unidades, o todo, em vez das unidades, concordância de um objecto singular com substantivos vários ou um só no plural, de um verbo no singular com sujeitos vários, etc. e, por extensão, qualquer concordância ideal e não formal; ex.: *V. Ex. é justo e bom*.

*sy* — antes de radicais iniciadas por *m*, *s* e *z*: *symetria* (*μέτρον*, *métron*, medida), disposição de vários objectos ou linhas com as mesmas distâncias, tamanhos, formas; *systema* (*σύστημα*, *systema*, reunião, sistema, de *ἵστημι*, *hístemi*, coloco), coordenação das partes de um todo; *syzigia* (*ζεύγος*, *zégos*, canga, par, laço), posição de um planeta em conjunção ou opposição ao sol, ficando, assim, como emparelhados.

**13**—Além desses prefixos há palavras gregas que tem assumido, em português, a função de prefixos ou



radicais e a que podemos chamar palavras-prefixos ou palavras-radicaes. Tais palavras se encontram na seguinte lista dos principais radicais gregos e sobre os quais se deverão exercitar os alunos.

- \* ἄγγελος, *ángelos*, mensageiro; ex.: *angelical*, *evangelista*.  
 \* ἅγιος, *hágios*, sagrado; ex.: *hagiologia*.  
 \* ἄγρος, *ágros*, campo; ex.: *agronomia*.  
 \* ἄγω, *ágo*, conduzo; ex.: *demagogo*, *synagoga*.  
 \* ἄγων, *agón*—luta; ex.: *agonia*, *antagonista*, *protagonista*.  
 \* ἄδαμας, *adamas*, *adamas*, *antos*, aço duríssimo—*adamantino*.  
 \* ἄηρ, *áeros*, *aér*, *aéros*, ar, vapor; ex.: *aeródromo*, *aerostato*. (1)  
 \* ἄθλον, *áthlon*, combate; ex.: *athleta*.  
 \* αἴθήρ, *aithér*, céu; ex.: *ether*, *etério*,  
*Αἷμα*, *aíματος*, *háima*, *háimatos*, sangue; ex.: *hematose*, *hemorrhagia*.  
*ἄνιγμα*, *ánigma*; ex.: *enigma*, *enigmático*.  
*ἄιρεσις*, *háiresis*, escolha; ex.: *heresia*, *heresiarcha*.  
*ἄισθησις*, *áisthesis*, percepção; ex.: *estético*, *estética* (subt.).  
 \* ἀκούω, *akouo*, eu ouço; ex.: *acústica*, *acúsma*.  
*ἄκρος*, *ákros*, alto, o mais extremo; ex.: *acrópole*, *acrobata*.  
 \* ἄλλος, *állos*, outro; ex.: *allopathia*, *allotropico*.  
 \* ἄλφα, *álpha*, *a* (primeira letra do abecedário grego); ex.:  
*alfabeto*, *analfabeto*.  
 \* ἄνεμος, *ánemos*, vento; ex.: *anemoscópio*, *anémona* (2), *anemómetro*.  
 \* ἄνθος, *ánthos*, flor; ex.: *anthologia*, *crysánthemo*, *periantho*.  
 \* ἄνθραξ, *ánthrax*, carvão; ex.: *anthrax*, *anthracite*.  
 \* ἄνθρωπος, *ánthropos*, homem; ex.: *anthropologia*, *anthropoide*,  
*philanthropia*.

(1) A pronúncia correcta seria *aeróstato*.

(2) A pronúncia correcta seria *anemónia*.

- Ἀξίωμα, *axioma*, opinião, pergunta; ex.: *axioma*, *axiomático*.
- Ἄρκτος, *árktos*, urso; ex.: *ártico*, *antártico*.
- Ἀριθμὸς, *arithmós*, número; ex.: *aritmética*, *logarithmo*.
- Ἄριστος, *áristos*, melhór; ex.: *aristocracia*.
- Ἄρμονία, *harmonia*, ajustamento, acórdo; ex.: *harmonia*, *philharmónica*.
- Ἀρχή, *arhché*, comêço, comando; ex.: *monarcha*, *anarchia*, *archanjo*.
- Ἀσκέω, *askéo*, exercito; ex.: *ascético*, *ascetismo*, *ascetério*.
- Ἀστήρ, *astér*, astro; ex.: *astronomia*, *astrologia*, *asteroide*.
- Ἄτμος, *atmós*, vapor, sópro; ex.: *atmosphera*.
- Ἄυτός, *autós*, próprio, de si mesmo; ex.: *autógrapho*, *autonomia*, *autócrata*.
- Βάλλω, *bállō*, atiro (d'onde *βολή* e *βλήμα*, *bolé*, *bléma*, acção de atirar); ex.: *parábola*, *symbolo*, *emblemã*, *problema*.
- Βαπτίζω, *baptízo*, eu mergulho; ex.: *baptizar*, *anabaptista*, *baptistério*.
- Βάρος, *báros*, pêso e *βαρέος*, *barys*, pesado, grave; ex.: *barytono*, *barómetro*.
- Βιβλίον, *biblíon*, livro; ex.: *bibliotheca*, *bibliómano*, *bibliopóla*.
- Βίος, *bíos*, vida; ex.: *amphíbio*, *biographia*, *biologia*, *microbio*.
- Γάμος, *gámos*, casamento; ex.: *bígamo*, *polygamo*, *phanerógamo*, *gamopétalo*.
- Γαστήρ, *gastér*, estómago; *gastrónomo*, *gastralgia*, *gastrite*.
- Γῆ, *gé*, terra; ex.: *geographia*, *perigeu*, *geologia*.
- Γένος, *génos*, raça, descendência; ex.: *genealogia*, *hómogénio*, *hydrogénio*.
- Γένεσις, *généseis*, nascimento, criação; ex.: *parthenogénese*, *pathogénese*.
- Γλῶσσα, *glóssa*, língua; ex.: *glossário*, *hypoglosso*, *glossite*.
- Γλῶττα, *glótta*, língua; ex.: *glottologia*, *epiglottle*.

- Γνώμων*, *gnómon*, ponteiro, sinal indicador; ex.: *physiognomia*, *gnômica*.
- Γονός*, *gonós*, que produz, frutifica; ex.: *oogônio*, *archegônio*, *goníδια*, *cosmogonia*, *theogonia*.
- Γωνία*, *gonía*, ângulo; ex.: *polygono*, *diagonal*, *goniômetro*.
- Γράφω*, *grápho*, escrevo; ex.: *telégrapho*, *polygrapho*, *geographia*.
- Γράμμα*, *grámma*, escrito; ex.: *grammática*, *programma*, *telegrammu*.
- Γυνή*, *gyné*, mulhêr; ex.: *andrógyno*, *misógyno*, *gynecologia* (do genitivo *γυναϊκός*, *gynaikós*).
- Δάκτυλος*, *dáktylos*, dedo; ex.: *dactylographia*, *pterodactylo*.
- Δέκα*, *déka*, dez; ex.: *decálogo*, *decâmetro*, *decágono*.
- Δέρμα*, *dérma*, pele; ex.: *epiderma*, *pachyderma*, *endoderma*.
- Δῆμος*, *démos*, povo; ex.: *democracia*, *epidemia*, *demagôgo*.
- Δόξα*, *doxa*, opinião; ex.: *orthodoxo*, *heterodoxo*, *paradoxo*.
- Δράμα*, *dráma*, gen. *δράματος*) ação, drama; ex.: *dramaturgo*, *melodrama*, *mimodrama*.
- Δρόμος*, *drómos*, corrida; *hippódromo*, *pródromo*.
- Δύναμις*, *dynamis*, força; ex.: *dynamometro*, *dynastia*, *dynamite*.
- Ἔδρα*, *hédra*, séde, base; ex.: *cathedral*, *polyedro*, *pentaedro*.
- Ἔθνος*, *éthnos*, raça; ex.: *ethnographia*, *ethnologia*.
- Εἶδος*, *éidos*, forma; ex.: *kallidoscópio*, *ellipsoide*, *rhomboido*.
- Εἰκόν*, *eikón*, imagem; ex.: *iconoclasta*, *iconographia*.
- Ἔντερα*, *éntera*, intestino, entranhas; ex.: *enterite*, *dysenteria*.
- Ἑξ*, *hex*, seis; ex.: *hexágono*, *hexápodo*, *hexâmetro*.
- Ἑπτὰ*, *heptá*, sete; ex.: *heptágono*, *heptaedro*, *heptarchia*.
- Ἔργον*, *érgon*, obra, trabalho; ex.: *energia*, *energética*, *dramaturgo*, *metallurgia*.
- Ἕτερος*, *héteros*, outro; ex.: *heterodoxo*, *heterogênio*, *heterômero*.

- Ἐτυμος, *étymos*, verdadeiro; ex.: *etymologia*.
- Ζῷον, *zôon*, animal; ex.: *zoologia*, *zoóphito*, *zoógono*, *zodiaco* (de *ζῶδιον*, *zôdion*, animalzinho).
- Ἠλεκτρον, *elektron*, âmbar; ex.: *electricidade*, *electróphoro*, *electrômetro*.
- Ἥλιος, *hélios*, sol; ex.: *heliotrópio*, *perihélio*, *helióstato*.
- Ἡμέρα, *heméra*, dia; ex.: *ephémero*, *ephemérides*.
- Ἡμι, *hemi*, meio; ex.: *hemisphérico*, *hemicyclo*, *hemíptero*.
- Ἠχώ, *ekhé*, éco; ex.: *écho*, *catechismo*, *catechése*, *catechimento*.
- Θέα, *théa*, vista, espectáculo; ex.: *theatro*, *theoria*, *theoremata*.
- Θαύματος, *tháumatos*, (genit. de *θαῦμα*, milagre), prodígio, milagre; ex.: *thaumaturgo*.
- Θεός, *theós*, deus; ex.: *theologia*, *theodicéa*, *entusiasmo*.
- Θερμῖός, *thermíos*, calor; ex.: *thermómetro*, *thermodynâmica*, *isothérmico*.
- Θέσις, *thésis*, acto de colocar; ex.: *hypóthese*, *hypérthese*, *synthese*.
- Θέμα, *théma*, acto de colocar; *anáthema*, *apóthema*, *apostema*.
- Θήκη, *théke*, caixa; ex.: *hypotheca*, *bibliotheca*, *botica*, *bodega*.
- Ἰδιός, *idios*, peculiar, próprio; ex.: *idiota*, *idioma*, *idiosyncrasia*.
- Ἱερός, *hierós*, sagrado; ex.: *hieroglypho*, *hierarchia*.
- Ἴππος, *hippos*, cavalo; ex.: *hippódromo*, *Philippe*, *hippótamo*.
- Ἴσος, *isos*, igual; ex.: *isotónico*, *isomorfo*, *isósceles*, *isóchronos*.
- Ἰχθύς, *ikhthys*, peixe; ex.: *ichthyologia*, *ichthyophago* *ichthyosauro*.
- Κακός, *kakós*, mau; ex.: *cacographia*, *cacophonia*, *cacoepia*.
- Κάλλος, *kállos*, beleza; ex.: *calligraphia*, *callisthenia*.

Κέντρον, *kéntron*, ponto, centro, ex.: epicentro.

Κλίμα, *tos, klima, tos*, inclinação, clima; ex.: climatologia, acclimação.

Κλίω, *klino*, inclino; ex.: clinómetro, enclítico, heteróclito.

Κόγχη, *kónkhe*, concha; ex.: conchoide, conchologia, conchy- lífera.

Κοινός, *koinós*, comum; ex.: cenobita, epiceno.

Κόπτο, *kópto*, bato, corto; ex.: syncope, apócope, sarcopía.

Κόσμος, *kósmos*, mundo; ex.: cosmologia, cosmopolita, mi- crocosmo.

Κοτύλη, *kotylye*, cavidade; ex.: cotylédone, monocotiledónea, acotyledónea.

Κρανίον, *kranion*, crânio; ex.: cranioscopía, pericrânio, he- micrania.

Κράτος, *krátos*, fôrça, poder; ex.: autócrata, democrata, aristocracia,, Pancrácio.

Κρίσις, e κριτικός, *krisis e kritikós*, (de κρινω, *krino*, eu julgo, separo); ex.: hypocrisia, critério, hypercrítico, De- mócrito.

Κρύσταλλος, *krystallos*, gêlo, cristal; ex.: crystalloide, crystal- lographia.

Κρύπτω, *krypto*, eu escondo; ex.: cryptógamo, apócrypho, cryptographia.

Κύανος, *kyanos*, azul; ex.: cyanhydrico, cyanogénio, fico- cyanina

Κύκλος, *kyklos*, círculo; ex.: cyclone, encyclica, encyclopedía, hemicyclo.

Κύνων, *kyon*, cão; cynico, cynocéphalo, cynegética.

Λήμμα, *lémma*, aquilo que se toma (de λαμβάνω, tomo, agarro), ganho, proposição ou princípio que de an- temão se toma ou estabelece para dêle deduzir ou- tros; ex.: dilemma.

- Ἀήσις*, *lépsis*, acção de agarrar (do mesmo *λαμβάνω*), acesso mórbido; ex.: *astrolábio*, *syllapse*, *epilepsia*, *syllaba*.
- Ἄγω*, *légo*, digo, escolho; ex.: *égloga*, *eclético*, *anthologia*, *léxico*, *prolegómenos*.
- Ἄειπω*, *léipo*, deixo, abandono, ex.: *ecclipse*, *ellipse*.
- Λεπίς*, *λεπίδος*, *lepis*, *lepídos*, escama; ex.: *lepra*, *lepidóptero*.
- Λίθος*, *lithos*, pedra; ex.: *lithographia*, *monólitho*, *acrólitho*, *lithargiro*.
- Λίτρα*, *litra*, libra de doze onças; ex.: *centilitro*, *hectolitro*.
- Λόγος*, *lógos*, discurso, razão, tratado; ex.: *diálogo*, *apólogo*, *catálogo*, *decálogo*, *prólogo*, *logogripho*, *elogio*, *relogio*, *biologia*.
- Λύσις*, *lysis*, dissolução; ex.: *anályse*, *paralysisa*.
- Μαστός*, *mazós*, mama, seio; ex.: *mastoide*, *mastodonte*, *Amazonas* (?)
- Μακρός*, *makrós*, longo, grande; ex.: *macrocosmo*, *macrocéphalo*, *macróbio*.
- Μανία*, *mania*, loucura; ex.: *bibliómano*, *monomania*, *cleptomania*.
- Μαντεία*, *mantéia*, advinhação, profecia; ex.: *necromancia*, *cartomante*, *chiromancia*.
- Μάρτυς*, *μάρτυρος*, *mártys*, *márturos*, testemunha; ex.: *martyrio*, *martyrológio*.
- Μέγας*, (f.) *μεγάλη*, *mégas*, *mégale*, grande, ex.: *megalomania*, *megathério*, *trismegisto*, *almagesto*.
- Μέλας*, (n.) *μέλαν*, *mélas*, *mélan*, preto; ex.: *calomelanos*, *melancolia*, *Melanésia*.
- Μέλος*, *mélos*, canto, música; ex.: *melodia*, *melodrama*, *melopéa*, *melómano*.
- Μέρος*, *méros*, parte; ex.: *metámeros*, *tetrámero*, *pentámero*, *merotomia*.

- Μέσος, mésos*, que está no meio; ex.: *mesoderma*, *mesentério*, *Mesopotâmia*.
- Μέτρον, mètron*, medida; ex.: *diâmetro*, *metrologia*, *metrônomo*, *barômetro*.
- Μικρός, micròs*, pequeno; ex.: *micròbio*, *micròmetro*, *microscópio*.
- Μίμος, mimos*, que imita; ex.: *mimodrama*, *mímica*, *mimetismo*, *pantomina*.
- Μνήμη, mnème*, memória; ex.: *amnesia*, *amnístia*, *mnemónica*.
- Μόνος, mónos*, um só; ex.: *monarcha*, *monótono*, *monotheísmo*, *monómio*, (contração de *mononómio*).
- Μορφή, morphé*, forma; ex.: *morphologia*, *amorpho*, *metamorphose*.
- Μῦς, mýs*, *mys*, *myós*, músculo; ex.: *myologia*, *myocárdio*, *myotomia*.
- Μύρια, myria*, (plural neutro de *μυρία*, *myrios*, numeroso), dez mil; ex.: *myriámetro*, *myriápodos*, *myriade*.
- Μῦθος, mythos*, fábula; ex.: *mythologia*, *mythico*.
- Ναῦς, náus*, navio; ex.: *aeronauta*, *argonauta*, *náuseas*.
- Νεκρός, necròs*, morto; ex.: *necrotério*, *necrópole*, *necromauçia*, *necrológio*.
- Νέος, néos*, novo; ex.: *neologismo*, *neóphito*, *neographia*.
- Νεῦρον, néuron*, nervo; ex.: *neurónio*, *aponevrose*, *neurologia*, *neuróptero*.
- Νῆσος, nésos*, ilha; ex.: *Polynésia*; *chersoneso*, *Micronésia*.
- Νόμος, nómos*, divisão, lei; ex.: *autónomo*, *astronomia*, *binómio*, *deuteronómio*.
- Ὀδός, hodós*, caminho; ex.: *período*, *êxodo*, *método*, *eléctrodo*, *episódio*.
- Ὀδούς, ódóus*, *odous*, *odóntos*, dente; ex.: *odontalgia*, *odontologia*, *mastodonte*.

- Ὄκος, *óikos*, casa; ex.: *economia*, *diocese*, *ecumeno*, *ecuménico*, *ecologia*, *dióico*, *paróchia*.
- Ὀκτώ, *octó*, oito; ex.: *octaedro*, *octógono*, *octópodos*.
- \*Ὄνομα ou ὄνομα, *ónyma*, nome; ex.: *anónimo*, *synónimo*, *heteronymia*, *onomatopéa*, *pseudónimo*, *patronymico*, *antonomasia*.
- Ὄξυς, *oxys*, agudo, penetrante, ácido; *oxygênio*, *paroxysmo*, *peróxydo*.
- Ὀράω, *horáō*, vejo; *ὄραμα*, *hórama*, visão; ex.: *panorama*, *cosmorama*, *éphoro*.
- Ὄρθος, *orthós*, recto, justo; ex.: *orthodoxo*, *orthographia*, *orthóptero*, *orthótropo*.
- Ὄρνις, *ornithos*, *órnis*, *órnilhos*, pássaro; ex.: *ornithologia*, *epycrnis*, *ornithorynco*.
- \*Ὄρος, *oros*, montanha; ex.: *orographia*, *oréade*, *orégão*.
- \*Ὄστέον, *ostéon*, osso; ex.: *osteologia*, *osteina*, *perioste*, *exostose*.
- \*Ὄφις, *óphis*, serpente; ex.: *ophídio*, *ophieleide*, *ophite*.
- \*Ὄφθαλμός, *ophthalmós*, olho, vista; ex.: *ophthalmia*, *ophthalmoscópio*, *exophthalmo*.
- Πάθος, *páthos*, modo de sentir, afecção; ex.: *sympathia*, *pathologia*, *pathético*, *allopathia*.
- Παις, *paídōs*, *país*, *paídōs*, criança; ex.: *pedagôgo*, *pedante*, *pedologia*.
- Παιδεία, *paideía*, educação; ex.: *encyclopédia* (1), *orthopedia*, *cyropedia*.
- Παλαιός, *palaiós*, antigo; ex.: *paleographia*, *paleontologia*, *paleothério*.
- Πάν, *pán*, *pás*, *pân*, todos, tudo; ex.: *diapásão* (que vai por todas as notas, oitava), *panacéa*, *pancreas*, *Pan-crácio*, *panorama*, *pantomina*.

(1) A pronúncia corrêcta seria *enciclopedia*.

- Πείρα*, *péira*, tentativa, experiência; ex.: *pirata* (que tenta a sorte), *emprírico*.
- Πέντε*, *pénte*, cinco; ex.: *pentacórdio*, *pentágono*, *pentámetro*, *pentámetro*, *pentecostes*.
- Πέψις*, *pépsis*, cozimento; ex.: *pepsina*, *dyspepsia*, *apepsia*.
- Πέταλον*, *pétalon*, pétalo; ex.: *apétalo*, *gamopétalo*, *dialipétalo*, *monopétalo*, *petaloide*.
- Πλήσσω*, *plessō*, bato, firo; ex.: *apoplexia*, *hemiplegia*, *paraplegia*.
- Πλευρά*, ou *πλευρόν*, *pleurá* ou *pleurón*, flanco, lado; ex.: *pleura*, *pleuriz*, *pleurisia*, *pleurite*.
- Πνεῦμα*, *πνεύματος*, *pnéuma*, *pnéumatos*, sôpro, ar, espírito; ex.: *pneumonia*, *pneumático*, *pneumática*, *pleuro-pneumonia*.
- Ποίω*, *poíō*, eu faço; ex.: *poeta*, *epopéa*, *onomatopéa*, *poema*.
- Πόλις*, *pólis*, cidade; ex.: *metrópole*, *acrópole*, *cosmopolita*, *politica*.
- Πολύς*, *polys*, muito numeroso; ex.: *polyglotta*, *polychromo*, *pólypo*, *polvo*.
- Ποταμός*, *potamós*, rio; ex.: *hippopótamo*, *potamographia*.
- Πούς*, *podós*, *poús*, *podós*, pé; *antípodas*, *ápodas*, *lycopódio*, *pólypo*.
- Πρώτος*, *prótos*, primeiro; ex.: *prototipo*, *protocolo*, *protóxydo*.
- Πτερόν*, *pterón*, asa; ex.: *coleóptero*, *áptero*, *díptero*, *pterodáctylo*.
- Πτύσις*, *ptysis*, escarro; ex.: *hemoptyse*, *ptyalina*, *ptyalismo*.
- Πύλη*, *pyle*, porta; ex.: *propyleu*, *pylône*, *pyloro*.
- Πῦρ*, *pyr*, fogo; ex.: *empyreō*, *pyrethro*, *pyrite*, *pyrómetro*, *pyrotécnico*.
- Πωλέω*, *poléo*, vendo; ex.: *monopólio*, *pharmacopóla*, *bibliopóla*.
- ῥέο*, *rhéo*, corro, escorro; *ῥέυμα*, *rhéuma*, fluxo; ex.: *catarrho*, *diarréa*, *hemorroidas*, *rheumatismo*, *rythmo*.

- Σαρξ, *sarks*, carne; ex.: *anasarca*, *sarcasmo*, *sarcode*, *sarcóphago*, *sarcópta*.
- Σελήνη, *seléne*, lua; ex.: *selénio*, *selenite*, *selenographia*, *paraseléne*.
- Σήμα, σημεῖον, *séma*, *seméion*, sinal; ex.: *semántica*, *semáphoro*, *semeiologia*, *semeiótico*.
- Σήπω, *sépo*, apodreço, putrefaço; ex.: *séptico*, *asepcia*, *antiséptico*.
- Σίδηρος, *sideros*, ferro; ex.: *siderite*, *sideral*, *sidéreo*, *siderurgia*.
- Σκάφη, *scáphe*, barco; ex.: *escaphandro*, *escaphoide*, *piróscapho*.
- Σκηνή, *skené*, tenda; ex.: *proscénio*, *scenographia*.
- Σκιά, *skiá*, sombra; ex.: *amphíscios*, *antíscios*, *áscios*, *heteróscios*, *períscios*.
- Σκοπέω, *skopéo*, vejo; ex.: *electroscópio*, *horóscopo*, *kalidoscópio*, *microscópio*, *telescópio*, *episcopal*.
- Σοφός, *sophós*, sábio; ex.: *philósopho*, *sophisma*, *theosophia*.
- Σπείρω, *speiro*, dissemino; ex.: *endosperma* (semente), *espermaceti* (branco de baleia), *esporádico*.
- Στάσις, *stásis*, acção de estar, situação; ex.: *éxtase*, *hypóstase*, *hemstasia*, *apostasia*.
- Στάσις, *statós*, fixo, estável; ex.: *acrostato*, *apóstata*, *hemostático*, *estática*, *estatística*.
- Στέλλω, *stéllō*, envio; ex.: *epístola*, *apóstolo*, *systole*, *diastole*.
- Στερεός, *stereós*, sólido; ex.: *stereoscópio*, *estére*, *decastére*, *estereotomia*, *estereotypar*.
- Στίχος, *stikhos*, verso; ex.: *acróstico*, *dístico*, *hemistichio*.
- Στόμα, *stóma*, boca; ex.: *estómago*, *anastomose*, *perístoma*, *estomatite*.
- Στρατός, *stratós*, exército; ex.: *estratégia*, *estratagema*, *estratiota*.

- Στροφή, *stropé*, volta; ex.: *anástrophe*, *catástrophe*, *apóstrophe*.  
 Σφαῖρα, *spháira*, *esphera*; ex.: *atmosfera*, *pyrosphera*, *hemisphèrio*, *espheroïdal*, *planisphèrio*.  
 Σχίζω, *skhizo*, fendo, divido; ex.: *schisto*, *schisma*.  
 Στύλος, *stylos*, coluna; ex.: *estylista*, *perístylo*, *hypóstylo*.  
 Τάφος, *táphos*, túmulo; *epitáphio*, *cenotáphio*.  
 Τάξις, *táxis*, ordem, arranjo; ex.: *taxidermía*, *ataxia*, *syn-taxe*, *taxionomia*.  
 Τέχνη, *tékhnè*, arte; ex.: *mnemotéchnica*, *polytéchnico*, *technologia*.  
 Τῆλε, *téle*, longe; ex.: *telescópio*, *telegramma*, *telephone*.  
 Τέμνω, *témno*, divido, córto; ex.: *anatomia*, *átomo*, *dichotomia*, *epítome*.  
 Τέταρα, *téttara* (contraído em *tetra*) quatro; ex.: *tetracórdio*, *tetraedro*, *tetrarca*, *tetrágono*.  
 Τόνος, *tónos*, tensão, tom; ex.: *barytono*, *detonar*, *monótono*, *entoar*.  
 Τόπος, *tópos*, lugar; ex.: *topographia*, *utopia*, *tópico*.  
 Τρέπω, *trépo*, eu volto, mudo; ex.: *trópico*, *phototropismo*, *heliotrópio*.  
 Τρέφω, *trépho*, alimento, ex.: *atrophia*, *limítrophe*, *trophéo*, *hypertrophia*.  
 Τριάς, *triádos*, *triás*, *triádos*, três; ex.: *triade*, *triásico*, *triclínio*, *triedro*, *trífido*, *trinómio*, *trismegisto*.  
 Τύπος, *typos*, typo, figura; ex.: *archétypo*, *protótypo*, *typographia*, *linótypo*.  
 Ὑδωρ, *hydor*, água; ex.: *hydropisia*, *clepshydra*, *anhydro*, *cianhydrico*.  
 Φαγεῖν, *phagéin*, comer; ex.: *antropóphago*, *esôphago*, *sarcóphago*, *phagocytose*.  
 Φαίνω, *pháino*, mostro, brilho; ex.: *diáphanos*, *epiphania*, *fantasia*, *hierophante*, *phanerógama*, *phenomeno*.

- Φέρο*, *phéro*, levo, *φορός*, *phorós*, que leva; ex.: *ámphora*, *electróphoro*, *metáphora*, *períphera*, *phósphoro*.  
*Φημί*, *phemí*, eu digo, falo, ex.: *émphase*, *blasphemia*, *euphemismo*, *propheta*.  
*Φίλος*, *philos*, amigo; ex.: *biblióphilo*, *Philadelpho*, *philologia*, *philósopho*.  
*Φόβος*, *phóbos*, mêdo; ex.: *hydrophobia*, *photophobia*, *germanóphobo*.  
*Φράσις*, *phrásis*, acto de dizer; ex.: *antíphrase*, *períphrase*, *phraseologia*.  
*Φύλλον*, *phyllon*, folha, ex.: *chlorophylla*, *phylloxera*, *caryophylláceas*.  
*Φύσις*, *physis*, natureza; ex.: *physica*, *metaphysica*, *physionomia*.  
*Φυτόν*, *phytón*, planta; ex.: *zoóphyto*, *phytographia*, *phytozoários*.  
*Φωνή*, *phoné*, voz, ex.: *phonógrapho*, *aphóno*, *homophono*, *antíphona*.  
*Φῶς*, *φοτός*, *phós*, *photós*, luz; ex.: *photographia*, *phósphoro*, *photosphera*.  
*Χείρ*, *khéir*, mão; ex.: *cheiróptero*, *chiromancia*, *cirurgia*.  
*Χέο*, *khéo*, derramo, *χυλός*, *khylós*, suco, *χυμός*, *khymós*, sumo, ex.: *alchymia*, *chimica*, *chilífero*, *ecchymose*, *parênchyma*.  
*Χίλιοι*, *khilioi*, mil; ex.: *kilogramma*, *kilolitro*, *kilómetro*.  
*Χλωρός*, *khlorós*, verde; ex.: *chlorofórmio*, *chlorophylla*, *chloreto*, *perchlórico*.  
*Χολή*, *kholé*, bilis; ex.: *cholédoco*, *chólera*, *melanchólico*.  
*Χορεία*, *khoreía*, dança; ex.: *choçeográphico*, *choribante*, *choripheu*.  
*Χρόνος*, *khronós*, tempo; ex.: *chronologia*, *chronómetro*, *isóckhrono*.

Χρυσός, *khrysós*, ouro; ex.: *chrysállida*, *chrysânthemo*, *chry-sólitha*.

Χρωμα, *khróma*, côr; ex.: *achromatismo*, *lithochromia*, *polychromia*.

Ψάλλω, *psállō*, eu toco lira; *psalmo*, *psaltério*, *psalmodia*; *psalmista*.

Ψεῦδος, *pséudos*, mentira, *ψευδής*, *pseudés*, mentiroso, falso; ex.: *pseudônimo*, *pseudópodos*.

Ψυχή, *psykhé*, alma; ex.: *psychologia*, *metempsychose*, *psychotherapia*.

Ὀδή, *odé*, canto; ex.: *comédia*, *melodia*, *paródia*, *prosódia*, *tragédia*.

Ὁρα, *bóra*; ex.: *horóscopo*, *horographia*, *relógio*, *horometria*.

Ὄσμος, *osmós*, impulsão; ex.: *osmose*, *endosmose*, *exosmose*.

Ὀψι, *òpsis*, *òps*, *òpòs*, ôlho, vista; ex.: *myopia*, *cyclope*, *óptica*, *autopsia*.

☞—São os seguintes os sufixos da língua portuguesa.

ÁCEO, A — do latim *áceum*; idéa de semelhança externa ou íntima, de participação num todo, composição; exs.: *rosáceo*, que se assemelha à rosa; *rosácea*, ornamento com forma de rosa; *galináceo*, que participa da família das galinhas; *iridáceas*, plantas que se assemelham à iris. É' o sufixo usual em botânica para designar famílias. Outros exemplos: *membranáceo*, *herbáceo*, *coriáceo*.

ACHO, A — forma vernácula popular do sufixo *aceo*, com a mesma idéa de semelhança e composição; exs.: *verdacho*, que se aproxima da côr verde, que tira ao verde; *bolacha* que se parece com bolo, da mesma natureza; *penacho*, feito de penas, semelhante às pe-

nas revôltas da cauda de ave. Êsse sufixo assume o sentido diminutivo; exs.: *fogacho*, pequena labareda, *scentelha efêmera*; *riacho*, pequeno rio. Essa accepção diminutiva provém da idéa de inferioridade sempre atribuída ao que é *semelhante* comparativamente ao *verdadeiro*. Daí ter êsse sufixo também a idéa pejorativa; ex.: *vulgacho*, o vulgo ínfimo, a ralé; *populacho*, o povo mais reles, a arraia miuda.

ÁCIA — sufixo composto de *ac* (em português *az*, *audaz*) e de *ia*; designa a qualidade; exs.: *audácia*, qualidade do audaz; *pertinácia*, qualidade do pertinaz; *falácia*, qualidade do falaz, enganador. Êsse sufixo estendeu sua significação passando a indicar a acção; assim: uma *audácia* por um *um acto audaz*; *falácia* = engano, lôgro.

ACO, A — do latim *ācus*. Êsse sufixo é raro em latim: *ebriācus*, bêbedo, *opacus*, escuro, *cloaca*, (que lava), esgôto. Em português aparece em palavras evidentemente populares: *cavaco* (de cavar), *lasca de pau*; *velhaco* (de *viliacum*, da cidade); *verdoaga* (*portulaca*).

ACO, A — do latim *ācus*. Designa a relação íntima, essencial entre o nome a que se refere o adjectivo e a idéa expressa pelo radical; forma, em geral, adjectivos patronímicos; exs.: *austriaco*, natural da Áustria; *syriaco*, nascido na Síria. Correspondente ao sufixo grego *akós*, *akós*, indica estado íntimo, doentio do indivíduo: *maníaco*, que sofre de loucura, mania; *cardíaco*, que sofre do coração (em latim *cardiacus* era o que sofria do estômago); indica também referência: *genethliaco*, referente ao nascimento, ao aniversário, *horóscopo tirado pelo dia natalício*; *demoníaco*, refe-

rente ao demónio; *amoníaco*, da natureza, da essência do amónio, derivado dêle (*gás amoníaco*).

ADO, A — do latim *adu*. Forma adjectivos e prende-se a temas substantivos com idéa de posse, instrumento; matéria de que é feita alguma cousa ou que nela se contém; exs.: *barbado*, que tem barba; *costado*, parte do corpo onde se metem as costelas; *mercado*, lugar onde se acham as mercadorias; *pedrada*, pancada com pedra; *bocado*, quantidade de alimento que se contém na boca. O sentido alargou-se para o de compreensão de um todo, toruando-se dess'arte *colectivo*: *carneirada*, colecção de carneiros; *ciumada*, ciumes repetidos. Êsse sufixo parece não ser mais que a desinência de participio passado presa a substantivos pela vogal de ligação *a*.

AÇO, A — outra forma vernácula do sufixo latino *accu*. Exprime idéas diversas difficilmente comparáveis ao original; exs.: *acção* realizada com um instrumento: *pontaço*, golpe com uma ponta; referência à matéria componente: *calhamaço* (por *canhamaço*, também reduzido a *cambás*), acolchoado de cânhamo; *palhaça*, casa coberta de palha; *palhaço*, aquele que se deita na palha ou dela se veste; *vidraça*, porta ou janela feita de vidro; proveniência: *linhaça*, semente do linho; *galinhaça*, esterco de galinha; *fogaça*, bolos ou pães saídos do borrarho; pejorativo, com idéa de semelhança inferior: *vinhaça*, vinho ordinário, bebedeira; *mestraço*, mestre ruim; *melaço*, mel de furo; augmentativo: *barcaça*, *barbaça*, *estilhaço*, (de *estilha*). Êsse sufixo prende-se a substantivos; em *andaço* prende-se ao verbo *andar*.

AGEM — do latim *áticum*, remotamente, através do provençal *atge* ou do francês *age*, com posterior nasalização do *e* final; sufixo primitivamente adjectival, designativo de dependência, posse, relação mais ou menos íntima; exs.: *selvagem* (*silváticum*) da selva, que vive nas florestas como as feras, cruel; *viagem* (*viáticum*), primitivamente era tudo o que se referia à estrada, provisões e preparativos, depois o acto de viajar; *homenagem* (*homináticum*), acto que prende um homem a outro, tornando-o seu vassalo, preito de admiração. Êsse sufixo se generalizou com a significação de acto realizado, hábito, efeito múltiplo, colecção; exs.: *estiagem*, resultado do estio; *vadiagem*, hábito de vadiar. Do efeito múltiplo provém a idéa de colecção; ex.: *folhagem*, resultado do aparecimento das folhas, conjunto delas. A maioria dos sufixos em *agem* filiam-se a êsse.

AGEM — do latiú *áginem*; idéa de realização ou resultado de uma acção; exs.: *imagem* (*imáginem* por *imitáginem*), resultado de uma imitação; *voragem* (*voráginem*), acto de devorar, queda precipitada, sorvedouro; *cartilagem* (*cartiláginem*). Êsse sufixo entra em *plombagina* (*plumbáginem*), acrescido do sufixo *ina*. Em italiano êsses dois sufixos assumiram formas diferentes; assim: *selvaggio*, *coraggio*, *ventaggio*; mas: *imáGINE*, *voráGINE*, *cartiláGINE*.

ARCO — do latim *dicum* (sufixo *icu* preso a nomes de radical terminado em *a*); exs.: *Judaicum*, *prosaicum*; idéa de relatividade; ex.: *hebraico*, relativo aos hebreus; *caldáico*, relativo aos Caldeus; *prosaico*, relativo à prosa, próprio da prosa.

**AL** — do sufixo latino *ali* que formava adjectivos de relação; exs.: *geniali*, *fatali*, *mortali*; idéa de relatividade, participação; exs.: *genial*, que participa da natureza do gênio; *natal*, referente ao nascimento; *vital*, que participa da vida. Os adjectivos formados com êsse sufixo substantivam-se fácilmente; exs.: *capital*, *çabedal*, *caudal* (todos de *capitale*), *curral*, *pontal*, *sinal*, *animal*, *tribunal*, etc. A idéa de participação levou à de continência: região florestal, que tem muitas florestas. Daí veio fácilmente a idéa colectiva: *pantanal*, região de muitas pântanos; *coqueiral*, trecho de terra cheio de coqueiros; *bananal*, *roseiral*, etc.

**ALHA** — de *alia*, sufixo latino composto de *ali* mais o sufixo *ia*, formador de substantivos; designava as festas relativas ou consagradas a certo deus ou deusa; exs.: *Bacchanalia*, festas consagradas a Baccho; *Saturnalia*, festas dedicadas a Saturno; *Opalia*, festas à deusa Ops; etc. Êsse sufixo generalizou-se como designativo de *ajuntamento* e daí, de colecção; ex.: *batalba* (*battualia*, jogos dos gladiadores) significava, no antigo português, as fracções do exército, os batalhões, um ajuntamento de guerreiros, depois passou a significar a acção dêsses guerreiros; *canalha*, ajuntamento de cães (o sentido pejorativo não está no sufixo, mas no radical); *cordoualba*, colecção de cordas. O sentido pejorativo do radical de *canalha* passou ao sufixo das palavras designativas de plebe, como: *gentalba*, extendendo-se a outros, como *parentalba*. O sentido de ajuntamento criou fácilmente a accepção de aumentativo; exs.: *muralba*, reunião dos muros de

uma cidade, muros muitos altos. Compõe-se com o sufixo *ada* para formar colectivos pejorativos: *fradalhada*, *padralhada*. (1).

ALHO (1) — variedade masculina do sufixo *alho*, aplicado a nomes masculinos, com sentido aumentativo; exs.: *vergalho*, verga, vara grande; *espantalho*, grande espanto, engenho de espantar as aves; *cabeçalho*, cabeça grande, título dos jornais, anúncio de artigos e notícias nos jornais, feitos em letras grandes. Com o sentido de *ajuntamento* aparece em *cascalho*, *borralho* (amontoamento das bôrras, das cinzas).

ALHO (2) — do latim *áculum*, como *gubernáculum*, leme (do verbo *gubernare*); sufixo composto do morfema *ε* designativo de instrumento e do diminutivo *ulum*. Ocorre em *governalho*, aparelho de govêrno, leme; talvez em *trabalho* (de *trabaculum*; outros, porém, preferem *tripalium*), instrumento de conter os pés dos animais, tormento, imposição, labor. Note que em *talho* e seus derivados *atalho*, *retalho*, etc.) o *lh* pertence ao radical.

ALHÃO — sufixo composto de *alho* mais o aumentativo *ão*; ocorre todavia em nomes carecentes de forma em alho: exs.: *brincalhão*, sujeito que brinca muito; *fracalhão*, indivíduo muito fraco; *vagalhão*, vaga muito grande. No entanto não há *brincalho*, *vagalho*, etc.

AMA — origem incerta; usa-se em algumas palavras com o sentido colectivo; exs.: *Mourama*, a multidão dos

(1) *Fornalha*, citado geralmente como aumentativo, não parece conter o sufixo *alho*, mas vir directamente de *fornacula*, diminutivo de *fornax*. Em *medalha* há talvez o sufixo *ca*, de *metallea*, sendo *al* do radical. Em *mincalha* devemos ver *minutialia* (?).

mouros; *dinheirama*, grande soma de dinheiro; *cou-rama*, muitos couros; *moçama*, numerosas moças, o conjunto de moças de um lugar.

**AME** — do sufixo substantival latino *men* com a vogal de ligação da primeira conjugação *a*, como em *vexamen*, *gravamen*, *certamen*; idéa de acto que se realiza ou do instrumento de realização; exs.: *certame*, acto de combater (*certare*), concurso; *gravame*, o acto de pesar, agravar, tudo quanto concorre para isso; *vexame*, o abalo, a aflicção, o que concorre para affligir. Essa mesma idéa de instrumento existe no latim *velamen*, tudo quanto serve para velar, encobrir, vestir, e, depois, qualquér pano; applicou-se a uma vela de navio e finalmente, por extensão, a todos os pános do navio, tomando assim uma idéa colectiva que se generalizou, como em: *correame*, todas as correias de uma fábrica; *vasilhame*, todas as vasilhas; *cartuchame*, o total dos cartuchos. Em *exame* e *enxame*, o sufixo é apenas *me*, sendo o *a* pertencente ao radical (*ex + ag-men*). O mesmo em *lume*, *vime*, *crime*, etc., onde *me* se incorporou ao radical.

**ANÇA** — sufixo composto, *antia*, em latim, formado de *a*, vogal de ligação, *nt*, desinência de particípio presente e *ia* sufixo substantival; assim *vigilantia*, vem do part. pres. *vigilans, tis*, mais *ia*. Designa, pois, o acto presente, que se realiza ainda; exs.: *esquivança*, acto de esquivar-se; *esperança*, acto, virtude de esperar; *mudança*, acto de mudar. Muitas vezes confundiu-se o acto exercido com o objecto dêsse acto, como em *criança*, cujo sentido verdadeiro e primitivo era: acto de criar, o ensino ministrado, educação; depois significou as cousas criadas: gado, meninos e

até monumentos públicos. (1). O mesmo com vizinhança, acto de se avizinhar, cercanias, conjunto dos vizinhos, já com a idéa colectiva. Em *festança*, o sufixo aparece com a idéa de aumento.

ANCIA — sufixo composto, forma semi-erudita de *ança*, conservado em palavras mais recentemente tomadas ao latim; idéa de estado presente que se prolonga, estado habitual; exs.: *ignorância*, estado daquele que ignora; *tolerância*, estado, qualidade daquele que tolera; *vigilância*, acção continuada de quem vigia.

ANCO, ANCA — origem desconhecida — aparece em raras palavras como: *potranca*, lugar onde se prendem potros; *barranço*, lugar de onde se tira barro; *pelanca*, pele sôlta e magra; *travanca*, trave ou traves que impedem a passagem.

ANDO — sufixo formado de desinência *ndo*, de participio do futuro latino precedido da vogal de ligação *a*; idéa de acção futura aplicada a um indivíduo, sofrida por êla; exs.: *doutorando*, aquele que vai ser doutorado; *educando*, aquele que se vai educar ou se está esforçando por educar-se; *matriculandos*, aqueles que se querem matricular. Em palavras tomadas directamente ao latim permanece a idéa de merecimento, dever geral para com alguém; exs.: *miserando*, aquele que merece compaixão; *venerando*, aquele que merece veneração, a quem devemos culto e respeito; *formidando*, que merece temor, que o impõe, terrível.

ANEQ, A — do latim *aneo*, *a*, sufixo composto de *an* mais *eo*; indica o *modo de ser*, a capacidade; exs.: *espontaneo*, que se faz por vontade própria; *sucedaneo*,

(1) Ver o *Elucidário* de Viterbo 1, 319 e *Ap. voc. criança*. Em *espanhol* *crianza* ainda significa *educação*.

cuja função própria é a de suceder a outra cousa, exercer o mesmo mistér; *consentaneo*, capaz de sentir com outra pessoa, de estar com ela acorde. Dêsse sentido fundamental decorre a idéa da concomitância, duração, propriedade; ex.: *momentaneo*, que é por um momento; *instantaneo*, que dura um instante; *contemporaneo*, que vive na mesma época que outro; *cutaneo*, próprio da pele.

ANHO, A — forma vernácula popular de *aneo*, *a*, com a mesma idéa fundamental de *modo de ser*; ex.: *entranha*, que está dentro; *estranha*, que está fora, que vem de fora; *castanha*, noz própria da castanheira (*castanea* é um adjectivo substantivado; o fruto é *nux castanea* em Vergílio). Em *montanha*, há sentido aumentativo de explicação difícil. Êsse suffixo entra na formação de certos verbos: *agatanhar*, *abocanhar*.

ANO, A — do latim *anu*, *a*; sentido fundamental de proveniência, origem, pertença; exs.: *serrano*, que vem da serra, originário de lá; *italiano*, que vem da Itália, nascido, fabricado lá; *urbano*, da cidade; pertencente à cidade ou dela proveniente. Forma assim nomes patronímicos: *romano*, *açoriano*, *alagoano*. Dêsse sentido fundamental derivou-se a idéa de proveniência ou relação intelectual, moral ou de partido e depois a de mera semelhança, comparação; exs.: *republicano*, que é partidário da república; *ultramontano*, que pertence à seita de além dos montes Alpes, à igreja romana; *ciceroniano*, próprio de Cícero, semelhante ao seu estilo e eloquência; *camoniano*, ao geito do estilo de Camões (sonetos *camonianos*); *devoniano*, terreno semelhante ao de Devon, com os mesmos ca-

racteres geológicos; *meridiano*, próprio do meio dia; *cotidiano*, usado todos os dias. (1).

Esse sufixo entra em *membrana* e com um *i* epentético em *sotaina*, *polaina*, *andaina* e *borraina*. (2). Em *plaina* há o *i* intercalado; mas o *a* pertence ao radical e o *n* é mero morfema com sentido de participio, como em *ple-no*, *diur-no*, *pen-na*, etc.

ÃO, ã — forma popular de *ano*, *a*; exs.: *pagão* de *pagamu*, *cristão* de *christianu*; *capitão* de *capitanu*. Assim se formaram, *irmão*, *ã*; *alemão*, *ã*; *hortelão*, *ã*, etc.

ÃO, ONA — do latim *one*; sufixo indicativo do agente, ou de um característico do agente em grau elevado; ex.: *latrone*, *ladrão*. Com esta última accepção gerava cognomes, como: *Catão*, *Nasão*, *Varrão*. Dêsse sufixo se originam os aumentativos vernáculos em *ão* e muitas palavras em *ão* vindas do latim; *carvão*, *pulmão*, *sermão*, etc.

ÃO, ÔA — de *onu*, sufixo que indicava profissão ou posição social; ex.: *patrão* (de *patronu*), *patrôa*, *padrão*. Esse sufixo permaneceu com a forma *ono*, *ona* em algumas palavras, como: *colono*, aquele que cultiva; *matrona*, dona de casa.

AR — de *alis*; é o mesmo sufixo *al* de que tratamos; apenas o *l* muda em *r*, por *dissimilação*, nas palavras em que há *l*, como: *popular*, *militar*, *palmar*. Todavia *al* permanece, apesar do outro *l*; às vezes, como em: *fluvial*, *pluvial*, *diluvial*.

ARDO — do germânico *hart*, forte; ex.: *Bernardo* (de *Bär* + *art*, forte como um urso); *Leonardo*, forte

(1) O *i* em *camoniano*, *ciceroniano*, etc., é temático, do genitivo. Erro, pois, escrever *camoneano*, como demonstrou L. de Vasconcellos.

(2) Ver Othoniel Motta—*O meu idioma*, p. 63.

como um leão; *Ricardo*, rico e forte. Afora nomes próprios são poucas as palavras portuguesas com tal sufixo: *galhardo* (do italiano *gagliardo*; no antigo francês *chateaux gaillards* eram os castelos fortes); *moscardo*, mosca muito grande; *felizardo*, muito feliz. Em *bastardo* (de *bastum*, caugalha) *ardo* não é sufixo, mas a palavra céltica *ard*, filho. Entra em *cobarde* (fr. *couard*) e *bilhar* (fr. *billard*).

ARÊO — vide *êo*.

ÁRIO, A — de *arium* e de *arius*; temos realmente dois sufixos *ário*, um designativo de profissões: *estatuário*, *notário*, *sicário*, *lapidário*; outro designativo de objectos, logares onde se guardam cousas: *armário*, onde se guardam *armas*; *vestiário*, onde se põem as vestes; *seminário*, onde se plantam as sementes, etc. Ambos assumem também a forma *eiro* (ver *êste* suf). Esse sufixo forma ainda numerosos adjectivos significativos de agente, estado, resultado de uma acção; *mandatário*, que executa um mandado; *vulnerário*, que pode ferir; *solitário*, que ficou sozinho, etc.

ARÍA — sufixo composto de *ário* mais *ia*; sendo os três sentidos fundamentais de *ário* os de *logar*, *officina de trabalho*, *de acção*, e de *resultado da acção*, o sufixo *ária* também exprime tais idéas: *olaria*, *logar onde trabalha o oleiro*; *estrebaria*, *logar onde trabalha o estribeiro*; *tesouraria*, *logar onde trabalha o tesoureiro*; *calaçaria*, *acção dum calaceiro*; *patifaria*, *resultado da acção de um patife*. Como num *logar* ou *oficina* se guardam geralmente muitos objectos da mesma natureza, ou como a *profissão* se exerce conjuntamente por muitos indivíduos, o sufixo *ária* tomou a accepção de *colectivo*; exs.: *livraria*, *logar onde se*

depositam livros e colecção de livros; *cavalaria*, profissão do cavaleiro e conjunto dêles; esta accepção se generalizou, como em: *gataria*, *casaria*, *pradaria*, *honorarias*, etc. Pode ser masculino, como em *casario*.

**ARRO, A** — origem desconhecida, usado na península ibérica; entra em palavras como: *cigarra* (por *cigadarra*); *cigarro*, *bocarra*, *pamparra* (?), *chicharro* (chicho grande), *bebarro*, etc., em sentido aumentativo.

**ARRÃO** — composto de *arro* + *ão*, aumentativo: *homem-zarrão*, *canzarrão*. Nesses exemplos o  $\zeta$  é consoante epentética.

**ASCO, A** — origem desconhecida (1); idéa de semelhança, aproximação, comparação; exs.: *ruivasco*, puxante a ruivo; *pardavasco*, tirante a pardo; *verdasca*, vara meio verde. Talvez seja o mesmo sufixo que entra em *penhasco*, semelhante a penha. Em *borrasca*, se vem de *Boreas*, (*boreastica*, vento norte), não há sufixo *asco*, e assim também em *nevasca*, formada por analogia com *borrasca*.

**ASTRO, A** — do latim *astru*, de *astér* (grego *αστήρ*) — idéa de imitação, substituição; exs.: *poetastro*, aquele que imita os poetas, que se faz poeta sem o ser, mau poeta; *medicastro*, medico ruim, charlatão. Esse sufixo tem a forma *asto*, *asta*, em *padrasto* e *madrasta*, por dissimilação.

**ATA** — sufixo vernáculo composto de *a* vogal da primeira conjugação e *ta* (em latim *tu*), designativo de acção realizada pelo radical verbal a que se prende; ex: *passcata*, realização de um passeio; *serenata*, acção

(1) Alguns pensam que *asco*, *esco*, *isco*, *uscó* provém todos do mesmo sufixo grego *iscós*.

realizada ao sereno, canto à noite e ao ar livre; *cavalgata*, realização de um passeio a cavalo. Como a acção pode ser, às vezes, realizada habitualmente por muitas pessoas, o sufixo tem assumido a idéa colectiva.

ÁTICO, A — veja *tico*.

ÁTIL — do latim *átile*; idéa de relação, participação, capacidade; exs.: *voldátil*, que participa da natureza dos que voam; *versátil*, relativo ao que muda, mutável; *vibrátil*, da natureza do que vibra, capaz de vibrar; *aquátil*, relativo à água, feito em água.

ATO, ATA (1) — do latim *atu*, *ata* — mesma significação que o primeiro sufixo *ado*; exs.: *tribunato*, dignidade, função do tribuno; *triumvirato*, dignidade do triúnviro. Indica, do mesmo modo, estado habitual, instituição; ex.: *celibato*, estado de quem não se casa; *orfanato*, instituição que se ocupa de órfãos.

ATO, ATA (2) — do latim *ato*; forma adjectivos que designam indivíduo a que se atribuí uma qualidade; exs.: *sensato*, aquele que tem senso; *timorato*, aquele que teme; *mediato*, aquele que está no meio, que se intromete.

ATO, A (3) — sufixo de origem italiana, diminutivo, aplicado a animais, exs.: *lobato*, lobo pequeno; *mulata*, mula pequena, ou semelhante a mula, côr do burro.

AVO — de *avus*, latim, na palavra *octavus*; deu em português *oitavo* e generalizou-se applicando-se aos números superiores a dez, fraccionários: onze *avos*, vinte *avos*, etc.

ÁVEL — ver *vel*.

AZ — do latim *ace*; idéa de intensidade ou aumento na acção indicada pelo verbo a que se prende normal-



mente; forma adjectivos, em geral; exs.: voraz, que devora muito; fugaz, que foge com facilidade; loquaz, que fala muito, com fluência; capaz, que apanha, realiza com facilidade; tenaz, que segura fortemente. Dos adjectivos derivaram-se muitos substantivos: a tenaz, o rapaz, o primaz, etc. Essa idéa aumentativa passou a alguns substantivos; exs.: cartaz, carta, papel grandé, folha de anúncio. Em composição com outros sufixos ou preso a consoantes epentéticas aparece em palavras como: beberr-az, machac-az, ladra-v-az, lamb-ar-az. A origem e natureza dessas consoantes são difíceis de perceber. Em *Satanás* não há sufixo az; deve-se escrever com *s* final.

ÁZIO (1)—sufixo idêntico a *aço* em *pontaço*, vindo do espanhol *azo*, como em *balazo*, golpe de bala. Em português ocorre nas palavras *balázio*, *copázio*, *gatazio* mas com idéa aumentativa.

ÁZIO (2)—de *ácinus*, na palavra *durázio*, de *duráctus*, que tem casca dura.

BIL—do latim *bili*, formado do sufixo primitivo *li*, da consoante inorgânica *b*, presos pela vogal de ligação *i*; indica posse da qualidade expressa pelo radical. capacidade de adquirir-la; exs.: flébil, que chora, que murmura, pesaroso; volúbil, que se move com facilidade, variável. Esse sufixo permanece em muitos substantivos correspondentes aos adjectivos em *vel*, forma vernácula de *bil*; exs.: sensibilidade, estabilidade, etc. Persiste ainda nos superlativos absolutos desses adjectivos; exs.: sensibilíssimo, credibilíssimo. No português arcaico era normal: visibil, terribil, etc. Note que em habil, debil, nubil e outros o

*b* pertence ao radical sendo o sufixo *il*. Tem a forma *bre* em *nobre* (*nobile*).

**BRE, BRO**—do latim *bre* e *bru*, formadores de nomes de instrumento, com idéa de suporte, ou capacidade de produção; exs.: *candelabro*, que sustenta as candeias; *vértebra*, que faz girar, instrumento de flexibilidade; *salubre*, capaz de produzir saúde; *lúgubre*, capaz de fazer chorar. É' o sufixo de *cérebro*, *fúnebre*, *muliebre*, *dezembro*, *outubro*, etc., onde se perdeu, mais ou menos, o sentido primitivo.

**BULO, A**—do latim *bulo*, *a*, indica objecto produzido, instrumento, continente, suporte; exs.: *acetábulo*, vaso onde se põe vinagre, *vinagreira*; *turíbulo*, vaso onde se deita incenso; *vocábulo*, instrumento, nome com que se chama. Outros: *patíbulo*, *venábulo*, *latíbulo*, *vestíbulo*. Êste sufixo existe em *fábula*, *táboa*, *tribulação*, etc.

**BUNDO, A**—do latim *bundu*—prende-se a verbos para formar adjectivos com valor de particípios presentes e idéa de duração, intensidade, hábito; exs.: *gemebundo*, aquele que geme constantemente; *moribundo*, aquele que está morrendo; *furibundo*, aquele que está em fúria, que se enfurece constantemente. Assim, em *fremebundo*, *tremebundo*, *sitibundo*, *pudivundo*, *vagabundo*, *meditabundo*, *errabundo*.

**ÇÃO**—do latim *tione*, composto de *ion* e do *t* característico de participío passado; designa a acção; exs.: *condição*, acção de fundar, fundamento; *flexão*=*flecsão*, acção de dobrar; *confirmação*, acção de confirmar; *função*=*fungção* (radical *fung*, de *fungi*, exercer) acção de trabalhar. Êsse sufixo toma a forma *são* quando o radical termina em *r*, *s*, *n*, ou em vogal; exs.:

aversão, percussão (*cus=cut*), extensão, prisão, visão, fusão. Tem a forma *sião* em ocasião.

CINIO (1)—do latim *cinii*; idéa de acção que se realiza ou já realizada; *exs.*; *latrocínio*, acção realizada por um ladrão; *patrocínio*, acção de pai, protecção; *lacticínio*, operações realizadas com leite; *tirocínio*, etc. É esse sufixo que aparece em *medicina*, *velocino*.

CINIO, (2)—de *cinii*, derivado de *canere*, cantar; *vaticínio*, canto do vate, do profeta, oráculo; *gallicínio*, canto de galo, hora em que o galo canta.

CRO—sufixo indicativo de instrumento; do latim *cru*; *exs.*: *fulcro* (de *fulcire*, especar, suster), instrumento, aparelho em que se apoia o pé da cama ou uma trave; *envolúcro*, peça que envolve, envoltório; *sepulcro*, aparelho, caixa em que se sepulta alguém. Outros exemplos: *lavacro*, *ambulacrario* (pés *ambulacrarios*), *simulacro*. Em *pulcro*, o sufixo é *cro*, contraído.

CULO, A—do latim *culum*; sentido essencialmente diminutivo; *exs.*: *artículo*, pequena articulação, pequeno membro articulado; *funículo*, pequena corda; *tubérculo*, tumor pequeno. Derivado de verbo temos *ridículo* (de *ridere*). Esse sufixo toma a forma *go* em português nas palavras de fundo popular; *exs.*: *perigo* (*periculum*); *artigo* (*articulum*); *orago* (*oraculum*); em *vinco* (*vinculum*) tem a forma *co* e aparece em várias palavras com a forma *elho*, *elha*, (ver adiante *elho*). Em *maiusculo* e *minusculo* o sufixo se prende aos comparativos neutros latinos *maius* e *minus*. Em várias palavras vindas do latim o sentido diminutivo se perdeu; *exs.*: *obstáculo*, *espectáculo*, *sustentáculo*, tomando a acepção de instrumento ou objecto de



uma acção. Entra enfim em várias palavras portuguezas: *vascular*, *músculo* (*ratinho*).

CUNDO, A—do latim *cundum*, *am*; idéa de capacidade; exs.: *facundo*, o que é capaz de falar muito, verboso; *fecundo*, o que produz muito; *jocundo*, o que alegra muito; e assim em *iracundo*, *rubicundo*:

DADE—do latim *tate*, formado por tautologia ou reduplicação; produz femininos abstractos, indicando qualidade, característicos, essência; exs.: *dignidade*, qualidade do que é digno; *falsidade*, característico de quem é falso; *castidade*, virtude de quem é casto. Dêsse sentido fundamental decorre a idéa de acção realizada, efeito, acto; exs.: *crueldade*, qualidade essencial do indivíduo cruel e acto em que se revela tal qualidade. Como êsse acto pode ser realizado colectivamente, o sufixo toma, às vezes, a idéa colectiva; exs.: *mortandade*, muitas mortes em combate, depois por outras causas, desastre ou epidemia; *cristandade*, qualidade de um cristão, de todos os cristãos, conjunto dos cristãos. Êsse sufixo figura em *idade*, *cidade*, *verdade*, etc. Em *propriedade*, etc., o *e* é vogal de ligação.

DEIRO, A — sufixo composto de *do*, desinência do particípio passado e *eiro* < *ariu*; exs.: *aguadeira*, mulhêr que faz aguadas; *lavradeira*, mulhêr que faz *lavradas* ou *lavrados*; *andadeira*, mulhêr que faz *andadas*; *assadeira*, mulhêr perita em *assados*; *boiadeiro*, o que cuida da boiada. Essa formação se vê claramente em *padeiro a* (antigo *paateira*, de *panata*-

ria < *panatum* (1). Êsse sufixo generalizou-se: estalajadeiro, calçadeira (aparelho para calçar), faladeira, etc.

DOR, A—do latim *tore*, principal sufixo designativo do agente, aquele que faz, age (2); exs.: *accusador*, aquele que acusa, *palrador*, aquele que palra, fala atoa; *corredor*, aquele que corre. Êsses adjectivos se substantivam muitas vezes. Êsse sufixo tem ainda as formas *tor* e *sor*; exs.: *instructor*, *preceptor*, *confessor*.

DOURO, A—do latim *toriu*, composto de *tor*+*io*; idéa de fim a que tende uma acção, o que serve para realizar-se a acção; exs.: *ancoradouro*, que serve para ancorar, lugar onde ancoram navios; *bebedouro*, próprio para uêle beberem animais; *mangedoura*, onde comem animais. Preso a certos verbos de acção continuada assumiu a accepção de particípio do futuro; *duradouro*, que há de durar muito, feito para durar; *viudouro*, que há de vir, destinado a chegar. Êsse sufixo tem as formas eruditas *torio* e *sorio* (ver adiante).

DURA—do latim *tura*; indica resultado da acção, instrumento de uma acção; exs.: *assadura*, resultado da acção de assar; *armadura*, resultado da acção de ar-

(1) Ver o *Elucidario* de Viterbo, p. 193. Em que pese a Othoniel Motta, arrimado em Meyer-Lübke, não vejo sufixo *deiro*, independente, onde houvesse apenas influência de *eiro*; *deiro* é composto de *tu*+*ariu*. Em certas formas, como *benzedeiro*, *cantadeira*, houve apenas analogia com os demais nomes em *deira* e influência de *dor*, como o houve em *benzedura*, acto de um benzedor, *fiadura*, acto do fiador. Em *ladeira* o sufixo é *eira*; estrada *ladeira*, que vai pela encosta (de *latus*, *eris*, encosta de um monte); compare-se prato *ladeiro*=prato *raso*, de beiras ou lados pouco sensíveis.

(2) Ruy Barbosa condena *agir*. Embora não classico, é latino e indispensável hoje. Revive-se apenas o primitivo de *agente*, *reagir*, etc., enriquecendo a lingua.

mar, instrumento de tal acção; *dictadura*, resultado da acção de ditar leis. Êsse sufixo conserva a forma *tura* e *sura* (ver adiante).

**EAR**—do latim medieval *idiare*, que deu *ejar*, sincopado em *ear*; idéa de freqüência, repetição de acção, hábito; ex.: *passear*, acção continuada de ir a passo; *guerrear*, fazer guerra habitualmente; *cartear*, entreter correspondência.

**EBRE**—de origem desconhecida; diminutivo que ocorre em *casebre*, casa pequena, choupana.

**ECER**—de *escere*, sufixo composto (*e*, vogal de ligação; *sc*, sufixo incoativo; *e*, vog. de lig., e *r* desinência de infin.); designa começo de acção; ex.: *amanhecer*, começar a manhã; *amarelecer*, começar a ficar amarelo; *floreecer*, começar a florir. E' o mesmo sufixo de *crescer*, *nascer* (antigamente *crecer*, *nacer*).

**ECO, A**—de origem desconhecida; diminutivo; exs.: *livreco*, livro pequeno; *somneca*, sono curto. Tomou a accepção pejorativa; exs.: *padreco*, padre sem importância; *jornaleco*, mau jornal.

**EDO, A**—do latim *etu*; significa *cheio de* e applicava-se em latim ao logar onde cresciam plantas; exs.: *vinhedo*, logar onde crescem vinhas; *olivedo*, terreno onde crescem oliveiras. Êsse sufixo generalizou-se em portuguez para outros objectos, tomando a accepção de colectivo; ex.: *arvoredado*, plantação de árvores; *rochedo*, região de rochas; *lagedo*, logar cheio de lages; *passaredo*, colecção de pássaros. Com a forma feminina temos: *alameda*, logar onde crescem álamos.

**EIRO, A**—do latim *ariu*, de onde *áριο*, já estudado; de *ario* se fez *airo*, por hipértese do *i*, e dêste se fez *eiro*, por deflexão do *a* em *e* (ainda hoje, em Portugal, *eiro* se

pronuncia quási *airo*). Mesmas accepções que *ario*; exs.: *vendeiro*, o que tem venda; *sapateiro*, o que faz sapatos; *cavaleiro*, o que anda sempre a cavallo; *galinheiro*, homem que vende galinhas e logar onde elas moram. No feminino: *caseira*, mulhér que cuida da casa ou que vive em casa; *barreira*, logar onde há ou de onde se tira barro; *laranjeira*, planta que dá laranja. O feminino tomou sentido abstracto, como *ária*, para indicar qualidade, essência, acto; exs.: *cegueira*, mal próprio do cégo; *asneira*, acto próprio de asno; *canseira*, estado de quem se cansou. Sendo o acto realizado por muitos o sufixo se torna colectivo: *berreiro*, berros dado por muita gente. Daí a idéa de intensidade, augmento: *nevoeiro*, névoas cerradas; *cabeleira*, cabelos bastos e longos.

EGO—de formação ibérica; idéa de proveniência; exs.: *mancheço*, que provém da Mancha; *galego*, vindo da Galiza; *labrego*, saído das lavras, rústico; *ninhégo*, achado no ninho. Em *borrégo* (cordeiro de menos de dois anos, diminutivo de *bôrro* < *burrum*, ruivo) há talvez idéa de semelhança e depois diminutivo.

EJAR—ver *car*; exs.: *bordejar*, virar continuamente de bordo, voltear o navio no mesmo logar; *manejar*, dar continuamente de mão no leme, para governar o barco; *cortejar*, esbravejar, velejar, etc. Em *invejar* (de *invidiare*) não existe o sufixo *ejar*; o *ej* pertence ao radical.

EJO—immediatamente do espanhol *ejo* e mediatamente do latim *iculu*, que deu directamente *élho*; a idéa originária é diminutiva; exs.: *logarejo*, logar pequeno; *quintalejo*, pequeno quintal; *animalejo*=animalzinho. A idéa frequentativa, próxima da diminutiva, aparece

em: *anejo*, de um só ano; *andejo*, que anda para cima e para baixo. Importa não confundir os nomes que tem sufixo *ejo* com os nomes derivados dos verbos em *ejar*; exs.: *festejo* de *festejar*, *bocejo* de *bocejar*, *bosquejo* de *bosquejar*, etc.

EL (1)—do latim *ele*, formador de adjetivos; exs.: *cruel* que faz verter sangue; *fiel*, que inspira fiança, confiança. Em *revél* (de *rebelle* < *bellum*, guerra) não existe sufixo; o *el* pertence ao radical *vel*.

EL (2)—de *ellu* (tornado *elle?*); *ellu* provém do sufixo diminutivo *nlo* assimilado a um *r*, *n*, ou *l* do radical; assim *capella*=caper-ula; *castellum*=caster-ulum; etc. Sua idéa fundamental é portanto diminutiva; exs.: *cordel*, corda pequena; *pastel*, pasta mui delgada, cozida ao forno; *píncel*, cauda pequenina; *anel*, círculo, aro pequeno.

ELA—do latim *ēla*, formativo de substantivos quási todos derivados de verbos; exs.: *corruptela*, resultado de uma corrupção; *clientela*, acção de proteger, conjunto das pessoas protegidas; *cautela*, medidas para acautelar-se alguém. Ésse sufixo generalizou-se: *mordidela*, acção de morder; *furtadela*, acção de furtar; *comidela*, acção de comer; etc. Não confundir com *ela*, por *ella*, diminutivo (ver *ello*).

ELHO A,—do latim *iculu*, *a*, diminutivo, exs.: *artelho*, articulação pequena; *folhélho*, folha pequena; *rapazélho*, rapazinho. As formas vindas directamente de diminutivos latinos perderam sua accepção diminutiva; exs.: *abelha* (*apícula*), *ovelha* (*ovícula*), *vermelho* (*vermiculum*). Em *espelho* (*speculum*) o *e* pertence ao radical; não há pois sufixo *élho*. Em rigor o sufixo é apenas *lho* sendo o *e* e o *i* do radical (*api*, *ovi*, etc.)

**ELLO, A**—ou *elo, a*, de *ellu* como *el*; diminutivo. Nas palavras eruditas ou semi-eruditas permanecem os dois eles; nas populares usa-se um só; mas o modêlo latino fez voltar-se à gemação dos eles ainda em vocábulos populares; exs.: *janella*, porta pequena; *donzella*, donazinha, moça; *rodela*, roda pequena; *castello*, pequeno acampamento, pequena fortaleza. E' o sufixo que entra em *flagello*, *Marcello* e mesmo em *bello* (*ben-ulo*).

**ENÇA**—do latim *entia*, composto de *nt* (desin. de part. pres.) e o sufixo substantival *ia*; forma subst. abstractos; exs.: *crença*, *doença*, *presença*.

**ENCIA**—mesma origem que *ença*; aparece em palavras semi-eruditas; exs.: *violencia*, *falencia*, *prudencia*.

**ENDO, A**—sufixo formado com a desinência *nd* de gerúndio e particípio de necessidade, precedido de *e*, vogal de ligação da 2.<sup>a</sup> conj.; exs: *reverendo*, aquele que deve ser reverenciado; *dividendo*, número que deve ser dividido; *despiciendo*, que deve ser desprezado; *prebenda*, aquilo que deve ser dado, pago; *vivenda*, cousas necessárias à vida, propriedade; *oferenda*, cousas que devem ser oferecidas. Em muitos adjectivos perdeu-se a noção da necessidade, substituída pela de causa; exs.: *horrendo*, o que causa horror; *tremendo*, o que causa tremor; *estupendo*, o que causa estupor. E' o mesmo sufixo de *calendas* e *merenda*.

**ENGO**—do germânico *ing*, que permaneceu em *gardingo*; idéa de relatividade; exs: *realengo*, relativo ao rei; *mullherengo*, de natureza mulheril, efeminado; *monstrengo*, semelhante a monstro; *solarengo*, *avoengo*, *verdoengo*, etc. Com a forma *engue*, em *perrengue*.

ENHO, A—do latim *igneu*, idéa de matéria, semelhança; exs.: *ferrenho*, semelhante ao ferro, tirante ao ferro; *rouquenho*, um pouco rouco; *estremenho*, do país da estrema, de Estremadura. Parece entrar ainda em *gamenho*, *redenho*, *sedenho*, *portenho*, etc.

ENO, A—do latim *enu*; idéa de referência; exs.: *terreno*, referente à terra; *morena*, côr semelhante à dos Mouros; *madrileno*, natural de Madrid (o *l* é consoante epentética, ou abrandamento do *d*); *chileno*, do Chile. Êsse sufixo entra em *veneno* (1) e, preso a *il*, em *cantilena*. Tem fôrça de colectivo em *dezena*, *vintena*, *centena*, etc. Com a forma *cio*, aparece em *alheio*, de *alienu*. Figura ainda em *ameno* (do latim *amoenu*), *alienar*, *Camenas* (as musas) e em nomes próprios como *Labieno*, *Nazianzeno*.

ENSE—do latim *ensi*; indica relação, origem, procedência; *forense*, relativo ao foro; *Ateniense*, natural de Athenas; *fluminense*, natural do Rio de Janeiro; *vassourense*, de Vassouras. Contrain-se em *ês*; exs.: *português* (de *portucalense*), e, por analogia, *francês*, *inglês*, *montanhês*, etc.

ENTA—do latim *inta*; indica os nomes das dezenas: *quarenta*, *concoenta*, *sessenta*, etc. Conserva a forma *inta* em *trinta*.

ENTAR—do latim *entare*, formado de *nt*, desinência do particípio presente, mais *are*; indica execução de acção imposta a alguém; exs.: *acalantar*, fazer o menino quente, aquecê-lo para dormir; *apresentar*, fazer alguém presente a outro, torná-lo conhecido;

(1) Salvo se viér de *Venus* (*venes + num*); nêsse caso o sufixo é apenas *no*, formado com o morfema *n*.



apascentar, fazer o gado pascer. Note que, em verbos como *atentar*, *ent* pertence ao radical *tent*.

ENTE—terminação do particípio presente, feita sufixo nos adjectivos e substantivos provenientes dêsses particípios e onde permanece a fôrça verbal; ex.: *agente*, aquele que age; *gerente*, aquele que gere; *doente*, aquele a quem dói o corpo, enfermo.

ENTO, A—do latim *entu*, como em *cruentum*, que deita sangue (*cruor*); indica o agente; exs.: *barulhento*, aquele que faz barulho; *poeirenta*, que produz ou tem poeira (estrada *poeirenta*); *ciumento*, que tem ciume. Com êsse sufixo combinam-se outros, criando-se novos sufixos, como: *arento*, *olento*, *ilento*, *ulento*, *acento*, *olento*, *asquento*, etc.; exs.: *avarento* (de *avêre*), *fumarento* (de *fumarium*), *fumacento* (de *fumaça*), (1) *violento* (de *vis*), *somnolento*, *macilento*, *pestilento*, *turbulento*, *suculento*, *friorento* (de *frigor*), *carrasquento*, etc.

EO, A—do latim *eu*; idéa de semelhança, relação e, daí, matéria de que é feita alguma coisa; exs.: *roseo*, parecido com a rosa, da côr da rosa; *niveo*, da côr da neve; *ferreo*, duro como o ferro, feito de ferro; *equoreo*, relativo ao mar. Êsse sufixo entra em várias palavras onde menos o supomos: *oleo*, *vinha* (*vinea*), *laço* (*laquen*), *Maio*, etc. Une-se a numerosos sufixos e inorfemas para formar outros compostos, como *aceo*, *leo*, *oneo*, *aneio*, etc.

(1) Em *alvacento*, *lamacento*, etc. o *c* não é enfônico segundo o supõe Constaucio e parece aceitar Carlos Góes; o *c*, como o *l*, o *r*, nos demais sufixos compostos, é do sufixo *aço*, *aça*, como: *fumaça*, *fumacento*. *Alvo* deu certamente um perdido *alvaço* (de *alvaceu*), de que se deriva *alvação*; *lamacento* provém de *lamaça*, de onde *lamaçal* e *lamação*; do mesmo modo *parado*, *pardaço* (registado nos dicionários), *pardacento*. *Aguacento*, *aguazal*, *aguaceira*, *aguaceiro* fazem supór um primitivo *aguaraça*.



**ÊO**—do latim *ellu* — ver *el* (2) — diminutivo; exs.: mantéo (*mantellum*), manto pequeno; chapéo (de *capellum*, pelo francês *chapeau*), pequena capa com capuz, depois só o capuz; ilhéu, pequena ilha. Note que, em várias palavras formadas em *éo*, não há sufixo, exs.: incréu, (radical *cre*, de *crédulum*), heréo (de *bereticum*), solidéo (formado de *solí Deo*, só a Deus). Em *fogaréo*, *jumaréo*, *mastaréu*, *povaréo*, o sufixo é *aréu*, e não tem primitivamente o sentido aumentativo; é difícil atinar com a sua formação.

**ÊOLO**—ver *olo*.

**ERNA**—do latim *erna*; indica a acção realizada, instrumento; exs.: *caverna*, terra que se cavou; *luzerna*, aparelho de iluminar; *cisterna*, reservatório em forma de cesta; *taverna*, abrigo feito com táboas (*taberna*).

**ERNO, A** — do latim *ernu*; indica relação; exs.: *inverno*, (adjectivo em latim), relativo às tempestades, estação das neves; *moderno* (do advérbio latino *modo* =há pouco), que se fez há pouco, recente; *hodierno*, que se realiza, que existe hoje. Em *quaterno* e *caderno*, o sufixo é apenas *no*; em *eterno* e outros o sufixo é *terno* (ver adiante).

**ES** — de um genitivo medieval em *ici*, designativo dos nomes patronímicos; ex.: *Lopes* (por *Lopez*) filho de Lopo; *Nunes*, de Nuno; *Vasques*, de Vasco, etc.

**ESCO, A** — do latim *iscu*; indica semelhança, aliança, referência; exs.: *grotesco*, como os das grotas, ornamentos rudes como os achados nas escavações; *gigantesco*, à feição dos gigantes; *dantesco*, à moda de Dante. Forma substantivos: *parentesco*, aliança de parentes; *soldadesca*, aliança, agrupamento de solda-

dos; eram, sem dúvida, adjectivos (relações *parenca*s, multidão *soldadesca*, como dizemos: os *carnavalescos*).

ÊSSA — do baixo latim *issa*; dá formas femininas; exs.: *abadessa* (de *abbatissa*), feminino de abade, e assim *condessa*. Abrandase em *ésa*: *princesa*, *marquesa*, *baronesa*. Deflexiona em *isa*: *sacerdotisa*, *poetisa*.

ÊSTE — do latim *este*; idéa de relação; exs.: *agreste*, relativo ao campo; *celeste*, referente ao céu.

ÊSTRE — do latim *estre*, formado, segundo uus de *es*, antiga desinência casual, e do sufixo *tri*; segundo outros de *ense* + *tri*. Em português, figura como sufixo, embora em certos casos tenhamos de decompô-lo. O sentido é de relação; exs.: *silvestre*, das selvas, da mata; *campestre*, do campo; *terrestre*, da terra. Há apenas influência analógica em *alpestre*, onde *es* pertence ao radical. São do mesmo grupo *equestre* e *pedestre*. Em *bimestre*, *mes* é o radical, significa *mês* e o sufixo é *tre*, como em *palustre*.

ÊTE — alteração de *éto*; exs.: *corpéte*, *foguéte*, *diabréte* (vide *éto*).

ÊTO, A — do latim *itu*, através do italiano *etto*, como em *corveta* de *corvetta*, latim *corbita*, navio em forma de cesto (*corbis*); indica semelhança, aproximação e d'aí, diminuição; exs.: *corneta*, em forma de corno; *coreto*, armação em forma de corno de igreja; *esboceto*, imitação de *esbôço*, *esbôço* rápido e imperfeito. Generalizou-se como diminutivo: *poemeto*, *carreta*, *sineta*. Entra em palavras italianas usadas em música: *largo*, *quinto*, etc. Foi adoptado convencionalmente em química para indicar os derivados de ácidos com



sufixo *ídrico*; ex.: *iodeto*, sal de ácido *iodídrico*; *cloreto*, *carboneto*, *sulfeto*, etc. (1).

EZ — do latim *itie* (*duritiem*, *avaritiem*, *calvitiem*); forma substantivos abstractos derivados de adjectivos; exs.: *altivez* de *altivo*), qualidade de quem é *altivo*; *surdez*, defeito do surdo; *palidez*, aspecto de quem está *pálido*. Cognatos dêsse sufixo são *eza*, *iça*, *icie* (ver *adiante*).

EZA — do latim *itia*; mesma idéa que *ez*; exs.: *avareza*, vício do arvaro; *firmeza*, qualidade do que está firme; *tristeza*, estado do triste. Não confundir com *essa* (*issa*) de *princesa*, etc. (ver *essa*).

IA — do latim *ia* — sufixo primitivo que designa um participio de necessidade e toma as formas *io*, *ia*, gerando substantivo ou adjectivo; exs.: *eximia*, que deve ser tirada à parte; *egregia*, que deve ser separada do rebanho, escolhida, excelente; *socia*, que deve seguir (radical *sequi*); *colonia*, região que tem de ser cultivada. Dêsse sentido originou-se a idéa de qualidade essencial, característico abstracto aditado ao radical; exs.: *audacia*, qualidade que tem o homem audaz; *perfidia*, carácter essencial do pérfido, acção por êle realizada; *concordia*, disposição que leva dois corações, duas almas a se entenderem. Forma nomes próprios locativos: *Austria*, *Italia*. Êsse sufixo entra em composição com innúmeros outros e ora se reduz, como em *besta*, (*bestia*), ora se aglutina, como em *cegonha* (*ciconia*), ora se contrai

(1) A forma *ureto* (*iodureto*, *carbureto*, etc.), é galeismo repugnante e intolerável (de *ure*, *iodure*, *carbure*). Devemos adoptar *sulfeto*, pois dizemos *sulfato*, *sulfídrico*, e não *sulfurídrico*, embora haja o radical *sulfur* em *sulfúrico*.

com outros sufixos, como em *justiça* (*justitia*), *tristeza*, (*tristitia*), etc. Acentua-se em Turquia e Hungria (melhór Húngria, como Normândia, Picárdia, etc.).

**IA** — de *ia*; grego; aplicado especialmente a nomes de sciências e cerimónias religiosas; exs.: *geometria*, *philosophia*, *epiphania*, *theogonia*, etc. Êsse sufixo generalizou-se nas escolas medievas conservando o acento agudo nos nomes scientificos, ao passo que o perdeu, confundindo-se com *ia* latino, nos nomes próprios, como *Epiphânia*, *Ambrósia*, *Eudócia* (mas *orthodoxia*). Vulgarizou-se depois com o mesmo sentido de *ia* latino; exs.: *alegria*, *valentia*, *fidalgua*, *cavalaria*. Concorreu com *arin* para formar o composto *aria*, *eria*, como em *carpintaria*.

**IA** — do grego *eia*, *êia*; exs.: *Alexandria*, *profecia* (*προφητεια*), *energia* (*ἐνεργεια*).

**ICA** — (ver *ico* e *ico*).

**ICA** — do latim *itia*; forma substantivos abstractos; exs.: *justiça*, qualidade de quem é justo, acção do justo; *preguiça*, vício normal do preguiçoso; *cubiça* = cupidéz, etc. Conservou a forma *icia* em palavras eruditas ou semi-eruditas; exs.: *nequicia*, *malicia*, *pudicicia*.

**ICE** — do latim *itic*, que também deu *ex*, como vimos e *icie*; forma substantivos abstractos; exs.: *doidice*, mal do doido, acção do doido; *meninice*, acção própria de menino; *velhice*, estado natural do velho, *planície*, terreno plano.

**ICHÃO** — sufixo composto, pejorativo; figura em *sabichão*, pretendido sábio; talvez seja o mesmo *inchão* em *pedinchão*, por influência de *pedinte*.

**ICIE**, ver *ice*.

**icho**, A — de *isculu* (composto de *iscu* + *ulu*); aparece em raras palavras portuguesas com idéa diminutiva, como em: *cornicho*, pequeno corno da lesma, antena de insectos; ou com idéa instrumental, como em: *rabicho*, aparelho de sustentar a sela no rabo do cavalo. *Capricho* (de *capritiu*, volteios de cabra) e *salsicha* (de *sale* + *isicia*) vem ambos do italiano. Tem a forma *echa* em *ventrecha* (de *ventriscula*, diminutivo de *ventrisca*), parte do peixe correspondente ao ventre.

**ício**, A — de latim *iciu*, *a* — sentido fundamental de referência; exs.: *natalício*, referente ao natal; *adventício*, que chegou, sobreveio, se adaptou; *facticio*, que foi feito, não natural, artificial. Êsse sufixo deu a forma vernácula *iço*, *iça*; exs.: *feitício*, cousa que foi feita, mandinga; *noviço*, ainda novo; *arranhiço*, semelhante a aranha, pernilongo, muito magro e esguio. Ainda com esta forma vernácula ocorre em muitos adjectivos com a idéa potencial; exs.: *encontradiço*, que pode ser encontrado facilmente; *dobradiça*, que se dobra facilmente (mola *dobradiça*); *assustadiço*, que de tudo se assusta.

**íco**, A — do latim *īcu*; indica agente; exs.: *pudico*, aquele que tem pudor (é o único exemplo em *íco*); com a forma *ígo*, por abrandamento, ocorre em: *amígo*, aquele que ama; *urtíga*, herva que queima; *postígo*, que fica por trás, porta escusa; ainda em *formíga*, lombríga, umbígo, etc.

**ício**, A — do latim *īcu*; indica o agente; exs.: *médico*, aquele que cura; *vômica*, que faz vomitar; *tóxico*, que envenena. Indica também participação, referência; exs.: *bélico*, da natureza da guerra; *cívico*,

referente ao cidadão; *público*, referente ao povo. Êsse sufixo generalizou-se em português: *geométrico*, *elíptico*, *mágica*, etc. Em *famélico*, o sufixo é *lico*. Entra na formação de verbos em *icar*, *egar*, *gar* e outros: *comunicar*, *carregar*, *amargar*, *fumegar*. É o sufixo de *domingo* (*domenicu*).

**ICO, A** — origem desconhecida, com idéa diminutiva e pejorativa; exs.: *barbica*, barba pequena e falha; *Maricas*, diminutivo de Maria; *burrico*, pequeno burro; *Antonico*, *Joanico*, etc.

**IDO, A** — do latim *īdu*, composto do sufixo *do* e de *i*, vogal de ligação ou final de tema; idéa de posse, participação; exs.: *cálido*, que tem calor; *tímido*, que tem temor; *frígido*, que tem frio. Êssa mesma idéa se mantém quando o sufixo aparece sem vogal de ligação; exs.: *absurdo*, *tardo*, *bardo*, etc.

**IE** — do latim *ie*, talvez simples forma de *ia*, com que alterna às vezes; forma nomes abstractos; ex.: *serie* (de *sero*, entrelaço), *entrelace*, *seqüência*; *superficie*, que está sôbre a face, à flôr; *especie*, que se vê, cujos caracteres estão patentes. Reduz-se a *e* em *face*, por *facie*.

**IL** — do latim *ili*; aplica-se a radicais verba's, com o sentido de possibilidade, capacidade; exs.: *fácil*, que pode ser feito; *dócil*, que pode ser ensinado; *frágil*, capaz de quebrar, quebradiço. Entra na formação do sufixo *bili* = *vel*.

**IL** — do latim *ili*; aplica-se a temas substantivais, com sentido de referência, aproximação, semelhança, e (como em geral se dá com os sufixos de semelhança) inferioridade, diminuição; exs.: *pueril*, semelhante ao feito por uma criança; *civil*, pertencente, refe-

rente ao cidadão, próprio dêle; *hostil*, próprio de inimigo; *canil*, casa de cão; *hastil*, pequena haste; *covil*, semelhante a cova, cova pequena.

II,HA — (ver *vel*).

II,HO, A — do latim *iculu*, formado do sufixo diminutivo *culo*, precedido da vogal de ligação *i*; exs.: *fornilho*, (de *forniculu*), forno pequeno, foco de forja; *cartilha* (*carticula*), pequeno papel, livrinho; *dedilhar*, engatilhar, etc.

II,LO, A — do latim *illu*; sufixo diminutivo, exclusivamente em palavras eruditas; exs.: *mamillo*, bico do seio, maminha; *sigillo*, pequeno sêlo, sêgrêdo; *bacillo*, vara pequena, bastonete; *codicillo*, pequeno código. Êsse sufixo entra em palavras como *vexillo*, *maxilla*, *pugillo*, *verticillo*, etc., e em nomes próprios como *Domitilla*, *Camillo*, etc. Em *apostilla* não há sufixo, pois se deriva de *post illa* (subentendido: *verba*).

IM — ver *ino* (1).

INHO, A — ver *ino*.

INO, A — do latim *inu*, idéa de referência, relação, como em *divino*, relativo aos deuses; *latino*, referente ao Lácio (e também *ladino*); *oficina*, casa onde se exercem officios; *rapina*, execução ou resultado de um roubo. Aparece em nomes próprios com idéa remota de filiação, dependência, consagração: *Saturnino*, consagrado a Saturno; *Antonino*, de Antônio; *Agripino*, de Agripa. Êsse sufixo generalizou a idéa de relação e passou a significar: origem — *londrino*, de Londres; *marroquino* de Marrocos; natureza — *cristalino*, da natureza do cristal; *matutino*, relativo a Matuta (a aurora); grau diminutivo — *pequenino*; *neblina*, névoa rala; *violino*, viola pequena; *cravina*,

cravo pequeno; gênero feminino — *heroína*, feminino de herói. Assume, além disso, as formas:

*im*—por interferência, com certeza, do francês *in* e analogia com formas árabes em *im*, como: *festim* (de *festin*, do italiano *festino*), festa com brilho, danças, música; *mastim* (do antigo francês *mastin*, hoje *mâtin* do latim medieval *mansatinu*, que guarda a casa), cão de guarda; *marroquim*, couro de Marrocos. Essa forma se generalizou como diminutivo: *espadim*, *camarim*, *lagostim*, etc. Note-se que em muitas palavras, mórmente derivadas do hebraico, árabe, germânico e inglês, êsse *im* não é sufixo ou se relaciona com *inu*; exs.: *jardim* (*garten*), *rubim* (mera nasalização de *rubi*); *alfeim*, *gergelim*, *beduim*, etc., palavras árabes; *Benjamin*, *Seraphim*, *cherubim*, etc., palavras hebraicas, sendo o *im*, nestas duas últimas, desinência hebraica do plural; *pudivim* (do inglês *pudding*), etc.

*inho*, *a* — conserva-se, com o sentido de relação, em várias palavras, como: *padrinho*, segundo pai; *vizinho*, que mora na mesma rua (*vicus*); *marinho*, referente ao mar; *cozinha*, lugar onde se coze ou cozinha. Generalizou-se como diminutivo: *mesinha*, *bolinha*, etc.

Note-se que em *caminho* o sufixo é *eo* e o radical *camin* (*camineu*, que leva ao lar, de *zápuvo*, forno).

**INQUO**, **A** — do latim *inquu*, forma nasalizada de *iquu*, com idéa de estado; exs.: *longinquo*, que se acha longe; *propinquo*, que se acha perto (de onde *apropinquar*, aproximar-se). Toma a forma *igo* em antigo de *antiquum*.

**IO**, **IA** (1) — (ver *ia*).

IO, A (2) — do latim *inu*; idéa de relação; exs.: *vazio* (*vaciuu*), que está vago, sem cousa alguma; *estio*, relativo ao verão (tempo *estio*) e depois o próprio verão: *sadio* (*sanativu*), que dá saúde. Êsse sufixo generalizou-se: *sombrio*, *tardio*, *arredio*, *luzidio*, etc. Talvez seja o sufixo de substantivos como: *poderio*, *mulherio*, *rapazio*, *senhorio*, embora difíceis de explicar. Não confundir o sufixo com terminações semelhantes em substantivos derivados de verbos, como: *desvario*, *arrepio*, *desafio*, etc.; nem com palavras como *fastio* (*fastidium*), *calefrio*, *desvia*, etc. Nestes casos o *i* é do radical.

ISCO, A — ver *esco* — permaneceu em *chuvisco*, *pedrisco*, *petisco*, *mourisco*, etc., e em verbos como *lambiscar*, *rabiscar*, *beliscar*, etc.

ISMO, A — do grego *ισμός*, *ismós*, *ίση*, *isma*, sufixo de acção; exs.: *aphorismo*, acção de definir; *cataclysmo* ou *cataclysmá*, dilúvio, grande desabe; *exorcismo*, acção de expelir o demónio de um corpo. Êsse sufixo passou pelo latim medieval e generalizou-se com o sentido de acção partidária, colectiva; exs.: *christianismo*, acção, partido dos cristãos; *terrorismo*, acção dos que desejam impôr o seu partido por actos de terror; *symbolismo*, escola poética dos que representam seus pensamentos por símbolos; *ostracismo*, sistema de exilar por votos inscritos em conchas; *mourisma*, a raça dos mouros. Dessa idéa de colectividade passou a indicar um característico, uma propriedade da colectividade e até de uma personalidade: *barbarismo*, vício gramatical cometido pelos bárbaros ou estrangeiros; *galicismo*, construção ou termo próprio do

francês; *daltonismo*, defeito visual idêntico ao de Dalton.

ISTA — do grego *ιστής, istês*, em latim *ista*; idéa de agente; exs.: *baptista*, aquele que batiza; *catechista*, aquele que catequiza; *evangelista*, aquele que evangeliza. Generalizou-se amplamente: *pianista*, *marmorista*, *indianista*, etc.

ITA — do grego *της, ites*, em latim *ita*; idéa de dependência, pertença, origem; exs.: *eremita*, o que vive no ermo; *areopagita*, o que faz parte do Areópago; *jesuíta*, que pertence à companhia de Jesus; *israelita*, que pertence à raça de Israel; *selenita*, aquele que habita na lua.

ITAR — do latim *itare*; freqüentativo; exs.: *volitar*, voar pouco, ameúde; *saltitar*, dar saltinhos repetidos, *crepitar*, dar estalinhos.

ITO, A (1) — do latim *itu*; idéa de relação; exs.: *avito*, relativo aos avós; *fortuíto*, produzido pelo fado, ao acaso; *pituíta*, humor da mucosa, mucosa nasal. Com a forma *ido*, em *marido* (*maritum*).

ITO, A (2) — de origem desconhecida — ocorre em palavras como *bonito*, *cabrito*, *favorito*. Generalizou-se como diminutivo: *casita*, *Annita*, *Manoelito*, etc.

IVO, A — do latim *ivu*; idéa de acção, referência; exs.: *caritativo*, que exerce a caridade; *nocivo*, que prejudica; *festivo*, de festa; *defensivo*, que defende. Adiciona-se comumente aos temas de particípio passado: comparativo (*comparatum*), superlativo (*latum*), intensivo (*tensum*), etc.

IZ — do latim *ice*; significação obscura; ocorre simples em *feliz*, *nutriz*, e em substantivos como: *cerviz*, *raiz*, *nariz*, etc. Entra na composição de *triz*, feminino



de *tor* (ver adiante). Em *juiz* não há sufixo, mas dois radicais (*ju+dic*, o que *diz* do direito).

**IZAR** — do grego *ίζω* + ar — no latim medieval *izare*; forma verbos como: *baptizar*, *organizar*, *arborizar*. Não confundir com os verbos cujo radical termina em *iz*, como: *enraizar*, *ajuizar*, etc.; ou em *is*, como *avisar*, *precisar*, *alisar*. Em *cicatrizar*, *triz* é sufixo (ver *triz*).

**LENTO** — ver *ento*.

**LEO** — sufixo composto do diminutivo *lo* + *eo*; exs.: *acúleo*, pequena agulha, *espinho*; *ecúleo* (*equu-leo*), cavalete (de suplício); *núcleo*, *carôcinho*, *noz pequena*.

**LICO** — ver *ico*.

**LIO** — sufixo composto de *lo* + *io*; idéa de efeito, acção realizada; exs.: *auxílio*, *prélio*, *pecúlio*.

**LOSO** — ver *oso*.

**MEN, MÊ, MIN** — do latim *men*, *min* (de um primitivo *man*); forma nomes de acção; exs.: *certamen* e *certame*, acção de combater, *combate*; *regimen* ou *regime*, acção ou meio de reger, *governo*. É' êsse sufixo que existe em *carne*, *estame*, *cume*, *acume*, *preliminar*, *limiar*, *nome* (*gnomen*), *espécimen*, *germen*, *germinar*, etc., etc.

**MENTE** — do latim *mente*, ablativo de *mens*, *mentis*, o espírito, a mente; é o único sufixo adverbial; exs.: *boamente*, de bom ânimo, de boa vontade; *sossegadamente*, com alma sossegada; *vilmente*, com ânimo vil, com intenção danada. Generalizou-se para indicar o modo, a intenção, o fim, etc.

**MENTO** — do latim *mentum* onde formava substantivos neutros de acção, instrumento, serventia, etc.; exs.: *casamento*, acção de casar; *tormento*, instrumento de torcer, atormentar; *detrimento*, o facto de estragar,

prejudicar. A forma plural *menta* gerou alguns substantivos colectivos em português: *ferramenta*, ferros necessários ao artífice; *vestimenta*, as roupas espedeiais de uma personagem; *tormenta*, turbilhões de pó, folhas, chuva, produzidos pelo vento.

MONIO, A—do latim *moniu*, *a*; forma substantivos sem idéa especial; exs.: *património*, tudo quanto se acha sob o poder ou posse do pai de família, bens de fortuna; *matrimónio*, acto de tornar-se mãe de família, casamento; *parcimónia* (ou *parsimónia*), hábito de poupar, poupança; outros exemplos: *acrimónia*, *cerimónia*, *santimónia*, *cachimónia*. Tem a forma *unho* e *unha* em *testemunho* e *testemunha*. É talvez o sufixo de *gatimonha*, esgares de gato.

ó e ô—ver *olo*.

ôco, óca—sufixo diminutivo e pejorativo, de origem desconhecida, exs.: *dorminhôco*, *dorminhoca*, que vive a dormir, que dorme por vício ou preguiça; *engenhoca*, engenho ruim, insignificante; *bicharôco*, bicho desprezível; *pardoca*, a fêmea do pardal. Em várias palavras é duvidoso haver sufixo; não existe, *verbi gratia*, em *minhoca* (exemplo de Reinhardstoettner), palavra africana como o demonstrou Gonçalves Viana. Forma cognomes diminutivos: *Maroca*, *Candoca*, *Finoca*, etc.

ól—ver *olo*.

ólHO, A—do latim *uculu*, em que o primeiro *u* pertence ao radical, como em *genuculu* (*giolho*, *joelho*; o sufixo é apenas *culu*), *manuculu* (de *manus*, mão) de onde *manolho*, (o sufixo propriamente é *lho* e o radical *mano*). Em português, porém, figura como sufixo em algumas palavras, naturalmente por analogia; ex.: *pim-*

*polho*, *piolho*, *restolho*, *frangolho* (milho quebrado, de *frangere*). Em *ferrolho* (de *veruculu*, diminutivo de *veru*, espeto) houve confusão com *ferro*.

**ÓLO, A**—do latim *ōlu*; diminutivo; exs.: *nucléolo*, pequeno núcleo; *alvéolo*, leite, vaso pequeno; *peciolo* (por *pe-tiolo*, *pediolo*), *pèzinho*. Êsse sufixo não é diminutivo nos adjectivos; exs.: *auréola*, de ouro, feita de ouro (coroa); *frívolo*, de pouco valor; dim. femininos: *arteríola*, *Lucíola*, etc.

**ÓLO, ÓLA**—do mesmo *ōlu*, tornado em *ōlu*, *ōla*, como em *cabriola* (*capreola*, cabra montês, cabrinha); exs.: *gaiola*, (*cavéola*) viveiro pequeno; *rapazola*, rapaz ainda novo; *sacola*, saquinho; *carola*, etc. Êsse sufixo toma as seguintes formas:

**ol, ola**—exs.: *lençol* (*lintéolu*), *rouxinol* (*lusciniolu*), *aranhol* (*aranéolu*), *anzol*, etc. É também o sufixo de certas palavras onde não há mais idéa diminutiva, como: *urinol*, *terçol*, *espanhol* e nos nomes modernos de remédios: *formol*, *salol*, *naphtol*, etc.

**ô e ó**—exs.: *avô* (de *aviolu*), *avó* (*aviola*), *enxó*, *filhó*, *belhó*, etc.

**ONO, ONA**—do latim *onu*, sufixo primário em alguns nomes com o sentido de profissão, posição social; exs.: *patrôno*, que faz as vezes de pai; *matrona*, que exerce a função de mãe de família; *colono*, aquele que cultiva. Toma a forma *ão* em *patrão* (de *patronum*).

**ONEO, A**—do latim *oneu*, com sentido de relatividade, na palavra *idoneo* (o radical *id* significa *especie*), que é próprio a algum mistér, cabível. Talvez em *erroneo*.

**ONHO, A**—talvez generalização do sufixo anterior, com sentido de propriedade, hábito constante; aparece no francês (*ivrogne*, o que tem hábito de se embriagar),

em italiano (*carogna*, carne, animal imprestável, impróprio a qualquér cousa, com sentido pejorativo; também no francês *charogne* e *carogne*); exs.: *risonho*, que tem hábito de rir; *enfadonho*, próprio a enfadar; *tristonho*, habitualmente triste. Forma substantivos: *visonhas*, *carantonhas*, *vidonho*.

OR—do latim *or*, formativo de substantivos; exs.: *alvor*, qualidade do que é alvo; *sabor*, propriedade do que sabe, tem gôsto; *fragor*, efeito sonoro de cousa que se quebra. Êsse sufixo entra em innúmeras palavras decorrentes do latim: *árvore*, *corporeo*, *litoral*, *temporal*, *decoreção*, etc.; ampliando, nêsses casos, o radical com perda da primitiva significação. A opinião de que *or* se liga a temas participais para formar o sufixo *tor* latino (*dor* em português) é errônea; o sufixo característico do agente é *tor*, da raiz sânscrita *tar*.

ORIO, A—sufixo formado em português por falsa analogia, supondo o povo ser *orio* o sufixo de palavras como *oratorio*, *auditorio*, *victoria*, etc., onde existe *torio*, composto do sufixo de agente *tor* e do sufixo *io*. Aparece em poucas palavras relativamente ao número das em *torio*; exs.: *papelório*, amontoado de papéis; *casório*, casamento; *simplório*, sujeito simples; *palavrório*, palavreado inútil. São, em geral, pejorativos.

ÔRRO, A—sufixo de origem basca, idéntico a *arro*, formador de graus; exs.: *cabeçorra*, cabeça grande; *machorra*, ovelha estéril; *cachorro*, pequeno cão; *ganchorra*, vara com um gancho para facilitar a atracção dos barcos (*crock*). Ainda em *pachorra*, *pitorra*, *gangorra*, *chinchorro* e outras. Não existe em algumas palavras, como *masmorra*, *modorra* (?).

**OSO, A** — do latim *osu*, idéa de abundância, plenitude; exs.: *famoso*, que tem muita fama; *animoso*, cheio de ânimo, coragem; *blandicioso*, cheio de blandícias, carinhos. Compõe-se com vários outros sufixos e morfemas, exs.: *coso*, *bellicoso*; *loso*, *formidoloso*; *iculoso*, *febriculoso*, *meticuloso*; *uoso*, *monstruoso*, *voluptuoso*; *ioso*, *curioso*. Em *odioso*, o sufixo é *oso*.

**OTA** — formação desconhecida, sentidos diversos, em geral diminutivo correspondente a *ote*; exs.: *agiota*, aquele que vive de ágio; *patriota*, o que ama sua pátria; *italiota*, o natural de Itália; *risota*, risada escarantina; *velhota*, velhita, velhazinha.

**OTE** — formação desconhecida; serve de diminutivo; exs.: *velhote*, já um tanto velho, pobre velho; *serrote*, serra pequena; *meninote*, rapazelho, menino taludo (com idéa de refôrço).

**ÔTO, A** — formação desconhecida, sentidos vários, diminutivo, patronímico ou de simples referência; exs.: *perdigôto*, filhote de perdiz; *minhôto*, natural da região do Minho; *ceroto* da natureza da cera. (1). Êsse sufixo entra em *gafanhôto*, *Peixôto*.

**OURO, A** (*oiro, a*)—ver *douro* e *torio*.

**OZ** — do latim *oc* formador de adjectivos; exs.: *feroz*, próprio de fera, cruel; *atroz*, que apavora (etim. incerta, *ater* ou *ἀτροξ*, crú?); *veloz*, que se transporta facilmente. Com a forma *oc* entra no composto *ocia*, *ferôcia*, e nos derivados dêsses três nomes: *velocidade*, *atrocidade*, *ferocissimo*, *velocidade*, etc. Existe

(1) *Ceroto* (em latim *ceratum*) vem, como vários termos de medicina e farmácia, do grego; assim, *κηροτόν*, *kerotón*, de *κηρός*, *cera*, passou para o latim medieval *cerotum* (ver Ducange) usadíssimo. A idéa de semelhança daria facilmente a de diminutivo, generalizando-se. Teríamos em *οτορ* a origem de *ôto*.

talvez em *lioz* e *tardoz* (face áspera de uma pedra de cantaria).

SOR — veja DOR.

TICO, A — do latim *ticu*, formador de adjectivos e substantivos de relação, exs.: *rústico*, próprio do campo; *cântico*, que se canta, feito para cantar (*canere*). Em *aquático*, *errático*, *fanático*, podemos considerar *tico* o sufixo sem atender ao refôrço do *a*, imperceptível em português. Reduz-se a *go* em trigo (*triticu*).

TIMO — do latim *timo*, talvez o mesmo *timo* formador de superlativo, de que tratamos nas desinências; entra nas palavras: *legítimo*, o que está conforme à lei e *marítimo*, que se refere ao mar. Com a forma *dimo* aparece em *lídimo* (legítimo).

TINO — do latim *tino*, referência quanto ao tempo; nas palavras: *crástico*, do dia seguinte, e *prístico*, do tempo antigo, primitivo.

TINO — do latim *tino*, formador de adjectivos de relação; em *libertino*, que tem vida e costumes livres; *vesperino*, que se faz à tarde.

TIVO, A — do latim *tivo*, antigo sufixo do particípio do futuro passivo; exs.: *captivo*, que há de ser preso, que está preso; *nativo*, que deve nascer ou nasceu; *plumitivo*, que vive da pena; *primitivo*, que vem dos primeiros tempos. O sentido de futuro passivo desapareceu tornando-se mero sufixo de relação ou capacidade.

TOR — veja DOR.

TORIO, A — do latim *torio*, composto de *tor*; sufixo de agente e *io*; forma sufixos de lugar, resultado de acção e instrumento, correspondente ao vernáculo *douro* que d'êle se deriva. Entra em nomes herdados



directamente do latim; exs.: *laboratorio*, logar onde se trabalha; *refeitorio*, logar onde se tomam refeições; *victoria*, resultado do vencimento; *proibitorio*, capaz de proibir, proibitivo. Ver *douro*. Com a forma *sojrio*, em algumas palavras, como: *compulsoria*, *persuasoria*, *promissoria*, *accessoria*, etc. (correspondentes a supinos em *sum*). Reduzido a *oura* em *lavoura* (*laboratoria*).

TRINA — do latim *trina*, idéa de logar ou resultado de acção; exs.: *latrina* (por *lavatrina*), logar onde se lava, esgôto; *doutrina*, o que ensinam os doutos.

TRIZ — do latim *trici*; forma femininos correspondentes a *tor*; exs.: *ultriz*, que vinga; *actriz*, a que age, representa; *embaixatriz*, mulhêr do embaixador. Entra no substantivo *cicatriz*.

TRO (1) — do latim *tro*, sufixo formador de comparativos; perdeu inteiramente êsse sentido e permanece como vestígio em prefixos: *ultra*, *intra*; em palavras derivadas como: *interior*, *ulterior*, *interno*, *externo*; em adjectivos como: *destro*, *sinistro*, *iterativo* (de *iterum*); em *ministro*, *magisterio* e cognatos; em *outro*, *neutro*, *nosso* e *vosso* (*nostro*, *vestro*), etc.

TRO (2) — do latim *tro*, formador de nomes de instrumento ou agente; exs.: *monstro*, aquilo que mostra, aparece, prodígio; *claustro*, que fecha, logar onde se vive fechado; *feretro*, caixão onde se levam os desposjos; *espectro*, que se vê, visagem. Abrandado em *dro*: *vidro* (por onde se vê); com a forma *do* em *arado* (*aratru*).

TUDE — do latim *tudine*, formador de nomes abstractos; exs.: *altitude*, correspondência entre alturas; *magnitude*, aspecto do que é magno, da grandeza; *juven-*



*tude*, aspecto da idade joven; *similitude*, correspondência entre cousas semelhantes. Dêle se deriva o sufixo vernáculo *dão*: *multidão* (*multitudine*), *gratidão*, *rectidão*, *solidão*, etc. Com a forma primitiva, *tu*, figura em palavras tomadas directamente ao latim, como: *valetudinário*, *consuetudinário*. Em *saúde*, o sufixo é primitivamente *ute*; em *palude*, é *ude*, diferentes de *tude*.

TURA — do latim *tura*, composto de *tor*, designa resultado da acção; exs.: *abertura*, resultado da acção de abrir; *cobertura*, resultado da acção de cobrir, e depois instrumento com que se cobre. Abrandado em *dura*: *armadura*, de armar; *moldura*, de moldar; reduzido a *ura*: *censura*, de censo. Com a forma *sura*, em *mesura* (*mensura*). Ver *uro*. Assume o sentido colectivo em nomes como: *magistratura*, corpo de magistrados; *escravatura*, corpo de escravos. E' o mesmo sufixo dos participios do futuro: *futuro*, *nascituro*, e, assim, em *ventura*, *venturoso*, etc.

UCHO -- origem incerta; forma diminutivos; exs.: *gorducho*, um tanto gordo; *papelucho*, papel sem importância; *retalho de papel*; *capucho*, pequena capa, en-voltório.

UCO, A — do latim *uco*, sufixo de relação; exs.; *caduco*, que cai, que decai, decrépito. E' talvez o sufixo de *maluco*. Com a forma *uga* existe em *leituga* (alface). Não existe em *verruga*, nem *charrua*, onde *u* é temático. Por analogia com essa forma ou com *aco*, *ico*, formou-se outro *uco*, *ugo*, que entra em palavras como *maçuco* (ferro em barra), *melharuco*, *abelharuco*, provavelmente em *tartaruga*, *mendruco*, *teixugo*, etc. E' diminutivo em *Manduca*, *Duduca*, etc.



UÇA — vernáculo, por analogia com *aço*; aumentativo em *dentuça*.

UDO, A — do latim *utu* (ver *uto*), indica plenitude; exs.: *agudo*, que espeta; *pontudo*, que tem ponta fina; *narigudo*, que tem nariz grande; *casudo*, cheio de casca.

UGEM — do latim *ugine*, parece indicar semelhança, com idéa depreciativa; exs.: *ferrugem*, ferro gasto, decomposto; *albugem*, tirante a branco, substância esbranquiçada, belida; *salsugem*, água um tanto salgada, salobra, do mar; e assim: *lambugem*, *pennugem*, *lanugem*, *rabugem*, *amarugem*.

ULHO — origem incerta, de *uliu* ou *uculu*, idéa de colecção: em *pedregulho*, muitas pedras; *marulho*, muito mar, voz do mar; *casculho*, *bagulho*, *barulho*, *bandulho*, etc., onde os sentidos variam. Note-se que em *agulha*, o sufixo é apenas *lha*, sendo o *u* temático. Parece haver dois sufixos diferentes confundidos na mesma forma. O sufixo *ucula*, diminutivo, parece real em *faúlha*, *fagulha* (de *facucula*, rad. *fac*), e *ulio* é certo em *gorgulho* de *curculiu*.

ULO, A — do latim *ullo*, diminutivo: *cogúlo*, o que excede á medida formando um cone; *cogúla*, túnica de certos monges (*cuculla*, capa); *medula* (de *medulla*), tutano do osso. Tem a forma *ôla* em *cebola* (*caepulla*, dim. de *caepa*) e *ôlo* em *miolo* (de *medulla*).

ULO, A — do latim *ũlo*; forma diminutivos; exs.: *cápsula*, caixinha; *escrúpulo*, pedrinha, (comparação com a pedrinha que dentro do sapato incomoda e magoa); frequentativos, exs.: *crédulo*, que acredita facilmente em tudo; *gárrulo*, que vive a rir, *trémulo*, que vive a tremer. Forma ainda substantivos com outros sentidos: *cúmulo*, ângulo, *férula*, *fistula*, etc. Entra

em numerosos derivados: *ungulado*, *insular*, *regulamento*, *unilocular*, etc. Entra em *mesclar*, de *misculare*.

UNA — ver *uno*.

UME — do latim *umen*, designa o resultado da acção, seu objecto, o lugar onde se exerce; exs.: *azedume*, resultado do azedamento; *legume*, o que se colhe; *queixume*, queixa repetida; *cortume*, lugar onde se curte o couro.

UNCULO — do latim *unculu*, sufixo diminutivo preso a palavras sufixadas em *on*, como *carbo*, *onis*; exs.: *carbúnculo*, *carvãozinho*, *brasinha*, *pedra preciosa*, *vermelha como brasa*; *homínculo*, *homemzinho*; *questiúncula*, *questão de nada*, *rusga*; *furiúnculo*, significa *ladrãozinho*, não se atinando, ao certo, com a comparação popular que applicou tal nome ao *leiceço*, *antraz*. Forma popular *uncho* em *caruncho* (*caruncula*).

UNDO, A — do latim *undo*, característico dos participios de necessidade e de adjectivos verbais; exs.: *oriundo*, que nasce, que provém de; *segundo*, que sêgue, que vem depois do primeiro; *rotuundo*, que roda, que pode rolar. Com a forma *ondo* em *redondo*.

UNO, A — do latim *nino*, forma substantivos e adjectivos com idéa causativa; exs.: *oportuno*, que leva ao pôrto; *importuno* que impede de ir ao pôrto (referindo-se aos ventos); *fortuna*, que dirige os fados, a sorte. Entra em *lacuna*, *laguna*, *Neptuuo*, etc. Aparece com o forma *um*, em *jejum*, *vacum*, *ovelhum*, etc.

UO, UA — do latim *uo*, *ua*, formador de adjectivos; exs.: *ambiguo*, que vai para os dois lados, equívoco; *promíscuo*, que está misturado; *inócno*, que não

prejudica; *estátua*, que está firme, imóvel. Em *oblíquo*, *língua*, e outros cujo radical termina em *q* ou *g*, não há sufixo *ua*, *ua*.

UR — do latim *ur*; não existe em português senão combinado com outros; exs.: *fulgurar*, *gutural*, *sulfurico*, *vulturino*. Há vestígio em *abutre* (*vulture*).

URNO, A — do latim *urnu*, idéa de duração; exs.: *diurno*, que se faz durante o dia; *nocturno*, durante a noite; *diuturno*, que se repete diáriamente; *taciturno*, que se conserva sempre calado. Entra em *Saturno*, que se meia sempre.

URO, A — do latim *uru*; indica resultado; exs.: *maduro*, que chegou à maturação; *figura*, resultado daquilo que se fixou, tomou forma. Generalizou-se em português, formando nomes abstractos: *alvura*, *candura*, *formosura*, *ternura*, etc. Para essa generalização deve ter concorrido o sufixo *tura*, por falsa identificação.

USCO — formação vernácula, talvez analogia com *asco*, *esco*, *isco*; sentido pejorativo em *velusco*, *velhote*; *farrusco*, um tanto sujo e *farrusca*, espada suja, enferrujada; *chamusco*, toque de chama, queima leve.

UTO, A — do latim *utu*, como vimos em *udo*; exs.: *astuto*, cheio de manha (*astus*), *velhaco*; *matuto*, próprio do mato; *rústico*.

UZ — origem incerta, talvez *ucs*, analógico de *ace*, *ice*, *oce*, que deram *az*, *iz*, *oz*: aparece em *capuz*, pequena capa; talvez em *lapuz*.

VEL — do latim *bili*, idéa de capacidade de obter ou posse; exs.: *indelével*, que se não pode destruir; *risível*, que merece riso; *impagável*, que não pode ser pago; *inestimável*, sem preço; *volúvel*, que varia fá-

cilmente. A forma iatina *bili* permanece nos derivados, como: *volubilidade*, *amabilidade*, *estabelecer*, *admirabilíssimo*, etc., e nos adjectivos *flébil*, que chora facilmente, fraco, e *ignóbil*. Tem a forma *bre* em *nobre* (*nobili*), e *vilh* em *maravilha*, de *mirabilia*.

*Nota* — Os chamados sufixos verbais são geralmente sufixos nominais a que se ajuntam desinências verbais. Só há propriamente dois sufixos verbais: *sc* (*crescer*, reduzido a *c*, *florecer*), *incoativo*, e *iz* (*baptizar*, *realizar*, etc.). (1)

### Modelos de análise morfológica

#### I *Descontinua da mente.*

Palavra formada de 8 morfoses.

*Des*, prefixo negativo.

*Con*, prefixo, com sentido de persistência de uma acção conjunta.

*Tin*, radical, de *tenere*, segurar, sustentar.

*U*, morfema, formador de adjectivos, como em *perpétuo*, *mútuo*, etc.

*A*, vogal de ligação da primeira conjugação (*continuar*).

*D*, desinência do particípio passado regular.

*A*, desinência do feminino.

*Mente*, sufixo adverbial.

#### II *Precepta v a mos.*

Palavra formada de 6 morfoses.

(1) A parte mais difícil da morfologia portuguesa é a dos sufixos, onde há tanto que fazer. Dou apenas um rascunho elementar para corrigir erros comuns e orientar o easino em seu rumo verdadeiro. Tratarei do assunto, com a maior extensão possível, na *Morfologia portuguesa*, em preparação.

*Pre*, prefixo, com sentido de movimento para a frente.

*Cipit*, radical, de *caput capitis*, cabeça.

*A*, vogal de ligação.

*V*, desinência de imperfeito do indicativo.

*A*, vogal de ligação.

*Mos*, desinência da primeira pessoa do plural.

### III *Sub sta nt iv o s*

Palavra formada de 6 morfoses.

*Sub*, prefixo, sentido de posição inferior.

*Sta*, radical-raiz; sentido primitivo de colocar.

*Iv*, sufixo adjectival, indicador do agente ou de referência.

*O*, desinência do masculino.

*S*, desinência do plural.

### IV *Syn path iz a r*

Palavra formada de 5 morfoses.

*Syn*, prefixo grego, sentido de união.

*Path*, radical; significativo do modo de sentir, afecção.

*Iz*, sufixo grego, frequentativo.

*A*, vogal de ligação da primeira conjugação.

*R*, desinência de infinitivo.

*Nota* — Ao dar palavras para exercício morfológico o professor deve explicar previamente o radical e as dificuldades que possam ocorrer, conforme o adiantamento dos alunos.

É inútil insistir no grande valor dessas análises e na necessidade de se estudarem bem os prefixos e radicais gregos; os latinos se adquirirão no estudo razoável do latim.

## Das funções

Vimos que a *frase* é a expressão verbal de um pensamento.

A sucessão de frases logicamente concatenadas diz-se *período*.

O período reduzido a uma frase é *simples*; o de duas ou mais frases é *composto*.

1 — EXEMPLO: *Pedro morreu*.

Nessa frase há uma *declaração* contida na palavra *morreu* e um *nome* a respeito do qual se faz a declaração.

Há portanto dois *termos lógicos*: SUJEITO (*Pedro*) e PREDICADO (*morreu*), e duas FUNÇÕES GERAIS: *subjectiva* e *predicativa*.

## Da função subjectiva

2 — EXEMPLO: *Viveremos*.

Nessa frase o sujeito da declaração está oculto e indicado pela desinência *mos* de primeira pessoa do plural. O sujeito real é *nós*, PRONOME PESSOAL, que poderia vir claro. Quando o sujeito não vem claro no período, diz-se *elíptico*.

3 — EXEMPLO: *Troveja*.

Nessa frase o sujeito não está oculto; é *desconhecido*, pois o verbo *troveja* designa um fenómeno natural sem

causa immediata. Diz-se, nesse caso, que o sujeito é INDEFINIDO. Nas seguintes frases também o sujeito é indefinido. *Há homens na casa; havia gente no jardim; batem à portã; come-se bem aqui*, etc.

4 — EXEMPLO: O rio corre.

Nessa frase o sujeito é expresso pelo SUBSTANTIVO COMUM *rio*.

5 — EXEMPLO: Pedro e João morreram.

Nessa frase a declaração contida em *morreram* se refere a dois nomes; diz-se que o sujeito é *composto*.

6 — EXEMPLO: O ferro de engomar caíu da mesa.

Nessa frase a declaração não se refere somente ao substantivo *ferro*, mas ao objecto designado pela EXPRESSÃO SUBSTANTIVA: *ferro de engomar*.

7 — EXEMPLO: O padre Bartolomeu de Gusmão inventou o aerostato.

Nessa frase o sujeito é *padre*, mas esse nome vem acompanhado de uma expressão denotativa *Bartolomeu de Gusmão*, que nenhuma qualidade indica neste caso. Tal expressão substantiva, explicativa de outro substantivo, chama-se: *apôsto*.

8 — EXEMPLO: Importa que todos vejam isto.

Nesse exemplo a declaração expressa pelo verbo *importa* se refere ao facto expresso pela frase *que todos vejam isto*. Esta frase-sujeito equivale assim a um nome e se diz: ORAÇÃO SUBSTANTIVA SUBJECTIVA.

Tais orações podem ter o verbo no infinito pessoal ou impessoal; ex.: *convém sairmos logo; é bom aguar as plantas*. Neste caso a oração substantiva se diz: *reduzida de infinito*. Essas orações se podem desenvolver em ora-

ções de modo finito: convém *que sigamos logo*; é bom *que se acoem a plantas*.

CONCLUSÃO: verifica-se do exposto que a *função subjectiva* pode ser exercida por: *substantivo* ou *palavra substantivada*, *expressão substantiva*, *oração substantiva* (desenvolvida ou reduzida) e *pronome* ou *expressão pronominal*.

### Da função predicativa

1 — EXEMPLO: A chuva *cai*.

Nesse exemplo a declaração feita vem expressa pelo verbo *CAI*. Assim, *cai* é o predicado do sujeito *chuva*. A declaração, além disso, está contida *integralmente* nesse verbo e por isso se diz que *êle* é de *predicação completa*.

2 — EXEMPLO: A Terra *produz plantas*.

Nesse exemplo a declaração feita relativamente ao sujeito é expressa pelo verbo *produz*, mas não está *integralmente* nêle, porque se menciona a espécie de cousas que a Terra produz. Por isso, nesse caso, o verbo *produz* se diz de *predicação incompleta*. A palavra *plantas* que designa a cousa produzida constituiu o *objecto da declaração*. Esse objecto representa outra *função lógica* incluída na função geral do predicado: é a *função objectiva*.

3 — EXEMPLO — *Vamos caçar amanhã*.

Nesse exemplo a declaração é expressa nos dois verbos *vamos* e *caçar* indicativos de uma só acção com sua finalidade. Temos, nesse caso, uma *expressão verbal*, indecomponível, que é o predicado do sujeito *nós*, occulto.

Tais expressões podem constar de muitos verbos; ex.: *queríamos poder ter evitado* o crime.

Observações — a) Só o sentido pode indicar se se trata realmente de expressão verbal. Por exemplo, na

frase: *queríamos caçar veados* os verbos *queríamos caçar* constituirão expressão verbal, se pretendo dizer que *queríamos caçar veado* e não outro animal, sendo *veado* o objecto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós *queríamos* era *caçar veado* e não fazer outra coisa, o objecto da declaração é *caçar veado* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*.

b) A expressão verbal pode ser formada de *verbo e adjectivo* ou de *verbo e substantivo*; ex.: *êle está confiante na justiça*, isto é, *confia* na justiça; *tinhamos desejo de ir com êle*, isto é, *desejavamos ir*.

Devem ainda ser consideradas expressões verbais certas frases fixas como: *foi-se embora*, em que alguns elementos perderam de todo a primitiva função adverbial.

c) Para que haja *expressão verbal* é indispensável que os verbos tenham o *mesmo sujeito*. Só assim podem êles representar *uma só* declaração. Assim, na frase: *O inspector nos mandou chamar*, a declaração expressa pelo verbo *mandou* refere-se ao sujeito *inspector*, mas a declaração expressa pelo verbo *chamar* refere-se à pessoa a quem o inspector deu ordem de chamar, pessoa não mencionada e que se pode representar pelo pronome indefinito *alguém*.

*O inspector mandou alguém nos chamar.*

E' de todo rigor separar êsses verbos na análise.

4 — EXEMPLO: O sol é um *astro*.

Nesse exemplo a declaração principal se contém no SUBSTANTIVO *astro* e não no verbo *é* que apenas enuncia o *estado normal* do sujeito, relativamente ao tempo. Sendo assim, a função predicativa é exercida verdadeiramente pelo substantivo, e diremos que *astro* é o *predicado* ligado ao sujeito pelo verbo de estado *é*. Em geral

analisa-se *é* como predicado e *astro* como *adjunto predicativo*, deturpando-se evidentemente a noção de predicado.

5 — EXEMPLO : O sol *é* brilhante.

Nesse exemplo a declaração feita relativamente ao sujeito contém-se no ADJECTIVO *brilhante*, ligado ao sujeito pelo verbo *é* que indica o *estado normal*. Para indicar o *estado passageiro* empregam-se verbos especiais, como *estar*, *achar-se*, *apresentar-se*, etc.; ex.: o sol *está* vermelho. Muitas vezes indica-se a *mudança de estado* com verbos dessa natureza, como *ficar*, *cair*, *tornar-se*, etc.; ex.: o menino *caiu* doente.

Outros exemplos: *a crisálida* VIROU *borboleta* (tornou-se, converteu-se em, transformou-se em, etc.). Seria absurdo, em tal frase, dar *borboleta* como *objecto directo* de *virou*, verbo neutro, ou como *adjuncto predicativo* quando é o verdadeiro predicado, melhór, um dos predicados. (1)

6 — EXEMPLO : *Aquêle* velho *parece* triste.

Nesse exemplo o predicado é *triste*, pois nele se acha a declaração relativa ao sujeito. O verbo *parece* não se refere propriamente a *velho*, pois o que declaro dele é que *está* triste. Apenas minha declaração não é afirmativa, pois o velho pode estar alegre e haver êrro na minha observação.

Diremos então que o predicado é exercido por um *adjectivo* ligado ao sujeito por um verbo de *dúvida*. Muitas

(1) Rigorosamente há, nesses casos, dois predicados, pois afirmo duas cousas: 1.º que a crisálida actualmente é borboleta; 2.º que, para isso, houve transformação, mudança de caracteres essenciais. Em o *sol está* vermelho afirmo também: 1.º a cor actual do sol; 2.º a transitoriedade dessa cor, o facto anormal que ela representa, o *estado passageiro*.

vezes essa dúvida vem atribuída ao sujeito que fala ou a outro; ex.: João parece-ME doente, igual a: *suponho* que João *está* doente; de onde se vê bem que *doente* é o predicado real de João e *parece* o predicado de pessoa que fala (*eu, me*) (1).

☞ — EXEMPLO — *Meu tio parece uma criança.*

Nesse exemplo declaro que em meu tio concorrem característicos essenciais de uma *criança*, sendo portanto êste substantivo o nome que encerra os predicados atribuídos a meu tio, o verdadeiro *predicado* portanto. O verbo *parece* indica tão somente que êsse predicado é aparente, que meu tio, realmente, *não é* criança; vale, pois, na frase, como *negação implícita*.

☞ — EXEMPLO — *João se parece com Pedro.*

Nesse exemplo se declara que em João concorrem os mesmos característicos que em Pedro. O predicado é, nesse caso, *parece*, indicativo da *semelhança*: A expressão *com Pedro* deve ser chamada *complemento de similitude* ou, melhór, um dos *sujeitos recíprocos*, o que se evidencia na frase *João e Pedro se parecem*.

Seria absurdo analisar *se*, nesses exemplos, como *objecto directo reflexivo*, ou *partícula apassivadora*. É' mera *partícula de reciprocidade*.

☞ — EXEMPLO — *Êsse espelho é meu.*

Nesse exemplo o predicado de *espelho* é o PRONOME *meu* ligado ao sujeito pelo verbo de afirmação *é*. Qualquer outro pronome pode exercer essa função predicativa.

☞ — EXEMPLO — *Eu sou o jardineiro.*

Nesse exemplo os nomes *eu* e *jardineiro* tem a *mesma extensão* e se referem ambos à mesma entidade. Nesse

(1) É' disparate supôr *me* objecto indirecto, como em geral se faz.

caso ambos os termos são predicados um do outro e a frase pode ser invertida; *o jardineiro sou eu*. Essa frase é assim *reversível* e reversíveis são o sujeito e o predicado.

**RESUMO** — A função predicativa pode ser exercida: por *verbo ou expressão verbal* de predicação completa ou incompleta; por *substantivô ou palavra substantivada, expressão substantiva, adjetivo, expressão adjetiva* ou *pronome*, ligados ao sujeito por verbo de afirmação, estado, mudança de estado ou dúvida.

### Da função objectiva directa

#### 1 — EXEMPLO : *Tenho uma ROSA.*

Nesse exemplo a declaração se contém incompletamente no verbo *ter* e, para completar-se, requer um *objecto*. Esse objecto vem expresso pelo **SUBANTIVO rosa**.

#### 2 — EXEMPLO : *Comprei um FERRO DE ABRIR LATAS.*

Nesse exemplo o objecto da declaração não possui um nome especial e somos forçados a usar de uma perífrase, isto é, de uma **EXPRESSION SUBANTIVA**.

#### 3 — EXEMPLO : *João pediu QUE VIÉSSEMOS CEDO.*

Nesse exemplo a declaração relativa a João tem por objecto a **ORAÇÃO** : *que viéssemos cedo*. Chama-se tal oração **SUBANTIVA OBJECTIVA DIRECTA**. Essas orações são introduzidas pelas *conjunções integrantes* : **QUE** ou **SE**.

Como vimos, tratando da função subjectiva, as orações substantivas podem ter o verbo no modo infinitivo; ex.: *proponho SAIRMOS TODOS AMANHÃ*; *aconselho PASSAREM PELA PONTE*.

Essas orações também se dizem *reduzidas de infinitivo* e se podem igualmente desenvolver.

*Observações* — E' muito importante atender ao seguinte: a oração objectiva directa reduzida de infinito pode ter o verbo oculto quando êsse verbo é *ser* ou *estar*; ex.: acho *Judith graciosa*.

Note-se que o objecto da declaração não é *Judith* nem *graciosa* mas o facto de *Judith ser graciosa*. Do mesmo modo, no exemplo: acho *Judith doente*, é como se estivesse: acho *estar Judith doente*, correspondente a: acho *que Judith está doente*.

4 — EXEMPLO: *Pedro feriu-SE com uma faca.*

Nesse exemplo o sujeito da declaração é Pedro e também Pedró o objecto. A acção de *ferir* se diz, nesse caso, *reflexiva* e o objecto é expresso pelo *pronome reflexivo* SE. Podem ser reflexivos todos os pronomes objectos: *me, te, se, nos vos*.

5 — EXEMPLO: *Êles SE esbofetearam (um ao outro).*

Nesse exemplo o pronome *se* não é reflexivo porque a acção de *esbofetear* exercida por um dos indivíduos recai sôbre outro; mas êste outro executa acto idéntico, que recai sobre o primeiro. Diz-se então que o objecto é RECÍPROCO.

6 — EXEMPLO: *Não conheço ISTO.*

Nesse exemplo o objecto da declaração é indicado pelo pronome *isto*. Pode ser expresso por outros pronomes: *êste, aquilo, tudo, nada, alguém, etc.*; ou por uma expressão pronominal como: *vossa mercê, o Senhor, V. Ex., o degas, etc.*

7 — EXEMPLOS — *João matou A PEDRO.*

*Não provei DA COMIDA.*

*Os adversários puxam DA ESPADA.*

Nesses exemplos *a Pedro, da comida, da espada*, são os objectos directos, embora venham precedidos de preposição.

*Regra geral*: Sempre que se poder suprimir a preposição anteposta ao substantivo objecto, sem alteração do sentido, o objecto é *directo*.

Assim, nos exemplos supra: *João matou Pedro, puxei a espada, provei a comida*.

Também a seguinte frase: *êle reconheceu A MIM e AO IRMÃO*, é como se estivesse: *êle me reconheceu e reconheceu o irmão*, sendo portanto *a mim* e *ao irmão* objectos directos. (1).

§ — EXEMPLOS — *Martha arrependeu-se do que fez*.

Nesse exemplo a declaração essencial se contém *integralmente* em *arrependeu*, não constituindo o pronome *SE* objecto *directo*.

Todavia, esse pronome não se pode suprimir. Alguns autores consideram-no *objecto directo de espontaneidade*, por indicar que o facto mencionado foi de livre e espontânea vontade do agente. A aceitar isso contrariamos a noção de objecto *directo*, complicando o que é simples. Podemos chamar a êsse pronome: *particula de espontaneidade* quando muito.

(1) O professor Carlos Goes, no seu *Methodo de Analyse*, considera, em frases como a seguinte: *ao homem fê-lo Deus para mandar*, a expressão *ao homem* como objecto *directo*, lembrado depois do verbo pelo pronome *lo*. Essa interpretação, corrente entre os autores, vai-me parecendo, quanto mais a estudo, *juaceitavel*. Não tenho elementos definitivos para demonstrar sua falsidade ou convencer-me de sua certeza; por isso apresento apenas o meu modo de ver adiando a discussão do assunto. Suponho que *ao homem*, naquela frase, é *adjunto adverbial de referência*; não é mais que a abreviação de *quanto ao homem*, havendo, depois, esquecimento da expressão e natural generalização. Penso que, para tal esquecimento, concorreu o objecto pleonástico de frases como: *a mim me querem, amo-te a ti*, etc.

O fenómeno, porém, se explica facilmente e a sua explicação nos habilita a acertar na sua análise.

Em verbos pronominais como : *tornei-me, arrepende-se, moscar-se, apiedámo-nos, comiserar-se*, etc., o pronome objectivo era, com efeito, *reflexivo* conservando-se o verbo de sentido concreto, como : *tornei-me*, igual a *voltei-me*. Pouco a pouco foram tais verbos tomando o sentido abstracto e os pronomes reflexivos perdendo sua função objectiva, de complemento da declaração, mantendo-se, todavia, presos aos verbos : São pronomes *fossilizados* ou, segundo alguns autores, *estereotipados*.

### Da função *subjectiva indirecta*

#### 1 — EXEMPLO — *Dei um livre a João.*

Nesse exemplo a declaração do verbo *dar* recai *directamente* sobre *livro* e INDIRECTAMENTE sobre o indivíduo *João*, sendo a preposição insuprimível *a* o elemento de *mediação*.

#### 2 — EXEMPLO — *Preciso de dinheiro.*

Nesse exemplo a expressão *de dinheiro* é considerada *objecto indirecto* da declaração verbal. Isso acontece com verbos que significam *precisão, necessidade, carência*, etc.; quási sempre com a preposição. (1)

(1 Essa a doutrina comum. Penso todavia, que o estudo do *objecto indirecto* exige revisão. Em frases como *preciso de livros, careço de dinheiro*, etc. tais objectos são, em tudo, directos, restos de um *complemento terminativo* preso a um *substantivo* correspondente: *tenho precisão de livros*. Na frase *tenho sede de ouro* ninguém analisará de *ouro* objecto indirecto. Por que? Porque, na realidade, *de ouro* está particularizando *sede* e não *tenho*. Assim, também, *de livros* particulariza *precisão*. Quando porém *tenho precisão* se condensa em *preciso* é este verbo a declaração e *livros* o seu imediato objecto. O *de* é mero vestígio do complemento terminativo necessário

3 — EXEMPLO — *Entreguei-LHE a encomenda.*

Nesse exemplo, o objecto indirecto é expresso pelo pronome LHE, pessoa a quem entreguei, a *ele*, a *ela*. O mesmo ocorre com os pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, quando equivalem a *a mim*, *a ti*, *a ele*, *a nós*, *a vós*, *a eles*.

Note-se que, no antigo português, o pronome *lhe* era geralmente *invariável*.

### Da função adjectiva

1 — EXEMPLO -- *O livro AZUL caiu na água.*

Nesse exemplo o ADJECTIVO *azul* exprime um característico *atribuído* ao substantivo *livro*. Diz-se então que *azul* está em *função atributiva*, e se chama ADJUNTO ATRIBUTIVO.

2 — EXEMPLO — *A flora DO BRASIL é estupenda.*

Nesse exemplo o *adjunto atributivo* de *flora* é exercido pela EXPRESSÃO ADJECTIVA : *do Brasil*. Em muitos ca-

---

à relação entre substantivos, mas dispensável com o verbo. Note-se, porém, que esse *de* é o *de* latino que formava, com ablativos, adjuntos adverbiais e, no latim vulgar e bárbaro, foi substituindo o genitivo, formando adjuntos atributivos, sem perder, no entanto, sua função primitiva.

Dai resulta que hoje os complementos precedidos de *de* ou são *atributivos* ou *adverbiais*, ou, como no caso em questão, *objectos directos* de verbos. Tanto é nítida essa noção objectiva directa que tais complementos vão perdendo o *de*: *precisamos tudo*, *precisa mais dinheiro*, *preciso viajar*. Em outros casos, como: *tratou do divórcio*, não há objecto indirecto, mas *verdadeiro adjunto adverbial*, indicante o assunto. Mas, em *tratou do doente*, *do doente* é objecto directo. Note a diferença entre *tratou o divórcio* e *tratou do divórcio*. Qual então o verdadeiro característico do objecto indirecto?

Para mim é o seguinte: a *referência à pessoa* ou *ente personificado*. É o *dativo* e o *acusativo de pessoa*: *fechar a porta AO INIMIGO*; *dar uma satisfação A ALGUÉM*; *rogou um obséquio AO IEMÃO*. Em frases como: *expôr alguém AO SOL*, *ao sol* não pode ser, de nenhum modo, objecto indirecto. Corresponde a *sob o sol*, *sob a sua acção*, sendo, assim, adjunto adverbial.

sos, como neste, podemos substituir a expressão por um adjectivo : a *flora brasileira*.

**3** — EXEMPLO — Comprei esta jarra.

Nesse exemplo não há função atributiva, mas simplesmente *designativa* exercida pelo adjectivo *éste*. (1)

**4** — EXEMPLO — O botão QUE ME DESTA, guardei-o.

Nesse exemplo a função adjectiva é exercida pela ORAÇÃO ADJECTIVA : *que me desta*.

**5** — EXEMPLO — Não sei QUEM ME CHAMA.

Nesse exemplo a declaração do verbo *não sei* não se refere ao *facto de alguém me chamar*, facto que, ao contrá-

(1) A questão dos *adjuntos* do substantivo merece revisão. O sr. Alfredo Gomes, reconhecendo a impropriedade do termo *atributivo* para todos os acessórios do substantivo, sujeito ou objecto, constituiu três classes; a dos *atributivos*, a dos *limitativos* ou *restritivos*, e a dos *relativos* ou *terminativos*. Além disso, admite que alguns substantivos toleram, *excepcionalmente*, adjuntos adverbiais, e alguns advérbios, também excepcionalmente, toleram *adjuntos terminativos*. Mostra isso a hesitação corrente, ainda entre professores.

Eis o que proponho: Das seis funções lógicas, duas, a de *sujeito* e *objecto*, são exercidas por *substantivo* e poderíamos chamar-lhes *função substantiva*, subdividindo-as em *subjectiva* e *objectiva*; uma é exercida por *adjectivos* e cabia-lhe bem o nome de *função adjectiva*; outra é exercida por *advérbios* e tem o nome de *função adverbial*.

É claro que a função adjectiva se subdividirá em tantas quantas as subfunções do adjectivo. Estas são: a) indicar o *atributo*, isto é, um característico essencial ou accidental do substantivo; b) *denotar* ou designar apenas o substantivo sem descrevê-lo, sem mencionar-lhe atributo algum; essa denotação pode ser definitiva ou indefinita. Os próprios adjectivos *assimilativos* se podem legitimamente incluir na função denotativa. Sendo assim, dois hão de ser os adjuntos do substantivo: *atributivos* e *denotativos*, cumprindo discriminá-los na análise, onde, mesmo as orações adjectivas, ora são atributivas, ora denotativas; ex.: «As lavadeiras que subiam a colina, viram-no fugir». A oração *que subiam a colina* não é descritiva ou atributiva; é simplesmente *denotativa*. Os termos *limitativos* e *restritivos* não servem para designar essa função por não terem a extensão suficiente e não se applicarem aos *indefinitos*, muitos dos quais, longe de restringirem, alargam o sentido.

Dos *terminativos*, *adverbiais* e *factitivos* tratarei oportunamente.



rio, afirmo. O *que não sei*, o que declaro não conhecer é a *pessoa que me chama*. Logo, o objecto directo de *não sei* não é toda a oração seguinte, mas o substantivo *pessoa* latente no pronome *quem*, e a oração *que me chama* é uma *oração adjectiva*.

6 — EXEMPLO — *Não sabíamos ONDE FÔRA O INCÊNDIO*.

Nesse exemplo, igualmente, o objecto da declaração de *não sabíamos* não é a oração seguinte, mas o *logar* em que o incêndio lavrara. O objecto é um substantivo latente na palavra sintética *onde* e a oração seguinte é *adjectiva*.

7 — EXEMPLO — *Não sei COMO ÊLE PÔDE SAIR*.

Do mesmo modo que nos exemplos anteriores, o objecto da declaração de *não sei* não se refere ao *pôde sair*, mas ao *MODO* pelo qual êle saiu. Assim, o objecto directo é *modo*, contido na palavra sintética *como*, modificado por uma ORAÇÃO ADJECTIVA: *pelo qual êle pôde sair*.

8 — EXEMPLO — *Não sei QUANDO ÊLE CHEGOU*.

Também nesse exemplo *quando* há de ser decomposto em *o tempo em que*, *a hora em que*, etc.; e a oração de *chegou* é ADJECTIVA, adjunto atributivo do substantivo encerrado nessa palavra sintética.

9 — EXEMPLO — *Não sabemos QUANTO ÊLES COMPRARAM*.

Ainda nesse exemplo *quanto* é palavra sintética e deve ser decomposta em a *quantidade que*, sendo o objecto de *não sabemos* o substantivo *quantidade*, modificado pela ORAÇÃO ADJECTIVA: *que êles compraram*.

10 — EXEMPLO — *Não sabemos PORQUE FUGIU*.

Nesse exemplo, emfim, *porque* é também palavra sintética e deve ser decomposta em *a razão por que*. O objecto de *não sabemos* é *razão* modificada pela ORAÇÃO ADJECTIVA *por que fugiu*.

II — EXEMPLO — *Arranquei-LHE o capacete da cabeça*.

Nesse exemplo o pronome *lhe* não é objecto indirecto; é empregado idiomáticamente como *adjunto atributivo de cabeça* e correspondente a: *arranquei o capacete da cabeça DÊLE*. O mesmo se pode dar com os pronomes *me, te, nos, vos*.

REGRA GERAL: Sempre que os pronomes objectivos indirectos podem ser substituídos por pronomes possessivos formam *adjuntos denotativos* dos nomes a que se referem. Exs.: êle **ME** tirou o livro das mãos; eu vos imploro a protecção valiosa.

III — EXEMPLO: *Nomearam meu tio ESCRIVÃO*.

Nesse exemplo o objecto directo *meu tio* vem acompanhado de um substantivo, com função de adjectivo: *escrivão*, que indica o resultado, para *meu tio*, de uma acção exercida por outro.

Para observar melhor o fenómeno vejamos outros exemplos: *fixeram meu irmão DOENTE*; *vi João BÊBEDO*; *julgaram o réu CRIMINOSO*; *reconheceram-me SENADOR*; *elegeram-no PRESIDENTE*.

Êsses nomes são verdadeiros attributivos apensos aos objectos para designar o *novo estado* ou a nova condição em que se acham.

Chamam uns, a tais attributivos, *adjuntos predicativos*, outros, *adjuntos factitivos*, não sei bem porque. Penso que seria melhor chamar-lhes apostos attributivos, distinguindo-os dos *apostos denotativos*, que logo estudaremos.

Para justificar esta classificação basta ver as frases: *meu tio CORONEL morreu; meu irmão DOENTE chegou* etc.; em que *coronel* e *doente* são nomes *apostos* aos sujeitos, não para caracterizá-los, mas distingui-los por um característico já sabido.

Ora, quando digo: *nomearam meu tio CORONEL*, o substantivo *coronel* é o mesmo *aposto*, nome que, dagora em diante, ficará distinguindo meu tio, profissão que doravante exercerá, cargo que ocupará. (1)

**13** — EXEMPLO: *Mostraram-me o homem ASSASSINADO PELO FILHO.*

(1) Em pura lógica, nessa frase há duas proposições, fundidas numa: 1ª) *nomearam meu tio*, declaração referente a um nome indefinito e representada pelo verbo *nomearam*; 2ª) *meu tio*, por efeito da nomeação, ficou sendo *coronel*: essa declaração refere-se a meu tio, sujeito, e é expressa por *coronel*, predicado.

Todos os livros de lógica consideram tais substantivos ou adjectivos *predicados* e muitos procuram mesmo converter todos os verbos em adjectivo predicado, ligado ao substantivo sujeito por uma *copula*: é. Logo, na frase acima, há realmente dois predicados e bem faríamos, com Donaldson, em chamar-lhes, a um, *primário* e ao outro, *secundário*.

O dr. Alfredo Gomes, não percebendo essa fusão de predicados, processo sintático de abreviação, chama a tais adjectivos e substantivos *adjunctos factitivos*. Seus exemplos mais confirmam a predicção dupla. Com efeito, em «este homem morren impenitente» afirmo duas cousas: a) que o homem morreu; b) que o homem não se confessou. Faço duas declarações referentes ao nome sujeito; logo há dois predicados. Na frase: «encontreio morto de fadiga» há evidentemente elipse: «encontreio-o que estava morto de fadiga» ou: «encontreio-o e estava morto de fadiga» frases em que *morto de fadiga* é o predicado, a verdadeira declaração, sendo *estava* um copulativo verbal designativo do estado *passageiro*.

Ocorre observar que o termo *predicativo*, usado pelo mesmo professor e outros (também lhe chamam *adjuncto predicativo*) deve ser de todo abandonado.

Com efeito, o sr. A. Gomes o define: «termo que completa a significação de um verbo...» e exemplifica: *ele é forte, anda triste, cais doente*, etc. Não posso comprehender como *forte*, complete a significação de *é*, nem *triste* a de *andas*, nem *doente* a de *cais*. Voltaremos a isso.

Nesse exemplo a função atributiva é exercida pela ORAÇÃO: *assassinado pelo filho*, em vez de: *que tinha sido assassinado pelo filho*. Esta oração se diz ADJECTIVA REDUZIDA DE PARTICÍPIO PASSADO.

14 — EXEMPLO: *Vi a judia* ATRAVESSANDO A PONTE.

Nesse exemplo a função atributiva é exercida pela ORAÇÃO REDUZIDA DE GERÚNDIO: *atravessando a ponte*.

15 — EXEMPLO: *Encontramos os pescadores* A RASPAR-REM A BARCA.

Nesse exemplo a função atributiva é exercida pela ORAÇÃO ADJECTIVA REDUZIDA DE INFINITO: *a rasparem a barca*.

### Da função adverbial

1 — EXEMPLO: *Chegamos* HOJE.

Nesse exemplo o predicado, expresso pelo verbo *chegar*, além do seu sentido absoluto, está considerado em relação ao *tempo* em que se realizou o facto. Declara-se portanto o facto e acrescenta-se uma dentre as múltiplas *circunstâncias* que o poderiam particularizar. Tais circunstâncias constituem a *função adverbial* e as palavras ou frases em que se exprimem chamam-se *adjuntos adverbiais*. No exemplo supra a função adverbial é exercida pelo ADVÉRBIO *hoje*.

2 — EXEMPLO: *Chegamos* DE MADRUGADA.

Nesse exemplo o adjunto adverbial *de madrugada* é exercido por uma EXPRESSÃO ADVÉRBIAL.

3 — EXEMPLO: *Ele saiu* COMIGO.

Nesse exemplo a função adverbial é exercida por uma verdadeira expressão adverbial, contraída em pala-

vra adverbial com referência à primeira pessoa e portanto com aspecto de pronome. As expressões *comigo*, *contigo*, *consigo*, *convosco* são realmente do grupo dos chamados pronomes adverbiais.

4 — EXEMPLO: *Cheguei* ANTES QUE AMANHECESSE.

Nesse exemplo o adjunto adverbial de *cheguei* é *antes que amanhecesse*, constituído por uma ORAÇÃO ADVERBIAL.

5 — EXEMPLO: *A moça cantava* ALTO.

Nesse exemplo a circunstância que menciono, relativamente à acção de cantar, vem expressa pela palavra *alto*. Esta palavra, normalmente adjectivo, assume, nessa frase, a função de advérbio indicando o modo pelo qual cantava a moça. É uma PALAVRA ADVERBIAL. (1)

6 — EXEMPLO: AO DEIXAR A ESTRADA, *penetrei no bosque*.

(1) No seu *Methodo de Analyse* (pag. 186) o professor Carlos Góes, no intuito de evitar confusões ao caracterizar-se esse adjunto adverbial expresso por adjectivo, formulou o seguinte critério: «Se o adjectivo é passível de aceitar o sufixo *mente*, se manifestamente modifica antes ao verbo que ao sujeito ou ao objecto (embora concorde aparentemente com qualquér d'estes)—deve classificar-se como adjunto adverbial». Para exemplo, cita: «*Ela caminhava silenciosa* (silenciosamente, em silencio)».

Não posso perceber como *silenciosa* modifique antes o verbo *caminhava* que o sujeito *ela*. Ao contrário, o que me parece evidentíssimo é que *silenciosa* se refere, pura e simpleste, a *ela*, havendo aí, na realidade, dois predicados, pois faço duas declarações: 1ª que *ela caminhava*; 2ª, que *ela estava silenciosa*. *Silenciosa* é, legítimamente, adjunto atributivo de *ela*, mas está incluído no segundo-membro da frase e por isso algúms lhe chamam *adjunto predicativo*.

Se faço esta nota é porque observei, nos exames de preparatórios, o quanto se vai abusando dessa falsa noção, quando o inverso seria mais exacto: é o ensinado por Donaldson que na frase: *ela caminhava silenciosamente*, vê, nesta palavra, um adjectivo sob as aparências de advérbio, pois eu não declaro o modo pelo qual *ela caminhava*, mas o estado em que se achava.

Nesse exemplo a função adverbial é exercida pela ORAÇÃO ADVERBIAL REDUZIDA DE INFINITO: *ao deixar a estrada*, que se pode desenvolver: *logo que deixei a estrada*.

7 — EXEMPLO: PASSANDO A PONTE, *entrei na mata*.

Nesse exemplo o adjunto adverbial: *passando a ponte* é um oração adverbial reduzida de gerúndio, equivalente a outra de infinitivo: *depois de passar a ponte*.

8 — EXEMPLO: PASSADA A PONTE, *entrei na mata*.

Nesse exemplo o adjunto adverbial: *passada a ponte*, vem expresso por uma oração adverbial reduzida de particípio passado, equivalente a outra de gerúndio composto: *tendo passado a ponte*.

RESUMO. — A função adverbial pode ser exercida por: *advérbio*, *palavra adverbial*, *expressão adverbial*, *oração adverbial desenvolvida* ou *reduzida* (de infinito, gerúndio ou particípio passado). (1)

### Da função interjectiva

1 — EXEMPLO — DEUS, Ó DEUS! *Onde estais que não respondes?*

Nesse exemplo as palavras *Deus ó Deus* exprimem a imploração que dirijo a uma entidade mencionada

(1) Ensina o prof. Carlos Góes que o adjunto adverbial pode ser expresso por *substantivo regido de preposição* e exemplifica: *caminhar com pressa*, *proceder com firmeza*, *andar de vagar*. A meu ver há noção falsa aí ou exposição viciosa. Dá-se, nesses casos, ao substantivo, uma função que ele nunca exerce, qual a de modificar um verbo. O substantivo *pressa*, por si, *nada exprime de circunstância*. A força circunstancial está mais na preposição, tanto, que basta substituí-la para alterar o sentido (*sem pressa*). A função adverbial não está portanto, nesses casos, nem no substantivo, nem na preposição totalmente; mas no *todo*, na expressão inteira.

pelo substantivo *Deus*. Êsse apêlo, manifestação de um sentimento, constitúi a *função interjectiva*, verdadeira *frase emotiva* combinada com a frase lógica ou nela embutida.

2 — EXEMPLO — *Oh! exclamou êle.*

Nesse exemplo a função interjectiva é expressa por mera INTERJEIÇÃO.

3 — EXEMPLO — *Raios te partam!*

Nesse exemplo a função interjectiva é exercida por uma ORAÇÃO INTERJECTIVA. Outros exemplos: *dane-se você; não me amole; leve-o a breca; vá para o inferno; etc.*

4 — EXEMPLO — *Com os diabos, que maçada!*

Nesse exemplo a função interjectiva é exercida por duas EXPRESSÕES INTERJECTIVAS.

### Do realce

*Realce*, refôrço ou ênfase é o processo de estilo pelo qual damos intensidade a certas expressões, quér para evitar *ambigüidade*, quér para maior *clareza*, quér por mera *insistência*, para chamar a atenção do interlocutor ou do auditório.

Êsse realce pode ser obtido por *partículas*, por *palavras*, por *expressões*, por *orações*.

II — EXEMPLOS — *O meu livro é este.*

*Os meninos foram TODOS passear.*

*Encontrei UM outro aqui.*

*Êste livro é meu MESMO.*

Nesses exemplos *o*, *todos*, *um* e *mesmos* são puros realces e nenhuma função lógica exercem. O característico da partícula de realce é poder suprimir-se da

frase sem alteração de sentido, notando-se apenas enfraquecimento da expressão.

2 — EXEMPLO — *Faz o pão com trigo novo, TRIGO ÊSTE que comprou na cidade.*

Nesse exemplo a expressão *trigo este* é simples realce operado pela *repetição* do substantivo a realçar e posposição do designativo *este*. Na análise suprime-se toda a expressão que não tem valor sintático, mas puramente estético.

Eis um exemplo de Camões :

Enche-se toda a praia Melindana  
Da gente que vem ver a lêda armada,  
Gente mais verdadeira e mais humana  
Que toda a de outra terra atrás deixada.

(Lus. II, 74)

3 — EXEMPLO — *Venha cá, AONDE EU ESTOU.*

Nesse exemplo a oração *aonde eu estou* é mero realce, do advérbio *cá*, uma espécie de aposição. (1)

(1) Como êsses reales aparecem frequentemente na análise e muito pouco se ocupam dêles as gramáticas cito aqui vários exemplos: a) Nesta frase de Bernardino Ribeiro: «... que também nas cousas que não tinham entendimento, havia fazerem-se nojo umas ás outras (Saudades, cap. II), a última expressão *umas ás outras* é um refôrço do pronome recíproco *se*, para frisar a reciprocidade. Muitas vezes tal refôrço é indispensável para evitar equívoco: ex.: *êles se feriram um aos outros*, ou então *mütuamente*; porque podiam ter-se ferido cada qual a si mesmo. b) Eis um período de João de Barros: «Alegre parece a guerra de fora; mas, quem a experimenta, *este* conhece bem os trabalhos de uma e os bens da outra». Nesse exemplo *este* é um refôrço de *quem a experimenta*, para insistir na determinação. c) Há um refôrço interessante com os pronomes *nada* e *tudo*, verdadeiros pronomes sintéticos; ex.: «Amçaças, súplicas, promessas, *nada* o demoyia do seu propósito»; «O orgulho, a cólera, a ver-



## Bos complementos terminativos

A força predicativa do verbo se conserva geralmente nos substantivos, adjectivos e advérbios dêles derivados ou seus cognatos. Assim, êsses substantivos, adjectivos e advérbios continuam a exigir um *complemento*, verdadeiro objecto directo ou indirecto e a que os gramáticos chamam, imprópriamente: *complementos*, ou *adjuntos terminativos*.

Exemplos :

A sentença *favorece* AOS ADVERSÁRIOS.

A sentença *é favorável* AOS ADVERSÁRIOS.

Deu a sentença *favoravelmente* AOS ADVERSÁRIOS.

No primeiro exemplo o verbo *favorece* pede *objecto indirecto* expresso por *aos adversários*.

Nos outros exemplos o adjectivo *favorável* e o advérbio *favoravelmente* pedem o mesmo objecto indirecto, *aos adversários*, que é o *objecto do favor*.

Outros exemplos :

1º) Noticiou a morte do irmão (objecto directo).

Foi o noticiador da morte do irmão.

gonha, tudo o impelia a tal desforço». d) Há frases inteiras de refôrço, como neste passo de Camões:

Aqui feita do barbaro Gentio

A supersticiosa adoração

Direitos vão, sem outro algum desvio,

Para onde estava o Rei do povo vão.

Inclui-se entre os reforços o *pleonasm*o.

Epiphânio Días (*Gram. port.*, pag. 140) dá como realce ou expletivo as expressões *é que* e *era onde* nas frases: «Os grandes capitães *é que* fazem os grandes exércitos»; *era* nas fileiras *onde* as puas faziam maior estrago». Mas, embora de difícil análise, essas expressões não são suprimíveis; a supressão alteraria o sentido.

Receberam a notícia *da morte do irmão*.

Receberam a notícia *de que o irmão morrerá*.

Neste último exemplo a oração *que o irmão morrerá* é *substantiva*, como em : noticiou *que o irmão morrerá*.

2º) Castigou em proporção *ao crime*.

Proporcionou o castigo *ao crime*.

Castigou proporcionalmente *ao crime*.

Muitos substantivos, adjectivos ou advérbios, embora hajam perdido seus equivalentes verbais, mantêm a força verbal e podem ter objecto ou complemento terminativo; ex.: *útil, à nação* (de *utilidade* à nação). A força verbal de *útil* vem do latim *utilis* derivado de *uti* ou do arcaico *utere*; ambos podiam reger acusativo.

*Resumo* — Os complementos terminativos podem ser exercidos por *substantivos, expressões substantivas* ou *orações substantivas* (desenvolvidas ou reduzidas). (1)

*Nota* — A força verbal de certos substantivos e adjectivos é tão viva que não é raro pedirem *adjuntos adverbiais* (ou complementos terminativos circunstanciais); ex.: São feitos dignos de lembrança *neste famoso registro*.

Nesse exemplo a expressão *neste famoso registro* é o adjunto adverbial de lugar relativo a *lembrança*, como se vê escrevendo: dignos de serem lembrados *neste famoso registro*.

O prof. Carlos Góes não percebe claramente esse valor do *objecto* (função substantiva) dos chamados complementos terminativos e confundiu-os com o adjunto atributivo (função adjectiva). Assim no seu *Methodo* (pag. 107) exemplifica; «Precisamos do auxilio *da religião*», «Necessito do socorro *de Deus*», considerando *da religião* e *de Deus* complementos terminativos. Ora, na pag. 176, tratando do adjunto atributivo, exemplifica: homem *de brio* = *brioso*; *côr de cadaver* = *côr cadaverica*. Não vejo diferença entre esses exemplos e aqueles: auxilio *da religião* é auxilio *religioso*, que a religião pode dar; socorro *de Deus* é socorro *divino*, que Deus nos pode ministrar.

Outro exemplo : Todos admiraram o fruto pendente *entre as folhas verdes*.

Nesse exemplo *entre as folhas verdes* é o adjunto adverbial de *pendente* que conserva todo o seu valor de participio presente.

### Da construção passiva

I — EXEMPLO—O *campo lindo* FOI LOUVADO *pelo poeta*.

Nesse exemplo *campo* não exerce a acção, *sofre-a*. O verdadeiro agente é o *poeta*. Diz-se, então, que o sujeito é *passivo* e que a frase é de construção passiva, estando o verbo na *voz passiva*.

Em português, pode-se construir o predicado passivo de três modos ; a) por um verbo no participio passado conjugado com um auxiliar : *fui ferido por João ; estou dominado por ti ; vive enganado por alguém ; foi expulso pelo pai* — b) por um verbo com a particula apassivadora *se* ; exs. : *chama-se Manoel ; compram-se joias ; vêm-se casas pelos morros* ; etc. — c) por um infinitivo precedido de preposição ; ex. : *casas PARA ALUGAR* = *para serem alugadas*.

No exemplo supra, o *campo lindo* é o sujeito passivo ; o predicado é *foi louvado* e menciona-se, depois, a pessoa que louvou. Esta expressão *pelo poeta* se chama : COMPLEMENTO DE CAUSA EFICIENTE.

Sendo êste complemento o verdadeiro agente, aquele que exerce a acção, podemos transformar a construção passiva em activa, ficando êle como sujeito e mudando o sujeito passivo em objecto directo : *o poeta louvou o campo lindo*.

Note-se que o complemento de causa eficiente não pode vir claro se a construção é feita com a partícula *apassivadora* ou com o infinito, factio comum no português antigo, com raros vestígios actuais.

**2** — EXEMPLO — INTERROGADO O MENINO, *respondeu: não sei.*

Nesse exemplo *interrogado o menino* é uma oração passiva de gerúndio: *tendo sido interrogado o menino*, etc., reduzido o verbo apenas ao *participio passado*.

**3** — EXEMPLO — *Assustei-me com o trovão.*

Nesse exemplo a voz é realmente passiva pois o sujeito sofre a acção sem exercê-la e corresponde à activa: *o trovão me assustou*. Vê-se, por esse exemplo, que também os pronomes *me, te, nos, vos*, podem ser partículas *apassivadoras*. (1)

**4** — EXEMPLO — *Bebe-se muito no verão.*

Nesse exemplo o sujeito da *oração passiva* não se menciona. Diz-se da oração que é *passiva impessoal*, correspondente ao mesmo fenómeno em latim.

### Da aposição

**1** — EXEMPLO — *A judia, FRITICEIRA, matou o poeta.*

Nesse exemplo o substantivo *judia*, sujeito da oração, vem acompanhado de outro substantivo que a dis-

(1) Podia-se considerar também no *assustei-me* o *me* partícula de *mudança de estado* e a expressão *com o trovão* mero adjunto adverbial de causa, tudo equivalente a: *fiquei assustado com o trovão*. Os latinos diferenciavam os dois causativos (de *cousa* e de *pessoa*) por meio da preposição *a*, (*sternitur ventis; mittitur a patre*). Essa mudança de estado é realmente indicada pelo pronome: *zanguei-me* = *fiquei zangado*; *acalmamo-nos*, *ficamos calmos*; *calou-se*, *ficou calado*, etc.

tingue e que lhe explica uma das feições ou qualidades, sem contudo mencionar tal qualidade como característico. Êsse substantivo explicativo, quasi adjectivo (note a differença com: *a judia feiçozeira*), se chama *aposto*.

2 — EXEMPLO — *Este senhor*, SEGUNDO OFICIAL DOS CORREIOS, vai casar-se.

Nesse exemplo o *aposto* é exercido por uma *expressão substantiva*.

3 — EXEMPLO — *Eu lhe disse*: «DESPREZA OS CORTEJADORES.»

Nesse exemplo a oração *despreza os cortejadores* é uma oração *apositiva enunciativa*, pois está apensa ao pronome demonstrativo oculto *ISTO* ou *estas palavras*.

Na análise, sempre que ocorre uma enunciação, o que se assinala com *dois pontos*, não devemos fechar o período nos dois pontos, como se faz comumente, contra o bom senso, mas tornar claro o pronome *isto* objecto directo, e fazê-lo acompanhar da oração apostada ou, às vezes, numerosas orações.

4 — EXEMPLO — *Os meninos iam*, UM de branco, o OUTRO de azul.

Nesse exemplo o sujeito *meninos* é acompanhado dos *apostos*: *um* e *o outro*, adjectivos que indicam *distribuição*. Chamo-lhes, por isso, *apostos distributivos*. O mesmo com os demais prouomes distributivos.

5 — EXEMPLO —

Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente  
Põe-me em perpétuo e misero desterro,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

(Lus. III, 128).

Nesse passo de Camões, *na Scytia* e *na Libia* são adjuntos adverbiais *alternativos* de *põe*. Nesses adjuntos figuram dois substantivos *Scytia* e *Libia* cada qual seguido do mesmo apôsto: *logar*, palavra incluída dentro do pronome sintético *onde*=logar em que.

Eis o quadro geral das funções :

Funções ló- gicas	gerais	subjectiva	Exercida por		
			{ substantivo ou palavra substantiva expressão substantiva oração substantiva pronome ou expressão pronominal		
		predicativa	} ligados ao sujeito por verbo de estado	{ verbo transitivo ou intransitivo substantivo adjectivo pronome	
	especiais	objectiva	(o mesmo que para a subjectiva)		
		adjectiva	{ adjectivo ou palavra adjectiva expressão adjectiva oração adjectiva		
		adverbial	{ advérbio ou palavra adverbiada expressão adverbial oração adverbial		
interjectiva	{ interjeição expressão interjectiva oração interjectiva				

### Do período

Uma só frase ou a seqüência lógica de frases forma um período.

O período é, assim, *simples* ou *composto*.

1 — EXEMPLO — *Ela me escreveu algumas vezes.*

Essa frase constituiu um período simples e se chama *independente absoluta*.

2 — EXEMPLO — *O nosso juiz (BEM O CONHECES) mudou de opinião.*

Nesse exemplo ambas as orações são independentes. A oração *bem o conheces* foi intrometida entre o sujeito e o predicado da outra e representa pensamento à parte. Chama-se *oração independente intercalada*.

3 — EXEMPLO — *Alugamos a chácara E passaremos lá o verão.*

Nesse exemplo o período é composto e as duas orações tem sentidos independentes, estando apenas juxtapostas, unidas pelas conjunção *coordenativa* E. As orações se dizem, por isso, COORDENADAS e o período composto por *coordenação*.

Vindo clara a conjunção a coordenação é *sindética*; vindo oculta é *assindética*.

4 — EXEMPLO — *Tu aprendes PORQUE ESTUDAS.*

Nesse período a oração *Tu aprendes* forma sentido independente e poderia figurar sozinha; mas a oração *porque estudas*, indicadora do motivo pelo qual aprendes, só tem sentido inteligível unida à primeira, sendo impossível separá-la. A primeira oração se diz, assim, PRINCIPAL e a segunda SUBORDINADA, e o período é composto POR SUBORDINAÇÃO.

Observação: Nos períodos compostos por coordenação pura não há *oração principal*.

5 — EXEMPLO — *Melhorarás, SE PASSEARES UM POUCO; pois o ar dos campos tonifica E restaura as forças.*

Nesse exemplo há três orações coordenadas entre si: a do verbo *melhorar*, a do verbo *tonificar* e a do verbo *res-*

*taurar* ; firma-se, porém, uma condição de melhora, expressa pela oração *se passeares um pouco*. Esta oração é *subordinada* e nesse caso o período é composto, ao mesmo tempo, por COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO ; é um período *mixto*.

Note-se que a oração de *melhorarás* é *principal* em relação à de *passeares*.

6 — EXEMPLO — Estudamos matemática, *porque sabemos* QUE ÊSTE ESTUDO ILUSTRA O ESPÍRITO.

Nesse exemplo a oração *porque sabemos* é subordinada à primeira de *estudamos*, e a terceira *que êsse estudo ilustra o espírito* é subordinada à *segunda*. Temos, assim, uma oração subordinada a outra subordinada ; portanto, a primeira subordinada é *principal* em relação à segunda subordinada.

7 — EXEMPLO — TAL era o pai, TAL é hoje o filho.

Nesse exemplo as orações são independentes em sentido, mas se acham presas uma à outra por uma comparação, com *paralelismo* na apresentação dos dois conceitos. Êsse paralelismo se revela pela anteposição do mesmo termo *tal* a cada frase. Chama-se isso CORRELAÇÃO e as duas orações se dizem *correlatas*. *Tal*, nesse exemplo, é o termo *correlativo*.

8 — EXEMPLO — NÃO SOMENTE *procederam mal*, COMO AINDA *acusaram dois empregados innocentes*.

Nesse exemplo as orações são coordenadas em sentido, mas presas pela mesma idéa de correlação. Os termos correlativos são todavia diferentes.

Para analisar tais períodos importa considerar as duas orações como se fôsem coordenadas e decompô-las independentemente.

9 — Sendo tidas, em geral, como caso especial da subordinação, o que é inadmissível, pouco se tem ocupado as gramáticas e os métodos com as correlações, dificultando immensamente o estudo da análise, sobretudo de Camões, onde os períodos correlatos se sucedem.

Insisto, pois, na necessidade de considerar-se a correlação processo de composição do período diferente da coordenação e da subordinação. Só assim podemos, com segurança, habilitar o aluno a reconhecer as correlações latentes, comuníssimas nos clássicos e impedir que errem na classificação, dando-as como uma das três subordinadas. E' que, muitas vezes, vem um só termo da correlação claro, sendo, além disso, muitas orações correlatas tidas pelos mestres como simples subordinadas de comparação.

Eis vários exemplos elucidativos :

- a) Meu desánimo é TAL, QUE não me posso ter em pé.  
Havíamos andado TANTO, que já não víamos o farol.

Nesses dois exemplos a análise da primeira oração deve ser: *sujeito*: meu desanimo; *predicado*: é tal; *tal* porém, equivale a *tão grande* ou *grande tanto*. De modo que o predicado é expresso pelo adjectivo *grande* modificado pela palavra intensiva *tanto*, seguida de uma oração correlata.

Na segunda oração será como se estivesse: havíamos andado *muito*, *tanto* etc.

- b) Êles subiram de modo *que* não os vimos passar.

Nesse exemplo o primeiro termo da correlação está oculto: *de modo tal*; a oração de *não os vimos passar*, ver-

dadeira correlata, é geralmente analisada como *subordinada adverbial de modo*, e as expressões *de modo que*, *de maneira que*, etc.. são registradas nas gramáticas como expressões conjuncionais de modo, o que me parece inadmissível.

### Da oração latente

**1 — EXEMPLO —** *Meus amigos divertiram-se muito, MAS EU NÃO.*

Nesse exemplo a segunda oração *mas eu não* deve ser concluída: *mas eu não me diverti*; isto é, tem o verbo oculto ou melhór subentendido, por figurar na oração anterior. Diz-se que o verbo está subentendido por *zeugma* e que a segunda oração é *latente*.

**2 — EXEMPLO —** *Todos se enganaram, COMO EU.*

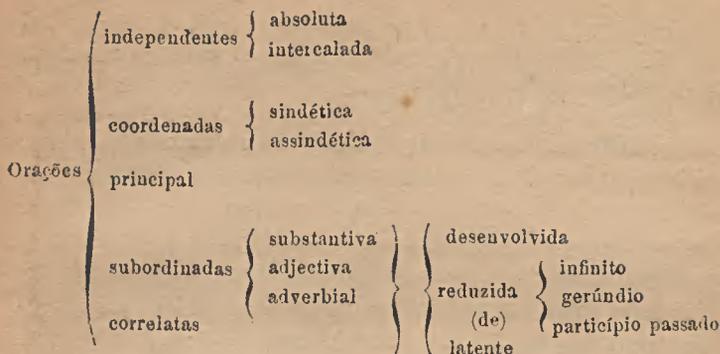
Nesse exemplo a oração latente é: *como eu me enganei* e *como* indica a identidade do modo pelo qual me enganei. A análise deve ser feita como se estivesse: *todos se enganaram do mesmo modo pelo qual eu me enganei*, sendo a oração de *me enganei* CORRELATA (de identidade).

**3 — EXEMPLO —** *Ele não me disse se vinha, OU NÃO.*

Nesse exemplo a oração latente é *ou não*, como se estivesse: *ou se não vinha*. É' uma oração substantiva objectiva directa.

**4 — EXEMPLO —** *Ele caminha tal QUAL MEU IRMÃO.*

Nesse exemplo a oração latente é *qual meu irmão caminha*. É' uma oração correlata.



### Modelos de análise lógica

*Observação* — Não é indiferente, pelo lado pedagógico, a disposição, digamos assim, material, da análise. Muito recomendados e usados nos Estados Unidos são os *diagramas*, onde se resume e se mostra, palpavelmente, todo o período.

À primeira vista, parece tal processo o ideal do método intuitivo, mas a prática me tem demonstrado o inconveniente dêles para os principiantes. É que os diagramas são verdadeiras sínteses e o noviço mal se adapta a enxergar o todo em matérias cujas minúcias não conhece. Além disso, o diagrama não permite a análise completa de um período, ensinando apenas a divisão e interdependência das cláusulas.

A disposição que apresento é a que supponho mais favorável à rápida e profunda penetração do período e à assimilação de todos os segredos da análise lógica. Os resultados obtidos levam-me a aconselhar sua adopção por todos os professores, fruto que é da experiência e de contínuos aperfeiçoamentos.

Convém assinalar, antes de tudo, alguns pontos em que me afasto definitiva e resolutamente do modo comum de analisar. São os seguintes :

a) Não posso admitir a distinção entre *sujeito lógico* e *sujeito gramatical*, ou entre *predicado lógico* e *predicado gramatical*, e várias são as razões dêsse repúdio:—1.<sup>a</sup>) Duas são as funções *lógicas* gerais, a *subjectiva* e a *predicativa*; logo, todo sujeito e todo predicado são *lógicos*; portanto, criar uma classe de sujeitos e predicados *lógicos* é pressupôr que os há *não lógicos*.—2.<sup>a</sup>) A expressão: sujeito e predicado *gramaticais* não tem senso, porquanto *gramatical* significa *da gramática*, referentes à gramática, e nunca ninguém ouviu dizer que houvesse sujeitos e predicados *da gramática*. Essa denominação foi copiada de um absurdo inventado por Mason, gramático inglês, que forjou uma divisão subtilíssima entre o *sujeito lógico*, isto é, a *entidade real ou imaginária* a que se refere a declaração, e o *sujeito gramatical*, isto é, a *palavra* que representa a entidade real ou imaginária. Tal discriminação, sem valor científico ou pedagógico, foi mal compreendida pelos gramáticos brasileiros que chamam *sujeito lógico* à palavra representativa do agente ou paciente *com todos os seus adjuntos* e *sujeito gramatical* à mesma palavra *sem os adjuntos*, coisa contrária à concepção de Mason. O próprio Mason parece ter haurido tal distinção no gramático alemão Becker, sem contudo haver trasladado o que muito acertamente se acha no manual dêsse autor. Quando em português dizemos: *está chovendo*, o sujeito é *indefinido* e nenhuma palavra o representa; mas em francês, inglês e alemão, por exemplo, êsse sujeito indeterminado é representado por uma partícula: *il pleut*; *it rains*; *es regnet*. Becker chama a tais partículas sujeitos



*formais*, porque têm apenas a *forma* de sujeito na frase, sem serem sujeitos reais. Em português, porém, onde semelhantes partículas já não existem, a não ser na linguagem vulgar de certas regiões, tais distinções são absurdas, mantidas pela mais condenável das rotinas, indignas de figurar no ensino das nossas classes.—3ª) A distinguirmos sujeito e predicado lógicos de sujeito e predicado gramaticais, não vejo razão alguma para não estender tal distinção aos objectos e aos adjuntos. Teremos então objecto lógico e gramatical, adjunto adverbial lógico e gramatical.—4ª) Suponhamos a frase: *convém que saíamos juntos*. O sujeito de *convém* é a oração *que saíamos juntos*. Qual será, neste caso, o *sujeito gramatical*? Não existe e nunca existirá sempre que o sujeito viér representado por uma oração ou uma expressão substantiva. Tudo isso para maiores dúvidas e confusões do aluno.

b) Igualmente me parecem fúteis e dispeusabilíssimas as subdivisões das sentenças: *plenas, elípticas, complexas, incomplexas, expositivas, interrogativas, relativas, conjuntivas, etc., etc.*, divisões por vezes erróneas. Se o sujeito não está claro, por exemplo, diz-se *elíptica* a oração, o que é absurdo. Neste caso, o sujeito é que é *elíptico*, mas a oração está claríssima. Só há um caso de oração elíptica, o da oração latente, assinalada por mera conjunção ou partícula, estando subentendidos os termos lógicos.

c) Outra questão de suma importância consiste na divisão das orações. Sigo neste particular, *in totum*, as observações sensatíssimas do gramático francês Texier que mostrou os verdadeiros disparates do sistema tradicional.

Tomemos o seguinte período de Machado de Assis:



«Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava assucar, ia disfarçadamente mirando a bandeja que era de prata lavrada.»

No sistema usual de análise começam pelo contrasenso de chamarem à primeira oração coordenada *principal*, quando só é possível haver *principal* relativamente a *subordinadas*, mas nunca entre duas coordenadas.

No período há realmente uma *principal*; é a oração de *ia mirando*, mas *principal* relativamente às duas subordinadas de *deitava* e *era de prata*.

Texier denomina, muito apropriadamente, tal oração *oração GERAL*, porque dentro dela se encerram, *sem se poderem separar*, as duas outras.

E aqui chegamos ao ponto essencial. O que caracteriza a oração *subordinada* é justamente *não poder separar-se da sua principal*. Que se faz, porém, no método usual de análise? Precisamente o contrário: *separam-se essas orações* da principal e pratica-se o seguinte destempêro: 1.<sup>a</sup> oração: *ia disfarçadamente mirando a bandeja*; 2.<sup>a</sup> *emquanto lhe deitava assucar*; 3.<sup>a</sup> *que era de prata*.

Ora, a segunda oração é *adjunto adverbial da principal* e a terceira é *adjunto atributivo* de um termo da mesma principal. De modo que, quando citamos a principal sem êsses dois adjuntos, a citamos decepada, mutilada de dois termos que a completam, que dela se não podem separar.

Pôr êsse processo chegamos aos mais ridículos desconchavos, ao de mencionar, *verbi gratia*, a oração sem o sujeito ou sem o objecto, apesar de claramente expressos.

Assim, nesta frase: «*Parece-me que tudo está perdido*» a divisão é: 1.<sup>a</sup> oração—*parece-me*; 2.<sup>a</sup> oração—*que tudo está perdido*. Ora, esta segunda oração é precisamente o su-

jeito da primeira e dest'arte, ao mencionar a principal, menciona-a *sem o seu sujeito*! Como fazer então? Como o faz Texier, como indica o bom senso. Nessa frase, a primeira oração, a que Texier chama oração *geral*, é a do verbo *parecer* com o sujeito, isto é, o período inteiro, construído sob o plano da subordinação.

E dividimos assim: 1.<sup>a</sup> oração, *geral*: *parece-me que tudo está perdido*; 2.<sup>a</sup> oração, *subordinada*: *que tudo está perdido*.

O processo rotineiro se mantém por causa do velho e extravagante mandamento de que uma oração *não pode ter mais de um verbo*. Porque não, se o seu sujeito é uma oração, ou se o seu objecto é uma oração, ou se o adjunto adverbial é outra oração? Será lícito, numa oração em que concorrem dois adjuntos adverbiais, um expresso por advérbio, outro expresso por oração adverbial, será lícito, pergunto, incluir na oração principal o primeiro adjunto e excluir dela o segundo? Será razoável, quando o objecto directo é uma oração substantiva, citar a oração principal sem o seu objecto? Até onde pode levar o preconceito aferrado ao tradicionalismo!

d) Finalmente, não logro perceber o motivo justo pelo qual não se analisam as orações ditas de modo infinito, orações reduzidas que se podem perfeitamente desenvolver em outras de modo finito. Ex:

«*Ao passar a ponte a velha teve uma vertigem*». Equivale isso a: «*a velha teve uma vertigem quando passava a ponte*». Em ambos os casos há um verbo *passar*, com um sujeito *a velha*, com um objecto directo *a ponte*.

Logo, em ambos os casos, posso e devo analisar ambas as sentenças, sem o que a análise não será completa.

Feitas essas observações, vejamos alguns modelos, dos mais simples aos mais complicados.

**I** — *SOFIA DEU-LHE A MÃO GENTILMENTE, SEM SOMBRA DE RANCOR.* (Machado de Assis — *Quincas Borba* — 140).

Período simples; consta de uma oração independente, absoluta.

SUJEITO  
*Sofia* { Função subjectiva exercida por um substantivo próprio.

PREDICADO  
*deu-lhe a mão gentilmente, sem sombra de rancor* { Função predicativa exercida por um verbo de predicação dupla, seguido de um objecto directo e outro indirecto e modificado por dois adjuntos adverbiais.

OBJECTO DIRECTO  
*a mão* { Função objectiva directa exercida por um substantivo comum.

OBJECTO INDIRECTO  
*lhe* { Função objectiva indirecta exercida por um pronome objectivo indirecto.

ADJUNTOS ADVERBIAIS  
a) *gentilmente*  
b) *sem sombra de rancor* { Função adverbial exercida:  
a) por um advérbio de modo  
b) por uma expressão adverbial de modo (1)

**II** — *As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ser sido feia aos vinte e cinco annos; mas Sofia primava entre todas ellas.* (*Idem, ibidem.*)

(1) Esta expressão é, a meu ver, e segundo Donaldson, um verdadeiro adjunto attributivo do sujeito. Sigo, porém, o modo geral de interpretação.

Período composto por *coordenação*.

Análise do primeiro membro da coordenação: *as senhoras casadas eram bonitas*.

SUJEITO  
as  
senhoras  
casadas

{ Função subjectiva exercida por um *substantivo* modificado por um *adjunto atributivo* e outro *designativo*.

PREDICADO  
eram bonitas

{ Função predicativa exercida por um *adjectivo* ligado ao sujeito por um verbo de estado permanente.

ADJUNTOS  
a) as (designativo)  
b) casadas (atributivo)

{ Função adjectiva exercida por:  
a) um *adjectivo articular*  
b) um *adjectivo descritivo*

Análise do segundo membro da coordenação (assindético); *a mesma solteira não devia ter sido feia*.

SUJEITO  
a mesma  
solteira

{ Função subjectiva exercida por uma *palavra substantivada*, modificada por um *adjunto designativo*.

PREDICADO  
não devia ter  
sido feia  
aos vinte e  
cinco anos

{ Função predicativa exercida por um *adjectivo*, ligado ao sujeito por uma expressão verbal de estado, com sentido dubitativo e modificado por um *adjunto adverbial*.

ADJUNTO DESIGNATIVO  
a mesma

{ Função adjectiva exercida por um *adjectivo articular* reforçado pela palavra de realce *mesma*.

ADJUNTO ADVERBIAL } Função adverbial exercida  
aos vinte e cinco annos } por uma *expressão adverbial* de  
tempo.

Análise do terceiro membro da coordenação (sindético): *mas Sofia primava entre todas ellas.*

SUJEITO } Função subjectiva exercida por um substan-  
*Sofia* } tivo próprio.

PREDICADO } Função predicativa exercida por um  
*primava entre* } *verbo* de predicação completa modifi-  
*todas ellas* } cado por um adjunto adverbial.

ADJUNTO ADVERBIAL } Função adverbial exercida  
*entre todas ellas* } por uma *expressão adverbial*  
de posição (virtual).

III — *O salário poderia também variar segundo a importância das comunas, quando não fosse cómodo ou possível reunirem-se.*

(A. F. de Castilho—*Coloquios aldeões*, 14)

Período composto por *subordinação*.

Análise da oração *geral* (ou *principal*).

SUJEITO } Função sub. exerc. por um *subst. comum*,  
*O salário* } mod. por um *adjunto designativo*.

PREDICADO } Função predic. exercida por uma *ex-*  
*poderia também* } *pressão verbal* modif. por três adjuntos  
*variar segundo* } adverbiais.  
*etc.*

ADJUNTO DESIGNATIVO } Função adjectiva exercida  
*o* } por um *adjectivo articular*.

<u>ADJUNTOS ADVERBIAIS</u>	{	Função adverbial exercida
a) também		a) por um advérbio de modo.
b) segundo a importância das comunas		b) expressão adverbial de conformidade.
c) quando não fosse cómodo ou possível o reunirem-se		c) orações adverbiais de condição.

Análise de primeira oração subordinada adverbial.

<u>SUJEITO</u> o reunirem-se	{	Func. subj. exercida por uma expressão substantiva.

Análise de segunda oração adverbial, coordenada com a primeira.

<u>SUJEITO</u> (o mesmo)	{	subentendido por zeugma.

<u>PREDICADO</u> não fosse possível	{	Função predicativa exercida por um adjectivo ligado ao sujeito por um verbo de afirmação.

**IV** — *A narração que fizera o Lidador convertera em certeza as desconfianças que o trovador concebera de alguém o haver conhecido na côrte, apesar do seu disfarce. (A. Herc. — O bobo, p. 224)*

Período composto por *subordinação*.

Análise da oração geral.

<u>SUJEITO</u> A narração que fizera o Lidador	{	Função subjectiva exercida por um subst. modificado por dois adjuntos designativos.

PREDICADO

*convertera em certeza  
as desconfianças etc.*

Função predicativa exercida por um verbo de *mudança de estado* seguido de um *objecto directo*.

OBJECTO DIRECTO

*as desconfianças  
que o trovador  
concebera de  
alguém etc.*

Função objectiva exercida por um *substantivo modif.* por *dois adjuntos* e seguido de um complemento terminativo e outro predicativo.

COMPLEMENTO PREDICATIVO  
(do objecto)

*em certeza*

Função predicativa exercida por um substantivo (*indicador do resultado da mudança expressa pelo verbo*). (1)

ADJUNTOS

- a) a (designativo).  
b) que fizera o Lida-  
dor (id.)  
c) que o trovador  
concebera (id.)*

Função adjectiva exercida:  
a) por um adjectivo articular.  
b) }  
c) } por duas orações adjectivas.

COMPL. TERM.

*de alguém o haver  
conhecido na  
côrte etc.*

Função subst. exercida por uma *oração substantiva* reduzida de infinito.

(1) Segundo Donaldson seria um *predicado secundario de desconfianças*. Seria absurdo considerar *em certeza* adjunto adverbial, pois não há nenhuma circunstância. A frase equivale a: tornar as desconfianças *certeza*.

Análise da primeira oração adjectiva: *que fizera o Lidador.*

SUJEITO  
o Lidador } Função subj. exerc. por um *substantivo* mo-  
modif. por um *adj. designativo.*

PREDICADO  
que fizera } Função pred. exerc. por um *verbo* de  
pred. incompleta seguido de objecto  
*directo.*

OBJ. DIRECTO  
que } Função objectiva exercida por um *pro-*  
*nome relativo.*

ADJ. DESIG.  
o } Função *adject.* exercida por *adjectivo*  
*articular.*

Análise da segunda oração adjectiva: *que o trovador concebera.*

SUJEITO  
o trovador } Func. subj. exerc. por um *subst.* mod. por  
um *adj. desig.*

PREDICADO  
que concebera } Função predic. exercida por um *verbo*  
de predicação incompleta seguido de  
*obj. dir.*

OBJECTO DIRECTO  
que } Função objectiva exercida por  
um *pronome relativo.*

Análise da oração substantiva: *de alguém o haver conhecido na côrte apesar do seu disfarce.*

SUJEITO  
alguém } Função subj. exercida por um *pronome in-*  
*definito.*

PREDICADO  
o *haver conhecido* na côrte  
apesar de seu  
disfarce

{ Função predicativa exercida por um verbo seguido de objecto directo e modif. por dois adjuntos adverbiais.

OBJECTO DIRECTO  
o

{ Função obj. exerc. por um *pronome objectivo directo*.

ADJUNTOS ADVERBIAIS

a) na côrte  
b) apesar de seu disfarce

{ Função adverb. exerc. por :  
a) { expressões adverbiais,  
uma de lugar, outra  
b) { de concessão.

V — Não é só isso, interrompeu o cavaleiro, é necessario que ainda hoje vás ao soveral que se estende junto ao vau do Avizela.

(Alex. Herc., *O bobo*, 1866, p. 136).

Período composto por *coordenação* e *subordinação* e onde existe uma oração *independente intercalada* : interrompeu o cavaleiro.

Análise da oração intercalada.

SUJEITO  
o *cavaleiro*

{ Função subj. exerc. por um *substantivo* modif. por um adjunto designativo.

PREDICADO  
*interrompeu*

{ Função predic. exerc. por um *verbo* de predic. completa.

ADJUNTO DESIGN.  
o

{ Função atrib. exerc. por um *adjectivo art.*

Análise do primeiro membro da coordenação : não é só isso.

SUJEITO  
o que tens de  
fazer } oculto por elipse

PREDICADO  
não é só isso } Função pred. exerc. por um *pronomo demonstrativo* ligado ao suj. por um verbo de afirmação e precedido de uma *partícula de exclusão*.

Análise do segundo membro da coordenação: *é necessário que ainda hoje vás ao soveral que se estende junto ao vale do Avicela* (composto por *subordinação*).

SUJEITO  
que ainda hoje  
vás, etc. } Função subj. exercida por uma *oração substantiva*.

PREDICADO  
é necessário } Função predic. exercida por *adjectivo* ligado ao sujeito por um verbo de afirmação.

Análise da *oração substantiva subjectiva*: *que ainda hoje vás etc.*

SUJEITO  
*tu* } Função subj. exercida por um *pronomo pessoal*  
oculto por elipse.

PREDICADO  
ainda hoje vás  
ao soveral  
que, etc. } Função predicativa exerc. por um *verbo* de pred. compl. modif. por dois adjuntos adverbiais.



ADJUNTOS ADVERBIAIS

a) *ainda hoje*

b) *ao soveral* que etc.

Função adv. exercida por :  
 a) um *advérbio* de tempo reforçado por uma palavra de realce (*ainda*).  
 b) uma *expressão adverbial* de lugar em que entra um *substantivo* (*soveral*) modif. por uma *oração adjectiva*.

Análise da *oração adjectiva* : que se estende junto ao vau do Avicela.

SUJEITO

*que*

{ Função subj. exerc. por um  
 { *pronome relativo*.

PREDICADO

*se estende junto ao vau do Avicela*

{ Função pred. exercida por um verbo de pred. completa, pronominado (1) modif. por um *adjunto adverbial*.

ADJUNTO ADVERBIAL

*junto ao vau do Avicela*

{ Função adverbial exercida por uma *expressão adverbial* de lugar.

**VI** — As últimas palavras dêle, proferidas com gravidade, mas sem tom de ira, foram estas : «D'hora em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo ; mas, diante da senhora, sou um estranho».

Período composto por coordenação e subordinação.

Análise do primeiro membro da coordenação : *As últimas palavras dêle, proferidas com gravidade, mas sem tom de ira, foram estas* :

(1) Sendo o sujeito uma entidade inanimada o pronome *se* não pode ser objecto, ou será apenas objecto *figurado*.

SUJEITO  
as últimas  
palavras dêle  
proferidas  
etc. } Função subj. exercida por um *substantivo*  
modif. por quatro adjuntos denotativos.

PREDICADO  
foram estas : } Função predic. exercida por um prono-  
me demonstrativo ligado ao sujeito por  
um verbo de afirmação e seguido de um  
*período apositivo*.

ADJUNTOS DESIGNATIVOS } Func. adjectiva exercida por :  
a) as } a) adj. articular  
b) últimas } b) adjectivo ordinal  
c) dêle } c) expressão adjectiva posses-  
siva  
d) proferidas com gravi- }  
dade }  
e) (proferidas) sem tom } *d e e* { orações adjectivas redu-  
de ira } zidas de partic. passado.

Análise da primeira oração reduzida de participío.

SUJEITO  
(palavras) } subentendido por *zeugma*

PREDICADO  
proferidas com } Função pred. exercida por um *verbo* na  
gravidade } voz passiva modif. por adjunto ad-  
verbial.

ADJUNTO ADVERBIAL  
com gravidade } Função adv. exercida por uma  
expr. adv. de modo.

Análise da segunda oração adj. red. de part. pas.  
(latente).

Tem os mesmos termos da primeira diferindo apenas no adjunto adverbial que é: *sem tom de ira*.

Análise do período apositivo: *D'ora em diante etc.*, composto por coordenação.

Primeira oração coordenada: *d'hoja em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo*.

SUJEITO  
*eu* } Função subj. exerc. por um *pronomo pessoal*.

PREDICADO  
*continuo a ser seu marido* } Função pred. exercida por *substantivo* ligado ao sujeito por uma *expressão verbal* de afirmação, onde se declara a *continuidade* do predicado principal (1), e que vem modif. por um *adj. adv.*

ADJUNTO DESIGNATIVO  
*seu* } Funç. *adjectiva*. exerc. por um *adjectivo possessivo*.

ADJUNTO ADVERBIAL  
*perante o mundo* } Função *adv.* exercida por uma *expressão adverbial* de posição figurada.

Análise da segunda oração coordenada: *mas, diante da senhora, sou um estranho*.

SUJEITO  
*eu* } Subentendido por *zeugma*.

(1) Na realidade há dois predicados, porquanto há duas declarações: a primeira de que sou *marido* e a segunda de que o meu estado de marido *continua*. Para Donaldson *marido* seria o predicado *primário* e *continuo* o *secundário*.

PREDICADO  
sou um *estranho*  
diante da se-  
nhora

{ Função predic. exerc. por uma *pala-  
vra substantivada* modif. por um adj. de-  
sign. e ligada ao sujeito por um verbo  
de afirmação modif. por um adjunto  
adverbial.

ADJUNTO DESIGNATIVO  
*um*

{ Função adjec. exerc. por  
um adject. indefinito.

ADJUNTO ADVERBIAL  
*diante da senhora*

{ Função adv. exerc. por  
uma expressão adverb. de po-  
sição figurada.

**VII** — O sol que outr'ora vida difundia  
Sôbre a panda alcatifa da floresta,  
Hoje reseca as monstruosas ruínas  
Dêsse templo sagrado, onde mil flores  
Nas perfumadas asas entretinham  
Como vestais, a sacrosanta essência.

(Porto-Alegre—*Brasilianas*—1863 - p. 62).

Período composto por *subordinação*.

Análise da oração *geral*.

SUJEITO  
O sol que outrora  
vida etc.

{ Função subj. exerc. por um *substan-  
tivo* modif. por dois *adjuntos*.

PREDICADO  
Hoje *reseca*  
as monstruosas  
ruínas etc.

{ Função predic. exerc. por um *verbo* de  
predicação incomp. seguido de um *obj.*  
*dir.* e modif. por um *adj. adv.*

OBJECTO DIRECTO  
as monstruosas  
ruínas desse tem-  
plo, etc.

{ Função objet. dir. exercida por  
um *substantivo* modif. por três ad-  
juntos.

ADJUNTOS

a) o (designativo)  
b) que outrora vida di-  
fundia (atrib.)  
c) as (designativo)  
d) monstruosas (atrib.)  
e) desse templo srgrado  
onde etc. (design.)

{ Função adjectiva exercida por :  
a) e c) adjectivos articulares  
b) oração adjectiva  
d) adjectivo descriptivo  
e) expressão adjectiva onde entra  
um *substantivo* (*templo*) mo-  
dif. por uma oração adjectiva.

ADJUNTO ADVERBIAL  
hoje

{ Função adv. exercida por um  
*advérbio* de tempo.

Análise de primeira oração adjectiva.

SUJEITO  
que

{ Função subj. exercida por um pronome re-  
lativo.

PREDICADO  
outrora vida di-  
fundia sôbre etc.

{ Função predic. exercida por um *verbo*  
de acção de pred. incompl. seguido  
de obj. dir. e modif. por dois adjun-  
ctos adverbiais.

OBJECTO DIRECTO  
vida

{ Função obj dir. exerc. por um *su-  
bstantivo*.

ADJUNTOS ADVERBIAIS

a) outrora  
b) sôbre a panda alca-  
tifa da floresta

{ Função adv. exerc. por :  
a) um *advérbio*  
b) uma *expressão adverbial*

Análise da segunda oração adjectiva.

SUJEITO } Função subj. exercida por um *substantivo*.  
*mil flores* } (modif. por um adj. atrib.

PREDICADO } Função predic. exercida por um *verbo de*  
*nas perfumadas aras* } predicação incompleta seguido de obj. dir.  
*entretinham etc.* } e modif. por três adj. adverb.

OBJECTO DIRECTO } Função obj. dir. exerc. por um *sub-*  
*a sacrosanta* } *stantivo*.  
*essência*

ADJUNTOS } Função adjectiva exercida por :  
*a) mil (design)* } *a) adjectivo* indefinito  
*b) a (design.)* } *b) adjectivo* articular  
*c) sacrosanta* } *c) adjectivo* descritivo  
*(atrib.)*

ADJUNTOS ADVERBIAIS } Função adv. exerc. por :  
*a) onde.* } *a) advérbio* de lugar  
*b) nas profundas aras* } *b) expressão* adverbial  
*c) como vestais* } *c) oração* adverbial latente.

Análise da oração adverbial latente : *como vestais entretreteriam.*

SUJEITO } Função subj. exercida por um *substantivo*.  
*vestais*





PREDICADO } Função pred. exerc. por um verbo de  
*existe nas* } predic. completa modif. por um ad-  
 arcas do haver } junto adverbial.

ADJUNTO AEVERBIAL } Função adverbial exerc. por  
*nas arcas do haver* } uma expressão adverbial.

Análise da oração adjectiva : *que tu dizes.*

SUJEITO } Função subj. exerc. por um *pronomo pessoal*  
*tu* } subjectivo.

PREDICADO } Função pred. exerc. por um *verbo* de  
*que dizes* } pred. incomp. seguido de um obj. dir.

OBJECTO DIRECTO } Função obj. exerc. por um *pronomo*  
*que* } relativo.

Segundo membro da coordenação : *mas, de certo, etc.*  
 (composto por *subordinação.*)

Análise da segunda oração coordenada *geral* (prin-  
 cipal).

SUJEITO } Subentendido por zeugma (expresso na ora-  
*tu* } anterior).

PREDICADO } Função predic. exerc. por um *verbo*  
*não queres que* } volitivo de predic. incomp. seguido  
 um rei, etc. } de um objecto directo.

OBJECTO DIRECTO } Função object. dir. exercida por  
*que um rei de Portu- gal caminhe etc.* } uma oração substantiva.

Análise de oração substantiva :

SUJEITO  
um rei de Portugal } Função subj. exerc. por uma expressão substantiva, modif. por um adjunto.

PREDICADO  
caminhe por seu reino etc. } Função pred. exercida por um verbo de acção, pred. compl. modif. por dois adjuntos adverbiais.

ADJUNTO  
um (denot.) } Função adject. exercida por um adjectivo indef.

ADJUNTOS ADVERBIAIS  
a) por seu reino  
b) comoromeiro mendigo } Função adverbial exerc. por  
a) expressão adv. de lugar  
b) expres. adv. onde há uma correlação.

Análise da oração correlata latente: do mesmo modo queromeiro mendigo caminhará.

SUJEITO  
romeiro mendigo } Função subj. exerc. por subst. mod. por adj. atr.

PREDICADO  
caminharia } Função pred. exerc. por verbo de pred. compl. oculto por zeugma.

**IX** — Quantos presenciaram tantas maravilhas e quantos as ouviram referir ficaram tomados de espanto, e uns e outros clamavam: «Quem julgais que virá a ser este menino?»

(Rebello da Silva—*Fastos da Igreja*—I, 153)

Período composto por coordenação.

Primeiro membro da coordenação: *Quantos presenciaram... tomados de espanto* (composto por subordinação).

Análise da oração geral do primeiro membro da coordenação.

SUJEITO  
*quantos* presen-  
 cearam... e *quan-*  
*tos* ouviram etc. } Função subj. exercida por uma pala-  
 vra sintética (*quantos* = TODOS AQUELES  
 QUE) equivalente a um pronome de-  
 monstrativo reforçado (por *todos*)  
 modif. por dois adjuntos.

PREDICADO  
 ficaram tomados  
 de espanto } Função predicativa exercida por uma  
 expressão adjectiva (*tomados de espanto*  
 = ESPANTADOS) ligada ao sujeito por  
 um verbo de mudança de estado (ficaram).

ADJUNTOS DESIGNATIVOS  
 a) que presencaram tan-  
 tas maravilhas } Função adjectiva exercida  
 por duas *orações adjectivas*.  
 b) que as ouviram referir

Análise da *primeira oração adjectiva*.

SUJEITO  
 que } Função subj. exerc. por um *pronome relativo*  
 latente na palavra sintética *quantos*.

PREDICADO  
 presenciaram  
 tantas maravilhas } Função pred. exerc. por um ver-  
 bo de predic. incompl. seguido  
 de um *objecto directo*.

OBJECTO DIRECTO  
 tantas maravilhas } Função objectiva dir. exercida  
 por um subst. comum modif.  
 por um adj. denotativo.

ADJUNTO DENOTATIVO  
 tantas } Função adjectiva exer. por  
 um *adjectivo indefinito*.

Análise de *segunda oração adjectiva*.

SUJEITO { (já analisado).  
que

PREDICADO { Função predic. exercida por um  
as ouviram referir } verbo de predic. incomp. seguido de um *objecto directo*.

OBJECTO DIRECTO { Função objet. dir. exercida por  
as referir } uma *oração reduzida de infinitivo*.

Análise da *oração substantiva red. de inf.*

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *pronomine pessoal*  
as } *objectivo* (acusativo sujeito de infinito).

PREDICADO { Função predic. exerc. por um *verbo*  
referir } na voz passiva (*serem referidas*) sem complemento de causa eficiente claro. (1)

Segundo membro da coordenação : *e uns e outros clamavam* : «*Quem julgais etc.* (composto por *aposição e subordinação*).

Análise da *oração geral* do segundo membro da coordenação.

SUJEITO { Função subj. exerc. por uma *expressão*  
*uns e outros* } *pronominal indefinita distributiva* (equivalente a *todos*).

(1) Peder-se hia entender a voz activa, sendo o sujeito, indefinido (*alguém, o povo*) e *as* objecto directo.

PREDICADO  
*clamavam etc.* } Função predic. exerc. por um *verbo*  
de predic. incompl. seguido de um  
*objecto directo elliptico.*

OBJECTO DIRECTO  
*estas palavras* } oculto por elipse e seguido de um  
*periodo apositivo* (composto por su-  
bordinação).

Análise da *oração geral* do período apositivo.

SUJEITO  
*vós* } Função subj. exerc. por um *pronome pessoal*  
*subjectivo* oculto por elipse.

PREDICADO  
*julgais que êste menino etc.* } Função pred. exerc. por um *verbo*  
de predic. incompleta seguido de um  
*objecto directo.*

OBJECTO DIRECTO  
*que êste menino virá a ser quem?* } Função obj. dir. exerc. por uma  
*oração substantiva objectiva.*

Análise da *oração substantiva.*

SUJEITO  
*êste menino* } Função subj. exerc. por um *substantivo*  
modif. por um *adj. design.*

PREDICADO  
*virá a ser quem (qual pessoa?)* } Função predic. exerc. por um *pronome*  
*indefinito* com forma interrogativa, li-  
gado ao sujeito por uma expressão ver-  
bal de mudança de estado (*virá a ser*).

ADJ. DESIGN.  
*êste* } Func. *adject. exerc.* por um *adject.*  
*demonstrativo.*

X — Ao terceiro dia que era o aprezado para os Castelhanos se virem à nossa fortaleza, se poz Fernão de Souza mais galante para demonstração do gosto com que esperava os hospedes que foi buscar ao mar.

(Jacinto Freire—*Vida de D. João de Castro*—20).

Período composto por *subordinação*.

Análise da *oração geral*:

SUJEITO	}	Função objectiva exerc. por uma <i>expressão substantiva própria</i> .
Fernão de Souza		

PREDICADO	}	Função predicat. exerc. por um <i>verbo de pred. incompl. seguido de objecto directo e modif. por um adj. adv.</i>
se poz mui galante para demonstração etc.		

OBJECTO DIRECTO	}	Função obj. dir. exerc. por um <i>pronom. obj. dir. reflexivo</i> seguido de um <i>adjunto atrib.</i> (1)
se mui galante		

ADJUNTO ATRIB.	}	Função adjectiva exercida por um <i>adjectivo no grau superlativo</i> .
mui galante		

ADJUNTOS ADVERBIAIS	}	Função adv. exerc. por : a) <i>expr. adv. onde entra um subst. (dia) modif. por uma oração adjectiva ;</i> b) <i>expr. adv. onde entra um substantivo (gosto) modif. por um oração adjectiva.</i>
a) <i>ao terceiro dia</i> etc. b) <i>para a demonstração do gosto</i> etc.		

(1) Segundo Donaldson são dois predicados, um *primário* (se poz) e outro *secundário* (galante). Realmente são duas *declarações* que fazemos a respeito do sujeito.

Análise da *primeira oração adjectiva* :

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *pronome relativo*.

PREDICADO  
era o aprazado para etc. { Função predic. exerc. por um *pronome demonstrativo* ligado ao suj. por um verbo de afirmação e modif. por uma *oração adjectiva*.

Análise da *oração adjectiva* reduzida de participio passado: aprazado para os Castelhanos etc. (*que fôra aprazado*).

SUJEITO — oculto por elipse.

PREDICADO  
aprazado para etc. { Função pred. exerc. por um *verbo* de predic. compl. modif. por um adj. adverb.

ADJUNTO ADVERBIAL  
para os Castelhanos se virem etc. { Função adv. exercida por *oração adverbial de fim*.

Análise da *oração adverbial* de fim.

SUJEITO  
os Castelhanos { Função subj. exerc. por um *subst.* modif. por um adj. denot.

PREDICADO  
se virem à nossa fortaleza { Função predic. exerc. por um *verbo* de predic. completa seguido de uma *particula de realce* (se) e modif. por um adjunto adverb.

ADJUNTO DESIGN.  
os { Função *adjectiva* exerc. por um *adjectivo articular*.

ADJUNTO ADVERBIAL } Função adverbial exerc. por uma  
*à nossa fortaleza* } *expr. adverb. de lugar.*

Análise da *segunda oração adjectiva desenvolvida*.

SUJEITO } Função predic. exercida por um *pronom*  
*ele* } *pessoal subj. oculto por elipse.*

PREDICADO } Função predic. exercida por um *ver-*  
*com que esperava* } *bo* de predicação *incompl.* seguido  
*os hóspedes etc.* } de objecto directo e modif. por um  
 } *adj. adverbial.*

OBJECTO DIRECTO } Função obj. exerc. por um *substan-*  
*os hóspedes* } *tivo* modif. por dois adjuntos desig.  
*que foi etc.* }

ADJUNTOS DESIG. } Função adjectiva exerc. por  
*a) os* } *a) um adjectivo articular.*  
*b) que foi buscar* } *b) uma oração adjectiva.*  
*ao mar* }

ADJUNTO ADVERBIAL } Função adverb. exerc. por uma  
*com que* } *expr. adverbial.*

Análise da *terceira oração adjectiva desenvolvida*.

SUJEITO } subentendido por *zeugma*.  
*ê* }

PREDICADO } Função predic. exerc. por uma *expressão*  
*foi buscar* } *verbal* de pred. *incompl.* seguid de obj.  
*ao mar* } *dir.* e modif. por um adjunto adverb.

OBJECTO DIRECTO } Função obj. exerc., por um *pron.*  
*que* } *relativo.*

ADJUNTO AVERBIAL } Função adv. exerc. por uma *expr.*  
*ao mar* } *adverbial.*

**XI**—Mas, o que mais que tudo custa é o peccado, e quando viér a hora de o pagarmos, então saberemos como nos sahe carissimo; e com tudo não ha fabrica nem occupação que mais ferventes tenha que o peccado.

(Pe Manuel Bernardes—*Paraíso dos contemplativos*  
 —1761—p. 52).

Período composto por *coordenação*, *subordinação* e *correlação*:

PRIMEIRO membro da coordenação: *Mas o que mais que tudo custa é o peccado* (composto por *subordinação*).

Análise da *oração geral* do primeiro membro da coordenação (reversível).

SUJEITO }  
*o que mais* } Função subj. exerc. por um *pronome demons-*  
*que tudo* } *trativo* modif. por um adj. design.  
*custa* }

PREDICADO } Função predic. exerc. por um *substantivo*  
*é o peccado* } ligado ao suj. por um verbo de afirmação.

ADJUNTO DESIGN. } Função adjectiva exerc. por uma  
*que mais que tudo* } *oração adjectiva.*  
*custa* }

Análise da *oração adjectiva*.

SUJEITO } Função subj. exerc. por um *pronome rela-*  
*que* } *tivo.*

PREDICADO  
*custa mais*  
*que tudo* } Função predic. exerc. por um verbo  
 de pred. compl. modif. por um advér-  
 bio de intensidade (mais) seguido  
 de uma *oração correlata*.

Análise da *oração correlata* (latente): *que tudo custa*.

SUJEITO  
*tudo* } Função subj. exerc. por um *pronome indefinito*.

PREDICADO  
*custa* } Função predic. exerc. por um *verbo* suben-  
 tendido por *zeugma*.

SEGUNDO membro da coordenação: *quando vier a hora de o pagarmos então saberemos como nos sai caríssimo* (composto por subordinação).

Análise da *oração geral* do segundo membro da coordenação.

SUJEITO  
*nós* } Função subj. exerc. por um *pronome pessoal*  
*subjectivo* oculto por *elipse*.

PREDICADO  
*saberemos como*  
*nos sai etc.* } Função predic. exerc. por um *verbo*  
 de predic. incompl. seguido de um  
 objecto directo e modif. por um  
 adjunto adverb.

OBJECTO DIRECTO  
*como nos sai*  
*caríssimo* } Função objectiva directa exerc. por  
 uma *oração substantiva* precedida de  
 um advérbio de intensidade (como  
 = quanto). (1)

(1) Na realidade há dois objectos da declaração, um primário e outro secundário. Com efeito, declara o autor duas coisas: 1ª *saberemos que o pécado sai caríssimo*; 2ª *saberemos quanto nos sairá caro*. Esses dois objectos se acham fundidos numa só frase.

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adverbial exerc.  
quando vier a hora de o } por uma *oração adverbial*  
pagarmos } de tempo.

Análise da *oração adverbial*.

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *substan-*  
a hora } *tivo* modif. por dois adj. design.  
de o pagarmos }

PREDICADO { Função predic. exerc. por um *verbo* de  
*vier* } predic. compl.

ADJUNTOS DESIGN. { Função adjectiva exerc. por :  
a) *a* } a) *adjectivo* articular  
b) de o pagarmos } b) *oração* adjectiva reduzida de in-  
finito.

Análise da *oração adjectiva reduzida de infinito*.

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *pronome pessoal*  
*nós* } oculto.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um *verbo* de pre-  
o pagarmos } dicação incomp. seguido de um objecto  
directo.

OBJECTO DIRECTO { Função objectiva exerc. por um  
o } *pronome pessoal* objectivo directo.

SEGUNDO membro da coordenação : *com tudo não ha  
fábrica... que etc.*

SUJEITO—indefinito.

PREDICADO { Função pred. exerc. por um *verbo* de  
há fábrica... predic. incompl. seguido de objecto  
que etc directo.

OBJECTO DIRECTO { Função objectiva exerc. por um  
fábrica... que substantivo modif. por um adj. de-  
tenha etc. sign.

ADJUNTO DESIGN. { Função adjectiva exerc. por  
que tenha mais ferventes oração adjectiva.

Análise da oração adjectiva.

SUJEITO { Função subjectiva exerc. por um *pronome re-*  
que lativo.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um  
tenha ferventes mais verbo de pred. incompl. seguido  
que... de um *objecto directo* e modif. por  
uma palavra intensitiva (*mais*)  
seguida de uma *oração correlata*  
(que o pecado).

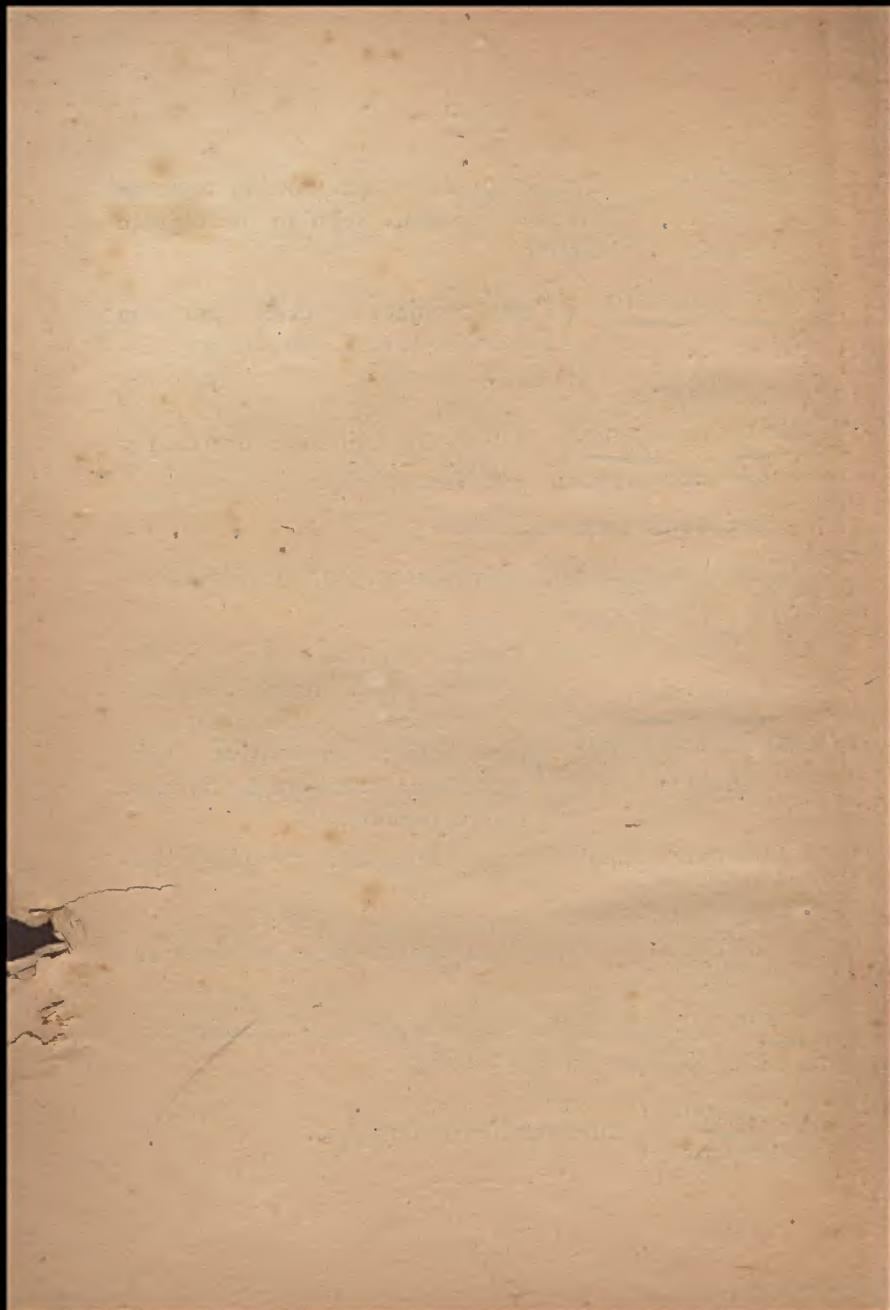
TERCEIRO membro da coordenação : *nem (há) ocupa-*  
*ção que tenha etc.*

Mesma análise que para o *segundo membro.*

Análise da *oração correlata latente* : que o pecado (tem  
ferventes).

SUJEITO { Função subj. exercida por um *substantivo mo-*  
o pecado dif. por um adj. design.

PREDICADO { subentendido por *zeugma.*  
tem ferventes



## INDICE

Advertência.....	5
Noções preliminares.....	7
Lexiologia.....	8
Fonemas (quadro geral).....	9
Encontros vocálicos, ditongos, tritongos.....	10
Sinais diacríticos (quadro).....	13
Modelos de análise fonológica.....	13
Substantivo.....	15
Verbo.....	16
Adjectivo.....	18
Pronome.....	23
Advérbio.....	26
Palavras (quadro geral).....	32
Preposição.....	35
Conjunção.....	38
Interjeição.....	45
Modelo de análise taxionómica.....	46
Morfologia.....	47
Desinências (quadro).....	50
Formação dos tempos.....	51
Prefixos latinos.....	54
Prefixos gregos.....	79
Palavras-prefixos gregos e radicais gregos.....	91
Sufixos.....	104
Modelos de análise morfológica.....	149
Das funções,.....	151
Funções lógicas (quadro).....	176
Do período.....	176
Orações (quadro).....	181
Modelos de análise lógica.....	186

## ERRATA

---

PAG.	LINHA	LEIA-SE
22	— nota 2 <sup>a</sup>	<i>qual</i>
30	— 1	frase
34	— 22	gramaticais
46	— 1	classificá-las
86	— 25	epitáfio
89	— 28	forma
117	— 16	espanhol
129	— 1 a 2	parentescas
130	— 10	avaro
150	— 11	<i>Nt</i> , desinência do particípio presente.
160	— 12	objectiva
—	— 13	<i>livro</i>



DO MESMO AUTOR

SONETOS — (1ª serie 1905-1911) — 1 vol. br.....	2\$000
SONETOS — (2ª serie — 1911-1919) — 1 vol. br.....	4\$000
ODE AO SOL — (1912-1913) — 1 vol: br.	3\$000
ESTUDOS DE PHONOLOGIA — (these de concurso ao Collegio Pedro II — 1916:— 1 vol. br (esgotado).....	

Brevemente: **Manual de estilo** (descrições,  
narrações, dissertações, cartas, diálogos,  
etc.)

